



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Clarice Bieler

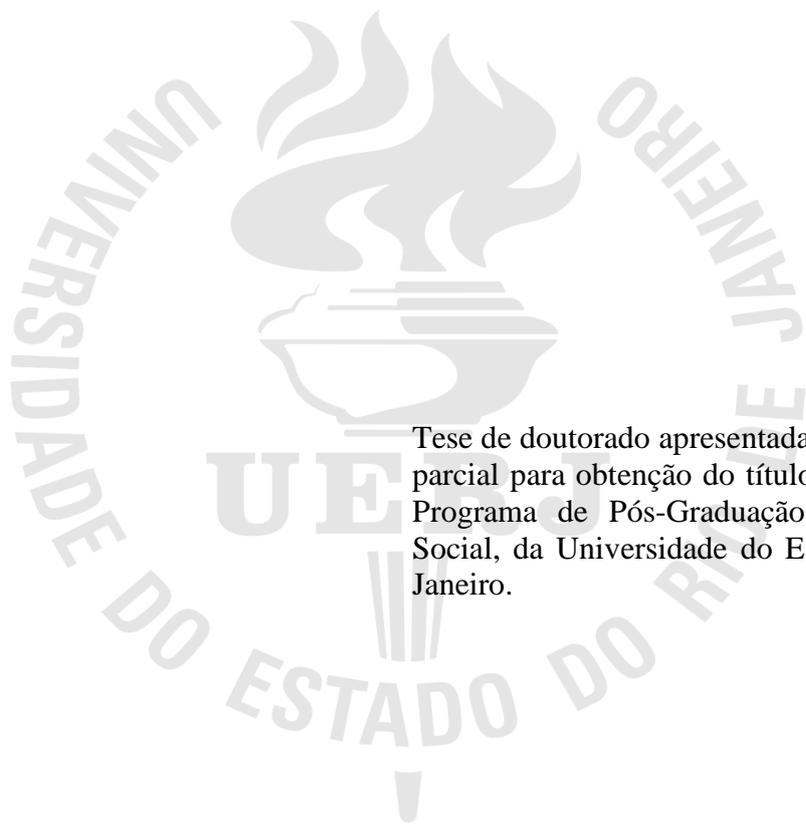
**Trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê e metas
maternas de socialização emocional**

Rio de Janeiro

2021

Clarice Bieler

**Trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê e metas
maternas de socialização emocional**



Tese de doutorado apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Maria Leal Fernandes Mendes

Rio de Janeiro

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

B587

Bieler, Clarice.

Trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê e metas
maternas de socialização emocional / Clarice Bieler. – 2021.
114 f.

Orientadora: Deise Maria Leal Fernandes Mendes
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Psicologia.

1. Psicologia Social – Teses. 2. Trocas afetivas – Teses. 3.
Interações mãe-bebê – Teses. 4. Expressões emocionais de bebês –
Teses. I. Mendes, Deise Maria Leal Fernandes. II. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

mvf

CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Clarice Bieler

**Trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê e metas
maternas de socialização emocional**

Tese apresentada, como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia Social, da Universidade do
Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 14 de maio de 2021

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Deise Maria Leal Fernandes Mendes (Orientadora)
Instituto de Psicologia - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Luciana Fontes Pessôa
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Carla Cristine Vicente
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Karla da Costa Seabra
Instituto de Psicologia – UERJ

Prof.^a Dr.^a. Gabriela Moura
Universidade Federal do Espírito Santo

Rio de Janeiro

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todas as mães que participaram desse estudo, que com esperança, buscam o melhor para seu filho (a). Dedico a todas as mães que possam ser beneficiadas com os desdobramentos desse trabalho e a todas as mães que já acompanhei na clínica, que tentam fazer o melhor para os seus filhos, dentro de condições tão complexas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe, por todo suporte, ajuda diária, paciência e tempo de convivência cedido para que eu pudesse realizar as tarefas e escrever a tese; a meu pai, em memória, por tudo que me ensinou e todo estímulo ao estudo, sobretudo em Universidade Pública; aos meus irmãos e sobrinhos, por todo o suporte.

À professora Deise Maria Leal Fernandes Mendes por tudo; pelo prazer de poder dialogar com autora de muitos textos estudados; pela ajuda desde o início na escolha do objeto de estudo dessa tese, pela ajuda todo o tempo para perseverar e vencer os obstáculos, e com quem muito tenho aprendido.

À professora Dandara Ramos, pela assessoria.

Às professoras da banca, que aceitaram o convite para ler, avaliar e discutir meu trabalho.

A todos os membros do grupo de pesquisa Desenvolvimento Socioemocional e Parentalidade, aos bolsistas de IC Rodrigo, Jenniffer e Bruna, por todo o suporte, apoio e carinho e às minhas companheiras de doutorado Joana, Roberta, Stella, Hysla, Ana Beatriz, Andrea, pela parceria tão essencial, amizade, ajuda mútua e suporte.

Às amigas Lurdes e Beth por todo estímulo, apoio e leveza durante todo o percurso do doutorado.

À minha querida equipe de trabalho do CARIM/IPUB/UFRJ, pelo tempo cedido, pelo apoio e aposta.

A todos os profissionais e professoras da Faculdade de Enfermagem da UERJ e aos grupos de mães que gentilmente me receberam, me apresentaram às mães que, com sua disponibilidade me receberam em suas casas e com sua solidariedade convidaram ainda outras mães, que cederam seu tempo e ofereceram valioso material de estudo.

A escritura é o desconhecido. Antes de escrever, nada se sabe sobre o que será escrito. E com lucidez. É o desconhecido de si mesmo, da tua cabeça, do teu corpo.

Marguerite Duras (revistapolichinelo.blogspot.com/2017).

RESUMO

BIELER, C. *Trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê e metas maternas de socialização emocional*. 114 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

Trocas afetivas mãe-bebê são fenômenos relevantes para o desenvolvimento inicial, estabelecendo-se em contexto de interação social. Mães de bebês possuem metas de socialização de emoção para filhos, refletindo modelos vigentes no seu ambiente sociocultural, podendo impactar as trocas afetivas da díade. Para investigar trocas afetivas e tentativas dessas trocas em interações mãe-bebê, metas maternas de socialização emocional e associações nesses domínios, esta tese fundamentou-se nas abordagens evolucionista e sociocultural do desenvolvimento. Após estudo-piloto, foi realizada coleta de dados no domicílio, condicionada à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e da Autorização para uso de imagens de vídeo. Participaram vinte díades: bebês de ambos os sexos, dois/três meses de idade, considerados saudáveis, nascidos a termo, mães primíparas, brasileiras, residindo com pais dos bebês. Foram aplicados instrumentos (Formulário de Identificação; Formulário de Dados Sociodemográficos), realizada entrevista semiestruturada sobre metas maternas de socialização emocional para final da infância e vida adulta (filhos), observação livre mãe-bebê, vinte minutos, registrada em vídeo. Empregou-se estatística descritiva para relatar dados sociodemográficos. Foram pré-definidas categorias para análise dos vídeos e calculadas medidas estatísticas descritivas para as variáveis de interesse (tentativas/ trocas). Tentativas e trocas foram caracterizadas quanto à frequência, agente da iniciativa, ocorrência de expressões emocionais do bebê; comportamentos afetivos maternos; trocas quanto ao número de turnos; manifestação promotora. Para respostas das entrevistas foi realizada análise qualitativa, orientada pela análise de conteúdo de L. Bardin. Após definição de categorias e categorização do material, foram calculadas frequências de enunciações para cada categoria. Características emocionais desejadas pelas mães para os filhos em dois momentos (final da infância/vida adulta) foram contrastadas usando teste Wilcoxon. Para analisar atuação materna para desenvolver características desejadas foram calculados percentuais; para relacionar metas de socialização emocional com características das trocas afetivas foi aplicado teste de correlação de Spearman. Resultados indicaram frequências expressivas para a média de tentativas (quatorze) e trocas (seis) por díade, complexidade das trocas em termos de número de turnos segundo a literatura, sendo normalmente a mãe o agente promotor (de trocas e tentativas), usando na maioria das vezes a fala dirigida ao bebê. Expressão emocional dos bebês predominante nas trocas foi sorriso e comportamento materno foi fala. Metas das mães indicaram valorização da autonomia, sendo que seria alcançada através de relações de proximidade. Os resultados não indicaram diferenças significativas na comparação do desejado para os dois momentos, nem associação entre metas maternas e características das trocas analisadas. Acredita-se que essa tese contribua para melhor compreensão das trocas afetivas mãe-bebê no contexto sociocultural estudado e promova novos estudos que ampliem o conhecimento dos mecanismos interacionais no desenvolvimento inicial.

Palavras-chave: Trocas afetivas. Interações mãe-bebê. Expressões emocionais de bebês. Metas maternas de socialização de emoções.

ABSTRACT

BIELER, C. *Affective exchanges in the context of mother-baby interaction and maternal emotional socialization goals*. 114 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

Affective mother-baby exchanges are relevant phenomena for early development, establishing themselves in the context of social interaction. Mothers of babies have emotional socialization goals for their children, reflecting current models in their socio-cultural environment, which may impact the dyad's emotional exchanges. To investigate affective exchanges and attempts at these exchanges in mother-baby interactions, maternal emotional socialization goals and associations in these domains, this thesis was based on the evolutionary and socio-cultural approaches to development. After a pilot study, data collection was carried out at home, subject to the signing of the Free and Informed Consent Form and the Authorization for the use of video images. Twenty dyads participated: babies of both sexes, two / three months of age, considered healthy, born at term, primiparous mothers, Brazilian, living with parents of the babies. Instruments were applied (Identification Form; Sociodemographic Data Form), semi-structured interview on maternal emotional socialization goals for late childhood and adulthood (children), free observation of mothers and babies, twenty minutes, recorded on video. Descriptive statistics was used to report sociodemographic data. Categories for the analysis of the videos were pre-defined and descriptive statistical measures were calculated for the variables of interest (attempts / exchanges). Attempts and exchanges were characterized as to frequency, agent of the initiative, occurrence of emotional expressions of the baby; maternal affective behaviors; changes in the number of shifts; promoter manifestation. For answers to the interviews, a qualitative analysis was carried out, guided by the content analysis of L. Bardin. After defining categories and categorizing the material, enunciation frequencies were calculated for each category. Emotional characteristics desired by mothers for their children in two moments (late childhood / adulthood) were contrasted using the Wilcoxon test. To analyze maternal performance to develop desired characteristics, percentages were calculated; Spearman's correlation test was applied to relate emotional socialization goals with characteristics of affective exchanges. Results indicated expressive frequencies for the average of attempts (fourteen) and exchanges (six) per dyad, complexity of the exchanges in terms of the number of shifts according to the literature, with the mother usually being the promoting agent (of exchanges and attempts), using most sometimes speech addressed to the baby. The babies' emotional expression prevalent in the exchanges was smile and maternal behavior was speech. Mothers' goals indicated the valorization of autonomy, which would be achieved through close relationships. The results did not indicate significant differences in the comparison of the desired for the two moments, nor association between maternal goals and characteristics of the analyzed exchanges. It is believed that this thesis contributes to a better understanding of the mother-baby affective exchanges in the studied socio-cultural context and promotes new studies that expand the knowledge of the interactional mechanisms in the initial development.

Keywords: Affective exchanges. Mother-baby interactions. Emotional expressions of babies. Maternal goals for socializing emotions.

RESUMEN

BIELER, C. Intercambios afectivos en el contexto de la interacción madre-bebé y los objetivos de socialización emocional materna. 114 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021

Los intercambios afectivos madre-bebé son fenómenos relevantes para el desarrollo temprano, estableciéndose en el contexto de la interacción social. Las madres de bebés tienen metas para socializar las emociones de sus hijos, reflejando los modelos actuales en su entorno sociocultural, que pueden impactar los intercambios afectivos de la díada. Para investigar los intercambios afectivos y los intentos de estos intercambios en las interacciones madre-bebé, los objetivos de socialización emocional materna y las asociaciones en estos dominios, esta tesis se basó en los enfoques evolutivos y socioculturales del desarrollo. Tras un estudio piloto, la recogida de datos se llevó a cabo a domicilio, sujeta a la firma del Término de Consentimiento Libre e Informado y la Autorización para el uso de imágenes de vídeo. Participaron veinte díadas: bebés de ambos sexos, dos / tres meses de edad, considerados sanos, nacidos a término, madres primíparas, brasileñas, conviviendo con los padres de los bebés. Se aplicaron instrumentos (Formulario de Identificación; Formulario de Datos Sociodemográficos), entrevistas semiestructuradas sobre metas de socialización emocional materna para la niñez tardía y la vida adulta (niños), observación libre de madres y bebés, veinte minutos, grabada en video. Se utilizó estadística descriptiva para reportar datos sociodemográficos. Se predefinieron categorías para el análisis de los videos y se calcularon medidas estadísticas descriptivas para las variables de interés (intentos / intercambios). Los intentos e intercambios se caracterizaron por frecuencia, agente de la iniciativa, ocurrencia de expresiones emocionales del bebé; comportamientos afectivos maternos; cambios en el número de turnos; manifestación promotora. Para las respuestas a las entrevistas se realizó un análisis cualitativo, guiado por el análisis de contenido de L. Bardin. Después de definir categorías y categorizar el material, se calcularon las frecuencias de enunciación para cada categoría. Se contrastaron las características emocionales deseadas por las madres para sus hijos en dos momentos (niñez tardía / adultez) mediante la prueba de Wilcoxon. Para analizar el desempeño materno para desarrollar las características deseadas, se calcularon porcentajes; Se aplicó la prueba de correlación de Spearman para relacionar los objetivos de socialización emocional con las características del intercambio afectivo. Los resultados indicaron frecuencias expresivas para el promedio de intentos (catorce) e intercambios (seis) por díada, complejidad de los intercambios en términos de número de turnos según la literatura, normalmente la madre es el agente promotor (de intercambios e intentos), utilizando en la mayoría a veces el discurso dirigido al bebé. La expresión emocional de los bebés que prevaleció en los intercambios fue la sonrisa y la conducta materna fue el habla. Los objetivos de las madres indicaron la valorización de la autonomía, que se lograría a través de relaciones estrechas. Los resultados no indicaron diferencias significativas en la comparación de lo deseado para los dos momentos, ni asociación entre metas maternas y características de los intercambios analizados. Se cree que esta tesis contribuye a una mejor comprensión de los intercambios afectivos madre-bebé en el contexto sociocultural estudiado y promueve nuevos estudios que amplíen el conocimiento de los mecanismos interaccionales en el desarrollo inicial.

Palabras clave: Intercambios afectivos. Interacciones madre-bebé. Interacciones iniciales. Metas de socialización emocional.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Índices de concordância alcançados para fidedignidade dos vídeos.....	71
Tabela 2 –	Comportamento afetivo materno 1.....	75
Tabela 3 –	Comportamento afetivo materno 2.....	76
Tabela 4 –	Comportamento afetivo materno 3.....	76
Tabela 5 –	Total e frequência relativa de evocações das categorias nas perguntas 1 e 3	78
Tabela 6 –	Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 1.....	78
Tabela 7 –	Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 3.....	78
Tabela 8 –	Total e frequência relativa de evocações das categorias nas perguntas 2 e 4.....	80
Tabela 9 –	Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 2.....	80
Tabela 10 –	Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 4.....	80

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Percentuais de tentativas e trocas afetivas-comportamentos afetivos maternos 1.....	75
Gráfico 2 –	Percentuais de tentativas e trocas afetivas-comportamentos afetivos maternos 2.....	76
Gráfico 3 –	Percentuais de tentativas e trocas afetivas-comportamentos afetivos maternos 3.....	77

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 Interações iniciais e desenvolvimento	15
1.1.1 <u>Etapas iniciais: imbricação de aspectos ontogenéticos e filogenéticos</u>	15
1.1.2 <u>As interações iniciais mãe-bebê</u>	19
1.2 Expressões emocionais e desenvolvimento emocional	24
1.3 Metas maternas de socialização de emoções	35
1.3.1 <u>Metas parentais de socialização: componente de sistemas de significação cultural</u>	39
1.3.2 <u>Metas de socialização de emoção no desenvolvimento infantil</u>	48
2 OBJETIVOS	54
2.1 Objetivo geral	54
2.2 Objetivos específicos	54
3 MÉTODO	56
3.1 Participantes	56
3.2 Instrumentos e documentos	57
3.3 Entrevista	58
3.4 Categorias	59
3.5 Procedimentos	63
3.5.1 <u>Preliminares</u>	63
3.5.1.1 <u>Estudo-piloto</u>	63
3.5.1.2. <u>Preparação para a coleta de dados</u>	64
3.5.2 <u>Coleta de dados</u>	65
3.5.3 <u>Redução e codificação de dados</u>	66
3.5.4 <u>Análise de dados</u>	67
3.5.5 <u>Análise de fidedignidade</u>	70
3.5.5.1. <u>Análise de Fidedignidade das Entrevistas</u>	70
3.5.5.2 <u>Análise de Fidedignidade das observações coletadas por vídeo</u>	71
3.5.6 <u>Procedimentos Éticos</u>	72
4 RESULTADOS	73
4.1 Resultados da análise das observações coletadas por vídeo	73

4.2 Resultados da análise das entrevistas	77
4.3 Resultados da análise da relação das metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância e quando adulto com características das trocas afetivas entre mães e bebês.....	81
5 DISCUSSÃO	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICE A – Formulário de Identificação Criança-/Mãe (FIP)	106
APÊNDICE B – Formulário de Dados Sociodemográficos (FDSD).....	107
APÊNDICE C – Formulário de Registro de episódios de trocas afetivas (e tentativas) em interação mãe-bebê.....	108
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	109
APÊNDICE E – Permissão para utilização de imagens em vídeo.....	112
APÊNDICE F – Carta convite às mães.....	113

APRESENTAÇÃO

Este trabalho resulta do interesse de estudar o desenvolvimento nas suas etapas iniciais sob a perspectiva evolucionista e sociocultural. Ao longo dos anos, venho estudando o desenvolvimento sob várias abordagens teóricas, em suas influências sociais. Ao ingressar no doutorado como membro do grupo de pesquisa *Desenvolvimento socioemocional e parentalidade*, optei pelo tema “Trocas afetivas entre mães e bebês”, com a proposta de pesquisar como se dão essas trocas nos períodos iniciais do desenvolvimento. Ao fazer a revisão de literatura, encontrei muitos estudos sobre interações iniciais, mas poucos recentes, e voltados para as trocas afetivas entre mães e bebês entre o segundo e terceiro mês de vida. Decidi estudar essa faixa etária, pois tem sido considerado um marco no desenvolvimento de bebês e um período de importantes transformações no desenvolvimento inicial.

Esse estudo analisou trocas afetivas, e tentativas dessas trocas, em contexto de interação de mães e de bebês de dois a três meses de idade e as relacionou às metas maternas de socialização emocional. No capítulo um, é apresentada a introdução teórica sobre o tema, abordando a revisão de literatura sobre os conceitos relacionados à imbricação de aspectos ontogenéticos e filogenéticos nas etapas iniciais, às interações iniciais mãe-bebê, às expressões emocionais em bebês, ao desenvolvimento emocional e mecanismos interacionais do bebê e às metas maternas de socialização de emoções.

No segundo capítulo, é apresentado o objetivo geral, os objetivos específicos e é apresentada a lacuna identificada na literatura. No terceiro capítulo, o método é apresentado, incluindo o delineamento do estudo, as características dos participantes, os instrumentos e documentos utilizados, o modelo das entrevistas, os procedimentos preliminares e os de coleta de dados, os procedimentos de análise das observações e das entrevistas realizadas, assim como a análise de fidedignidade e os procedimentos éticos empregados. Em seguida, são apresentados os resultados encontrados e a discussão sobre esses resultados, comparando-os e articulando-os com a literatura da área. Em seguida, são apresentadas as conclusões.

No último capítulo, são feitas considerações finais, expondo os pontos relevantes e principais obtidos com esse trabalho, sendo discutidas as limitações encontradas e sendo apresentadas sugestões e indicações para novas pesquisas que possam utilizar os resultados encontrados, bem como dar continuidade ao estudo do tema.

1 INTRODUÇÃO

Interações mãe-bebê são consideradas um contexto privilegiado para o desenvolvimento inicial e investigá-las é fundamental para a compreensão da ontogênese nas suas primeiras etapas. As trocas afetivas que se estabelecem em episódios de interação envolvendo expressões emocionais são apontadas por pesquisadores como vitais nos cuidados parentais efetivos (Ayoub, Bartlett, & Schwartz, 2014). Competências diversas dos recém-nascidos e capacidades de expressar emoções que parecem ser direcionadas para outra pessoa, para um parceiro social, são ressaltadas em investigações sobre interações entre cuidadores e bebês.

Estudiosos do desenvolvimento também apontam que nas mais diversas culturas as mães são, de modo especial, as pessoas socialmente significativas para o bebê durante os meses iniciais de vida (Harkness & Super, 2002; Keller, 2007). As mães cuidam e interagem com seus bebês a partir de disposições comportamentais que se alinham às competências iniciais de seus filhos (Seidl-de-Moura, 2011). Suas práticas de cuidado e a forma como interagem com seus filhos estão associadas a crenças parentais e a metas de socialização que, embora particulares e nem sempre conscientes, são decorrentes do meio sociocultural em que vivem (Harkness & Super, 1996). Nesse sentido, tanto as metas de socialização como as avaliações sobre o comportamento atual da criança e os comportamentos afetivos maternos são culturalmente influenciados, assim como as expressões emocionais do bebê.

1.1 Interações iniciais e desenvolvimento

1.1.1 Etapas iniciais: imbricação de aspectos ontogenéticos e filogenéticos

O foco dos estudos da psicologia do desenvolvimento tem sido a ontogênese, mas algumas perspectivas consideram fundamental levar-se também em conta, na compreensão de fenômenos psicológicos, a história filogenética dos seres humanos (Seidl-de-Moura, 2011). Uma articulação teórica das abordagens socioculturais com a psicologia evolucionista, proposta por Seidl-de-Moura (2005), segue nesse sentido partindo do pressuposto de que o desenvolvimento humano é situado no contexto sociocultural. Lança as bases de um possível modelo teórico orientado pelo pensamento de L. S. Vygotsky e autores contemporâneos de

uma abordagem sociocultural, como M. Cole e por princípios da psicologia do desenvolvimento evolucionista.

De acordo com Seidl-de-Moura (2011), ao se procurar compreender o desenvolvimento dos indivíduos, não se pode deixar de ter em mente a biologia e a cultura. Assim, pretende que as transformações ao longo da vida, em processos psicológicos e interacionais, sejam analisadas tomando como inseparáveis os planos microgenético, ontogenético, histórico e sociocultural e filogenético. Como já argumentava Cole (1998), o desenvolvimento é o resultado da interrelação entre duas linhas históricas, a filogênese e a história cultural. O bebê nasce com uma organização biológica resultante da história filogenética e o seu desenvolvimento está inserido em um ambiente organizado com o sistema de significações da cultura da sociedade em que nasce. Nesse sentido, a proposta mencionada de uma articulação da abordagem sociocultural com a psicologia evolucionista considera o desenvolvimento de cada indivíduo no decorrer do ciclo vital como fruto de uma evolução por seleção natural, variando dentro de certos limites e possibilidades impostos pela filogênese, ao longo da história da humanidade e em diferentes culturas, sendo dependente das condições sociais e culturais da sociedade (Seidl-de-Moura, 2005).

Keller e Kärtner (2013) também entendem que processos de desenvolvimento incorporam manifestações específicas de predisposições comportamentais típicas da espécie que não conduzem a resultados únicos, mas direcionam os seres humanos para modulações flexíveis com suas mudanças e limitações impostas pelo ambiente. Por esta perspectiva, designada pelos autores como modelo ecocultural do desenvolvimento, o que recebemos de forma herdada não pode ser entendido como relações fixas e deterministas, permitindo a compreensão de processo de desenvolvimento, envolvendo aprendizagem, como dependente da contribuição ambiental e sofrendo influências históricas e da cultura.

Para a espécie humana, o modo de vida estritamente cultural, segundo Bussab e Ribeiro (1998), aumentou a importância da proximidade interpessoal, das relações sociais e das capacidades sociocognitivas, mas também aumentou a dependência da cultura para que os indivíduos sobrevivam. Nesse período da história filogenética em que se estabelece uma dependência da cultura para a sobrevivência, a seleção natural passou a favorecer genes para um comportamento cultural. Ainda de acordo com esses autores, análises de registros fósseis mostraram que a evolução da biologia e da cultura ocorre *pari passu*, o que esclarece a natureza cultural do ser humano. A sobrevivência é afetada pela cultura e características favoráveis ao desenvolvimento e à transmissão de cultura vêm sendo consideradas como selecionadas. Características próprias da infância humana, como o longo período gestacional e

a imaturidade dos bebês ao nascer demonstram que esses são pouco equipados para sobreviver sem os cuidados de adultos e que necessitam de um ambiente de cuidados adequados.

As especificidades do cérebro humano no período do nascimento e seu desenvolvimento dão fortes indicadores da sobrevivência sendo afetada pela cultura (Ribeiro, Bussab, & Otta, 2004). Diferentemente de outras espécies, o cérebro humano não está pronto no momento do nascimento, além do que, foi se tornando mais complexo ao longo da evolução, segundo Houzel (2017), quando nossos ancestrais passaram a cozinhar os alimentos com o uso do fogo antes de ingerirem. A partir de então, mais calorias ficavam disponíveis ao consumo, o que permitiu ao cérebro aumentar de tamanho rapidamente e se complexificar.

Ao longo da evolução, como discutem Bussab e Ribeiro (1998), foram identificadas interações globais na organização social, nas ligações afetivas, fortalecendo a cooperação grupal em uma rede de relacionamentos. Aumentaram a dependência infantil, o apego e os cuidados parentais, sendo também fortalecida a união entre homem e mulher, com intensificação da sexualidade.

Em função do comentado até esse ponto, pode-se considerar que as contribuições da psicologia do desenvolvimento evolucionista parecem relevantes e precisam ser levadas em conta, pois trazem informações de como o nosso passado evolucionista impacta o desenvolvimento e pode ajudar na compreensão do período inicial da ontogênese. De acordo com Seidl-de-Moura (2011), através da seleção natural, a infância estendida da espécie humana seria um produto da evolução, acarretando um longo período de imaturidade. Segundo essa concepção, diferentes pressões sobre os indivíduos levaram à adoção de estratégias, sendo que seres humanos afetam o ambiente, e este, leva a mudanças em comportamentos para atender a demandas próprias.

Bjorklund e Pellegrini (2000) consideram que mecanismos psicológicos como a capacidade de reconhecer a face humana logo após o nascimento, a aquisição de linguagem e o processamento de interações sociais, contribuiriam para os indivíduos sobreviverem e se reproduzirem. Pensando em termos epigenéticos, a biologia e a cultura vêm se influenciando mutuamente para produzir comportamento e desenvolvimento. Na interação entre biologia e cultura, foram constituídas características da espécie, como a dependência prolongada na infância, a gestação curta, a necessidade de cuidados ao bebê, as propensões para o apego e para a cooperação e a habilidade de desenvolver linguagem. Essas características foram sendo transmitidas na espécie humana e moldadas em cada cultura e articularam-se de uma forma única em cada indivíduo, ao longo de seu ciclo vital.

A dependência prolongada da infância vem sendo discutida, nessa perspectiva, como necessária e a imaturidade dos bebês humanos ao nascer é vista como vantajosa. Anteriormente, a imaturidade vinha sendo associada a valores de ineficiência e limitação e sendo vista como um estágio embrionário de algo que deveria estar completo com o passar do tempo. No entanto, Bjorklund e Pellegrini (2000) argumentam que se o desenvolvimento for pensado como um processo e não apenas como produtos com resultados e eficiência, a imaturidade pode ser entendida de modo diferente e mais profícuo para a compreensão do desenvolvimento humano. Vieira e Prado (2004), por exemplo, lembram que comportamentos imaturos, como os reflexos do recém-nascido têm uma determinada função no período inicial do desenvolvimento, mas depois deixam de ser necessários.

Seidl-de-Moura e Ribas (2012) discutem que o bebê nasce preparado para processar certos estímulos, e não outros, por predisposições especializadas para algumas capacidades, protegendo seu cérebro de uma estimulação excessiva com informações não essenciais. Trata-se de uma espécie de filtro de seleção ao que o bebê dá mais atenção no seu campo visual e auditivo. O que poderia ser visto como uma limitação é apontado pelas autoras como facilitador para a construção de uma percepção do mundo acessível para o bebê e para as interações iniciais tão importantes nessa fase.

Alguns aspectos de imaturidade ao nascimento, como a acuidade visual limitada e a capacidade limitada de memória do bebê, facilitam a aquisição gradativa de componentes de estímulos complexos que vão se tornando mais sofisticados e facilitando o desenvolvimento de capacidades, posteriormente, como a aquisição da linguagem (Bjorklund & Pellegrini, 2000). A percepção somente de partes neste período inicial do desenvolvimento, como as sílabas das palavras que os seres humanos utilizam como linguagem em sua cultura, apesar de ser uma limitação cognitiva, permite um progresso consistente e contínuo ao longo do tempo (Vieira & Prado, 2004).

De acordo com Seidl-de-Moura e Ribas (2004), a literatura sobre o desenvolvimento inicial traz um corpo de evidências significativas quanto às capacidades do bebê de perceber mundo, de imitar e de se comunicar. Essas características não estariam isoladas, mas associadas, e foram consideradas como se desenvolvendo, a partir de predisposições vistas como produtos do processo de evolução da espécie. A infância humana, nessa concepção, traz como características aspectos que foram selecionados ao longo de milhões de anos. Nesse sentido, parece relevante apresentar alguma discussão e evidências que ressaltem a contribuição da perspectiva evolucionista na compreensão do desenvolvimento inicial do bebê.

O bebê ainda que nasça antes que seu cérebro tenha se desenvolvido e com limitações no seu repertório comportamental, mostra capacidades e recursos para atrair seus cuidadores, apresentando, por exemplo, um conjunto de traços fisionômicos que o tornam atraente (Seidl-de-Moura & Ribas, 2012). Para Lorenz (1971), essas características e traços fisionômicos seriam os *kindchenschema*, ou “esquemas de aspectos infantis”, que transmitem uma sensação de desamparo e parecem promover o cuidado parental.

O choro intenso do bebê, uma capacidade presente desde o início, é considerado como um benefício do ponto de vista evolutivo (Vieira & Prado, 2004), pois funciona como um chamamento, deflagra contato corporal, provoca respostas nos adultos, propiciando interação. A função do choro tem sido discutida na literatura, segundo os autores, como sinal de vigor, e uma capacidade que evoluiu ao longo da história filogenética, para aliciar cuidado parental e aumentar as chances de sobrevivência do bebê.

Outros recursos com que o bebê conta ao nascer, a audição e alguma acuidade visual, são também facilitadores das interações entre ele e seus cuidadores. Para Bjorklund (1997), além desses, devem ser consideradas também algumas condições da infância inicial, como os reflexos, a capacidade de fixar-se à mama e sugar o leite para alimentar-se, a limitação sensorial e a imitação facial, que foram selecionados por seu valor de sobrevivência.

Os aspectos relativos à imaturidade do bebê ao nascer remetem à sua necessidade de ser recebido por coespecíficos em um ambiente de cuidados em que possa desenvolver suas habilidades que são moldadas pela cultura. Ao mesmo tempo, deve ser lembrado que as predisposições e habilidades que detém favorecem sua atuação como “agente” em interações sociais. Isto associado a predisposições dos cuidadores para cuidar, e a fatores que distinguem os recém-nascidos humanos de outros mamíferos, cria as condições que permitem que se constituam as interações e trocas afetivas iniciais.

1.1.2 As interações iniciais mãe-bebê

As interações iniciais possuem o papel fundamental de construir uma matriz de relações sociais (Keller, 2007) e permitem, através da dimensão emocional e afetiva, influenciar percepções, comportamentos e a possibilidade de compreender a si mesmo e aos outros. Essa capacidade é adquirida ao longo do desenvolvimento do indivíduo através da interação com o meio social (Seidl-de-Moura, 2009).

O termo interação social traz, na raiz epistemológica da palavra interação, o significado “ação entre”, que implica bidirecionalidade e ação recíproca. Para Seidl-de-Moura (2009), o significado de ação recíproca nem sempre foi considerado nos estudos e concepções sobre interações iniciais entre mães e bebês, embora seja coerente com uma visão sobre a natureza humana segundo a qual somos seres sociais e temos nossa sobrevivência no início da vida condicionada aos cuidados do outro. No entanto, uma visão bidirecional das interações envolvendo bebês, segundo a autora, passa a ser reconhecida na literatura sobre o desenvolvimento inicial, a partir da década de 1980.

Desde então, parece haver uma tendência entre autores a considerar a ação recíproca em interações de díades mãe-bebê (Piccinini et al., 2001; Seidl-de-Moura & Ribas, 2004; Alfaya & Scherman, 2005), como um padrão de reciprocidade e sincronia, no qual cada um participa, com regularidade e intensidade características de cada díade, e no qual as características maternas e as infantis podem ser analisadas. Desse modo, pesquisas que focalizam a interação mãe-bebê passaram a se interessar por um modelo bidirecional investigando não apenas as capacidades da mãe, mas também do bebê e a influência de suas ações e reações nas pessoas, com ênfase na reciprocidade e na adaptação entre os parceiros.

Diferentes perspectivas teóricas apontam o papel importante das interações iniciais entre mães e bebês. O estudo das interações entre o bebê e seu cuidador foi mais profundamente considerado a partir das publicações de Bowlby (1990/1969). Segundo Menegatti, Löhr e Pianovski (2016), o trabalho de J. Bowlby consolidou a Teoria do Apego, oferecendo parâmetros para observação de respostas afetivas entre mães e bebês. Os estudos sobre o apego ampliaram pesquisas sobre o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social da criança, segundo avaliação de Eshel, Daelmans, Melo e Martines (2006) e de Tamis-LeMonda et al. (2014). Uma perspectiva sociocultural, baseada no pensamento de Vygotsky (1991), também entende que o desenvolvimento é um processo que se dá em ambientes culturalmente organizados, mediante interações estabelecidas, desde o nascimento, com parceiros sociais, nas quais cada um desempenha um papel ativo. Evidências foram se consolidando, através de pesquisas internacionais (Ainsworth, 1989; Beebe et al., 2010; Keller, 2014) e nacionais (Alvarenga & Piccinini, 2007; Ribas & Seidl-de-Moura, 2007), no sentido de que estudar interações entre adultos e bebês, desde os momentos precoces, possibilita compreender o impacto dessas interações no desenvolvimento global da criança e ampliar o ângulo de compreensão deste processo.

A perspectiva de análise das interações iniciais e das propensões parentais para o cuidado (Keller, 2002) considera a existência de variações de acordo com a cultura. Para

Kärtner e Keller (2013), os comportamentos maternos, nas interações cotidianas com seus bebês, fornecem à criança uma estrutura para dar sentido às suas experiências, provendo também recursos para a construção de significado social e estabelecendo trajetórias de self culturalmente específicas. De acordo com seu modelo ecocultural de desenvolvimento, também as tarefas de desenvolvimento (as amplas realizações/atividades da infância que precisam ser realizados em cada etapa para que as crianças aprendam habilidades para a vida nos momentos considerados apropriados) se apresentam de formas diferenciadas para diferentes contextos socioculturais.

Pesquisas em psicologia do desenvolvimento, segundo Seidl-de-Moura (2009), têm valorizado as interações iniciais e o papel da troca com pessoas significativas, demonstrando preocupação com a sua constituição e natureza. No entanto, a autora entende que para compreender sua constituição e natureza, é profícuo pensar as interações dentro de uma abordagem, como a por ela proposta (Seidl-de-Moura, 2005), de articulação das perspectivas socioculturais e da psicologia evolucionista. Tal proposta considera as interações sociais como constituintes do desenvolvimento humano, levando em conta não somente a existência das características típicas da espécie humana, selecionadas ao longo da evolução, mas também o fato de que se manifestam e explicitam de variadas formas em função do ambiente sociocultural em que o desenvolvimento ocorre.

As interações sociais se constroem na ontogênese, tendo origem já antes mesmo do bebê nascer quando, por exemplo, seus movimentos no útero são interpretados pela mãe que, por sua vez, se regula também por esses movimentos. Os bebês recém-nascidos, como anteriormente discutido, já nascem com predisposições para interagir, chamar atenção, reconhecer faces e criar vínculos de afeto com quem dele cuida, em função da história filogenética da espécie. Os recém-nascidos apresentam um conjunto de características que os capacita para os primeiros contatos e trocas com seus coespecíficos, parecendo, portanto, dotados de capacidades que os predispõem à busca do outro e às interações sociais, com manifestações afetivas, que incluem expressões faciais de emoção.

As interações iniciais permitem que predisposições herdadas se desenvolvam e se expressem nas comunicações que os bebês fazem do seu estado físico e emocional, a seus cuidadores. Ao mesmo tempo, possibilitam que pais e outros cuidadores sejam provocados a desenvolver suas predisposições, também herdadas, para cuidar (Seidl-de-Moura, 2009). As primeiras trocas entre o bebê, ainda pouco equipado para se desenvolver sem os cuidados dos adultos, e o adulto que dele cuida, que em geral é a mãe, tornam-se a matriz de formas mais diferenciadas e complexas de interação social.-

Gerhardt (2017) discute o porquê de os como relacionamentos afetuosos serem essenciais para o desenvolvimento do cérebro nos primeiros anos de vida e como as interações iniciais podem ter consequências duradouras sobre a saúde física e emocional do bebê. Considera que os bebês nascem com vários sistemas prontos para entrarem em ação, enquanto outros estão incompletos que só irão continuar a se desenvolver em resposta a interações humanas. Para a autora, os recém-nascidos podem apresentar sentimentos e reações básicas que os levam a se comportar de modo a garantir sua sobrevivência.

As interações iniciais permitem que predisposições herdadas se desenvolvam e se expressem nas comunicações que os bebês fazem do seu estado físico e emocional, a seus cuidadores. Ao mesmo tempo, possibilitam que pais e outros cuidadores sejam provocados a desenvolver suas predisposições, também herdadas, para cuidar (Seidl-de-Moura, 2009). As primeiras trocas entre o bebê, ainda pouco equipado para se desenvolver sem os cuidados dos adultos, e quem dele cuida, tornam-se a matriz de formas mais diferenciadas e complexas de interação social, que se dão em um determinado tempo histórico e em um contexto sociocultural. Das predisposições herdadas, destacam-se as que favorecem a busca do outro social, a capacidade de manifestar-se emocionalmente desde muito cedo e a capacidade de serem agentes, e não, seres passivos, nessas interações. Parece relevante, portanto, apresentar estudos que discutam a importância das capacidades e habilidades humanas que favorecem essa busca do outro e as interações iniciais.

Muitas pesquisas foram realizadas sobre a preferência visual de bebês por rostos humanos. Investigações demonstraram que bebês se interessam em manter contato olho no olho, forma de comunicação bastante valorizada na nossa cultura, em que os autores argumentam que o olhar no contato face a face é sendo uma via de transmissão de afeto (Klaus e Kennel (1993).

Cole e Moore (2014) consideraram que os bebês podem comunicar mudanças nos seus estados através de expressões faciais, fornecendo pistas que podem ser interpretadas por seus cuidadores. Essa produção de configurações faciais iniciais foi chamada por estes autores como “balbucio facial”. Outros estudos focalizaram a capacidade de recém-nascidos apresentarem uma sensibilidade a propriedades da fala humana, encontrando como resultado que o sistema auditivo do bebê já lhe permite, ao nascer, distinguir vozes humanas a outros sons, com preferência para vozes femininas (Eisenberg, 1975).

Tomasello (2003) considera que recém-nascidos apresentam competências que os permitem a reprodução de expressões apresentadas por uma pessoa, envolvendo movimentos de cabeça, protusão de língua, abertura de boca, objetivando imitar. Por conseguinte, segundo

o autor, é possível pensar que os bebês não só imitam os movimentos feitos pelo outro, mas se identificam, nesse processo, com seus coespecíficos.

Interações sociais também foram observadas por Trevarthen (1974), que verificou que bebês são capazes de exibir movimentos expressivos de boca, mãos e olhos com ritmos específicos, quando em presença de sorriso, vocalizações e fala de suas mães, respondendo aos comportamentos afetivos maternos. Tais evidências levaram o autor a concluir sobre a existência de uma atividade conjunta e mutuamente regulada. As trocas de olhar e sorrisos nas interações passaram a ser vistas como características nomeadas como protoconversações. Estas são atividades consideradas não como respostas comportamentais reflexas, utilizadas para regular o contato interpessoal, mas como indícios de comunicação entre parceiros, desde períodos precoces do desenvolvimento. A partir de observações realizadas, Trevarthen (1974) verificou que com um mês de vida, bebês tendiam a estabelecer comunicações que envolviam expectativas de reciprocidade. Observou também que, em um estudo realizado com uma dúzia na França, a partir do segundo mês de vida, as vocalizações aumentavam quando com pessoas familiares ao bebê e então o autor estabeleceu uma importante transição que se dá quando o bebê passa a ter interesse pela fala da mãe e a ter capacidade de orientar a sua atenção para o rosto dela e a responder, estabelecendo episódios com “sequências narrativas” visíveis, com pausas, em intervalo de tempo esperado, às suas solicitações (Gratier & Trevarthen, 2008).

No Brasil, pesquisas sobre características das interações iniciais trazem evidências de competências dos recém-nascidos, de suas capacidades de percepção e expressão de estados físicos e emocionais, de intenções e sentimentos em contexto de interação mãe-bebê indicando que tanto comportamentos afetivos maternos como expressões emocionais dos bebês estão presentes e, por vezes, são contingentes. Assim, estudos de Mendes e Seidl-de-Moura (2014) e Mendes & Seidl-de-Moura (2015), ao discutirem a importância das interações afetivas nos estágios iniciais do desenvolvimento, encontraram associações e contingência entre sorrisos de bebês e comportamentos afetivos maternos. Ao avaliarem o foco do olhar de bebês, Bellini e Fernandes (2007) encontraram correlações estatisticamente significativas e frequentes, entre o foco do bebê e as categorias "olhar para o rosto da mãe" e "olhar para os olhos da mãe".

Resultados trazidos por Seidl-de-Moura et al. (2008b) indicaram que, em interações de bebês de um mês com suas mães, eram predominantes as trocas face a face, envolvendo troca de olhares e, por parte dos bebês, movimentos de membros em resposta à fala materna e a sorrisos. Este estudo traz ainda evidências de que as mães conversavam com os bebês, atribuindo a eles desejos e sentimentos. Mendes e Pessoa (2013a) também discutiram que os

bebês costumam ser vistos por suas mães como seres ativos, desde o nascimento, e que as mães ao promoverem interações com eles estão não somente querendo comunicar informações, mas tentando engajá-los em “conversas”.

Abordando a preocupação com escolhas metodológicas e tendências de análise em investigações que se ocuparam das interações iniciais, Menegatti et al. (2016) e Seidl-de-Moura e Ribas (2007), em revisão de estudos brasileiros, encontraram que a metodologia mais empregada para estudar interação mãe-bebê foi a de observação, tanto naturalística como em laboratório. As revisões apontaram estudos que compreenderam que a observação é adequada aos propósitos de pesquisa nessa área, por propiciar análise minuciosa e descrição rigorosa dos padrões de interação entre os membros da díade, com registro das sequências de ação e de eventos que ocorrem com e entre eles, sobretudo com a utilização dos registros em vídeo que permitem análises em tempos muito curtos e revisão de episódios diversas vezes. Esta avaliação vai ao encontro das afirmações de Waters e Cummings (2000), que consideraram as observações naturalísticas dos comportamentos relacionados ao apego e afetividade como um padrão para avaliação desses fenômenos.

1.2 Expressões emocionais e desenvolvimento emocional

As emoções possuem papel fundamental nas primeiras etapas da vida do bebê, sobretudo através das expressões faciais, como importante via para a comunicação com seus cuidadores e para regular as ações destes, levando-os a agir de modo a satisfazerem as suas necessidades (Mendes, 2017).

O termo emoção tem, no senso comum, uma estreita relação com sentimentos, podendo se exteriorizar através de expressões emocionais. Definir emoção não é algo simples, mesmo para os estudiosos do tema (Miguel, 2015).

Para Mendes e Seidl-de-Moura (2015), emoção é um fenômeno psicológico complexo e multidimensional. É considerado um conceito com muitas definições e entendimentos possíveis relacionados a diferentes pontos de vista. No entanto, as autoras apontam haver certo consenso de que a emoção compreende como um dos componentes relevantes, a expressão emocional.

A emoção vem sendo historicamente abordada por autores em diferentes áreas do conhecimento como na Filosofia, por Descartes e Espinosa, nas neurociências, por LeDoux

(2001) e Damásio (2011), na Antropologia, por Rezende e Coelho (2010), e na Psicologia, desde James (1980). O estudo das emoções pela psicologia científica, no entanto, ganhou grande impulso no início da década de 1990, com várias publicações em periódicos de reconhecida importância em psicologia. Seu vasto campo de estudo possibilita diversos olhares para o seu conceito e aplicação.

Charles Darwin é considerado como um dos precursores dos estudos sobre emoção, podendo ser tomado como um marco inicial (Mendes, 2009), quando afirma existirem uniformidades de expressões entre os seres humanos, expressões emocionais comuns ao homem e a animais de algumas outras espécies. Darwin (2000/1872) considera emoções como adaptativas e programadas pelo processo de seleção natural, apresentando uma concepção evolucionista das expressões emocionais como inatas e universais.

Darwin (2000/1872) entendia que, embora certas formas de manifestação das emoções possam ser aprendidas, existem expressões, especialmente as faciais, que são inatas, tanto para os seres humanos quanto para outros primatas. O fato de, em todas as culturas, alegria ser expressa com sorriso, e raiva com franzimento das sobrancelhas e tensão dos lábios, também seriam fatores a serem levados em conta como similaridade na expressão de estados emocionais entre culturas diferentes (Miguel, 2015).

De acordo com Griffin e Mascolo (1998) as emoções, o desenvolvimento emocional e processos emocionais inicialmente vistos como secundários na primeira metade do século XX, passaram a ser encarados como motivadores centrais e organizadores das cognições, das ações, das interações sociais e do desenvolvimento a partir do final da década de 1970. Ainda no final do século XX, pesquisadores divergiam amplamente nas suas abordagens sobre emoções e desenvolvimento emocional, não havendo um consenso sobre o conceito de emoção e sobre o papel que as emoções desempenham na vida dos indivíduos em desenvolvimento e para aqueles com quem interagem. Esses autores apresentaram uma revisão a partir de diferentes perspectivas teóricas que discutem a natureza do desenvolvimento emocional, e dentre elas, algumas foram selecionadas por serem assumidas, em alguma medida nesse trabalho, e serão apresentadas e discutidas. É o caso da perspectiva biológica de Ekman, da Teoria das Emoções Discretas de Izard (1977), da perspectiva do desenvolvimento de Lewis (2010), e de concepções de autores de uma perspectiva sociocultural.

A perspectiva biológica de Ekman, segundo Griffin e Mascolo (1998) enfatiza a fundamentação biológica do funcionamento emocional, caracterizando as emoções como inatas, como processos neuromusculares e por permanecem estáveis durante a ontogênese.

Ekman (2011) buscou confirmar a hipótese de que existem expressões emocionais universais, com pesquisas em comunidades que viviam sem contato com outras culturas. Suas pesquisas concluíram que o comportamento humano não é totalmente aprendido e apresenta relações com o que trazemos de herdado. No entanto, esse autor considerou que as emoções apresentam regras de exibição como prescrições específicas de cada cultura que orientam sobre quem pode exibir quais emoções, a quem elas seriam dirigidas e em quais circunstâncias, reconhecendo a função comunicativa das expressões faciais humanas.

A emoção vista como uma influência construtiva no desenvolvimento foi discutida por Carrol Izard, que apresentou a Teoria das Emoções Diferenciadas, com o objetivo de compreender o surgimento de variações em expressões decorrentes do desenvolvimento e a presença de um mesmo componente facial em expressões associadas a emoções distintas. Para esta teoria, cada emoção é um sistema de personalidade, com componentes distintos e integrados e a expressão é um componente da emoção, havendo uma correspondência de base inata, entre as emoções e o conjunto de expressões faciais desde o nascimento. Posteriormente, Izard et al. (1995) sugeriram revisões em alguns aspectos da hipótese do desenvolvimento do comportamento expressivo e do sistema de codificação usado, concordando que ocorrem mudanças no repertório de expressões emocionais desde a infância até a idade adulta.

Uma perspectiva do desenvolvimento emocional, apresentada por Lewis (2010), parte da concepção de que todo processo psicológico é definido em termos da organização dos seus elementos, que passam por mudanças qualitativas na direção de crescentes diferenciações e integrações. Define expressões emocionais como mudanças potencialmente observáveis na face, voz, corpo e nível de atividade. Para Lewis (2010), as expressões emocionais refletem um estado subjacente, também em bebês e crianças pequenas. Um estado emocional pode envolver mudanças nas respostas neurofisiológicas e hormonais, mas também nas expressões faciais, corporais e vocais e possui padrões fisiológicos concomitantes que se expressam em comportamentos faciais e corporais específicos, havendo uma correspondência direta entre uma emoção e alguns estados específicos internos que correspondem a esta emoção.

Alguns autores que se referenciaram em teorias estruturais do desenvolvimento das emoções, como Sullivan e Lewis (2003), verificaram que pesquisas sobre desenvolvimento emocional na infância se beneficiaram de sistemas para decifrar as expressões faciais de bebês através de codificações, realizadas a partir do uso da tecnologia de vídeo, para detalhamento de movimentos faciais. Esses autores consideraram que expressões faciais são informativas por serem sinais sociais para os outros, e permitem a compreensão de quando os bebês

expressam sinais particulares de emoção através da face, bem como a maneira como são organizadas e reguladas nos primeiros anos de vida. O choro, as vocalizações e os movimentos corporais combinados com as expressões faciais foram considerados como promotores de pistas para que cuidadores as interpretem. Segundo Sullivan e Lewis (2003), é reconhecido que a maioria dos componentes faciais do repertório de expressão emocional humana pode ser observada pouco depois do nascimento.

Sullivan e Lewis (2003) apresentaram um sistema de codificação de expressões faciais, Baby FACS, no intuito de cobrir um conjunto de expressões típicas para que pudessem ser reconhecidas. Concluíram que o interesse em bebês surgiria durante as interações com o pai e com a mãe, marcando períodos de olhar para os pais e seriam frequentes até os dois meses e que a alegria, através do sorriso e do riso, teria seus primeiros sinais aparecendo logo após o nascimento, durante o sono do bebê.

Em uma revisão sobre a relação entre expressão facial e emoção, Camras e Shutter (2010) concluíram que as evidências apresentadas por estudos anteriores não apoiavam a proposta de que as expressões emocionais especificadas pelos sistemas de codificação existentes invariavelmente refletissem uma emoção discreta correspondente em bebês. Verificaram que a relação entre expressão facial e emoção parece mudar nas etapas da ontogênese por apresentar significados cada vez mais específicos ao longo do desenvolvimento e concluíram que seria mais desejável incorporar um sistema de medidas que também incluísse outros componentes do comportamento além das expressões faciais.

Para Cole e Moore (2014), bebês nascem preparados para produzir configurações faciais que podem comunicar mudanças nos seus estados, chamando a atenção de cuidadores. Gradualmente, as expressões de emoções dos bebês podem ser construídas através de trocas sociais com os que dele cuidam, e esses, quando sensíveis, podem responder às sugestões dos bebês, imitando, conversando com eles e modulando o seu comportamento. Os bebês, ainda segundo esses autores, também são considerados sensíveis aos comportamentos responsivos e às expressões faciais dos adultos, organizando seu comportamento de acordo com a pessoa que com eles interagem. Além de produzir expressões faciais que comunicam mudanças nos seus estados internos, os bebês também apresentam uma predisposição para buscar comunicação com seus cuidadores. Pesquisas têm destacado a existência de um conjunto de habilidades nos bebês que promovem sua interação com adultos (Aquino & Salomão, 2011).

O papel das expressões faciais no desenvolvimento e o reconhecimento da participação ativa do bebê nas trocas com adultos têm sido relatados através das mudanças observáveis nas expressões da face e têm sido documentados através de resultados de

evidências de uma literatura que privilegiou o papel das expressões faciais para o estudo psicológico de emoções (Mendes & Seidl-de-Moura, 2015). As frequências de episódios de interação mãe-bebê (Seidl-de-Moura & Ribas, 2004) e o reconhecimento de faces humanas (Bosa & Souza, 2007), vêm sendo constatadas, assim como o reconhecimento da emergência do sorriso social (Otta & Sarra, 1990). Por conseguinte, é oportuno apresentar alguns estudos que discutem o papel das expressões faciais, do reconhecimento das faces humanas e as mudanças observáveis nas expressões da face nos primeiros meses de vida do bebê.

Segundo Otta e Sarra (1990), o reconhecimento de faces humanas começa no nascimento e, por volta da terceira semana de vida, observam-se os primeiros padrões de sorriso eliciados por estimulação auditiva, principalmente pela voz humana feminina. Uma mudança ocorre entre o final do primeiro mês e o terceiro mês, quando o bebê começa a olhar para a pessoa que interage com ele, fixando os seus olhos nos olhos do adulto. Segundo Otta (1994), neste período, o sorriso passa, de fugidio e aparentemente controlado por fatores internos, a um sorriso completo, produzido principalmente pela fixação nos olhos do adulto, sendo percebido por este como realmente social. Nesse sentido, por volta dos dois meses de vida, observam-se os primeiros sorrisos que são eliciados por estimulação externa, o chamado sorriso social, como descrito por Otta (1994) e Otta e Sarra (1990), e registrado por Mendes e Seidl-de-Moura (2014).

No período já mencionado, no segundo mês após o nascimento, destacam-se importantes mudanças quanto à sensibilidade dos bebês para demonstrações de afeto, incluindo o sorriso. Para Mendes e Seidl-de-Moura (2015), nesse período, o bebê passa a poder coordenar ações comunicativas nas interações iniciais, correspondendo com olhares dirigidos, balbucios e sorrisos à fala e aos sorrisos maternos. Para Striano e Reid (2006), aos dois meses os bebês podem detectar pequenas perturbações no fluxo da interação interpessoal. De acordo com Rochat (2015) e Rochat, Querido e Striano (1999), aos dois meses, além da emergência do sorriso social, há um marcado crescimento na quantidade de tempo despendido em estados de alerta, mudanças quanto ao controle de movimentos e quanto à atenção a pessoas e objetos inanimados, surgindo também explorações ativas e imitações.

Além do sorriso social, outras mudanças comportamentais ocorrem na transição dos dois meses, como a percepção progressiva das diferenças de expressões faciais dos outros (Thompson, 2015), a identificação nos outros de algumas expressões faciais que estão associadas às emoções (Trevarthen, 2011); a manutenção do contato e atenção visual (Bellini & Fernandes, 2007); a atenção diferenciada para observação de pessoas e de objetos inanimados (Simion & Giorgio, 2015), o reconhecimento de algumas emoções (Farroni et al.,

2007); maior atenção e aumento de sorrisos em resposta a comportamentos afetivos maternos a partir de três semanas de vida (Mendes et al., 2009) e a imitação de expressões emocionais (Soussignan et al., 2017). Arpini et al. (2015) destacam que a partir dos três meses, a maioria dos bebês responde à mãe de um modo diferente se comparado a outras pessoas, sorrindo e vocalizando quando vê a mãe, seguindo-a com os olhos e buscando a proximidade com ela.

As diferentes expressões emocionais dos bebês, expressas na face, parecem estar associadas a significados diferenciados. O sorriso tem sido objeto de discussão a respeito tanto de sua função adaptativa como das diferentes formas com que se apresenta, ou seja, de suas características morfológicas e dos significados que lhe podem ser atribuídos (Oliva et al., 2017).

Sorrir pode ser considerado uma expressão adaptativa (Ekman, 1999), que orienta comportamentos, facilita interações e habilidades sociais. Para Otta (1994), o sorriso funciona como estímulo para desencadear sentimentos ternos e protetores no adulto. Sorrir promove atenção e contato visual mútuo, envolve sincronia e contingência e possibilita aos bebês aprenderem sobre emoções, e sobre suas capacidades de expressão enquanto estão interagindo com os adultos.

Observado em muitos contextos como um sinal de deferência, apaziguamento e cordialidade, o sorriso tem sido ligado a consequências sociais positivas, incluindo cuidados parentais, sendo visto como uma manifestação que aumenta as possibilidades tanto de interação, pois atrai a atenção de cuidadores e elicia calor e cuidado, como de desenvolvimento de habilidades sociais (Mehu & Dunbar, 2008). Estudos brasileiros também relatam a emergência do sorriso social e sua caracterização como manifestação contingente a comportamentos afetivos da mãe (Mendes et al., 2009; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014).

Mendes et al. (2009) investigaram mudanças no sorriso desde a terceira semana até o sexto mês de vida e verificaram que bebês do Rio de Janeiro respondem contingentemente, com sorrisos, aos comportamentos afetivos maternos. Os resultados mostraram que o sorriso gradualmente se desenvolveu quando os bebês e suas mães criaram formas específicas de comunicação social e de intercâmbios afetivos e que o aumento da associação entre certos tipos de sorrisos e as manifestações de afeto positivo das mães foram mais frequentes após os dois meses de idade dos bebês.

Durante as interações com suas mães, já no segundo mês de vida, o bebê corresponde às solicitações de interação, olhando, balbuciando e sorrindo. Nesse processo de interação, os bebês propiciam o engajamento de seus cuidadores e, nas culturas em que se atribui

significado relevante a isso, levam aqueles que dele cuidam a experimentarem a sensação de felicidade, havendo grande expectativa quanto à sua manifestação (Keller, 2007).

Hsu e Jeng (2008) em um estudo com bebês taiwaneses prematuros e a termo, de dois meses de idade, relataram que prematuros saudáveis se mostraram sensíveis às respostas de cuidadores, reagindo com sorrisos, tanto quanto os nascidos a termo. Os autores verificaram que, em episódios de interação mãe-bebê, os bebês sorriem mais quando as mães estão sorrindo do que quando não estão, e sugeriram que bebês, independentemente da direção do seu olhar, percebem o sorriso materno mesmo que não estejam olhando diretamente para a face da mãe.

As expressões emocionais têm despertado interesse crescente, endossando a premissa de que o bebê logo cedo passa a desempenhar um papel ativo nas interações sociais iniciais. A capacidade de mobilizar as pessoas através das expressões emocionais, como o sorriso e o choro, em uma espécie de comunicação afetiva (Trevarthen, 2011), leva o adulto a agir para satisfazer as necessidades da criança (Neder, Ferreira & Amorim, 2020) e atribuir significados a tais expressões, o que resulta em ações junto ao bebê (Dentz & Amorim, 2019). O interesse maior tem sido verificado em estudos sobre o sorriso, enquanto outra expressão emocional, o choro, tem sido pouco estudada.

O choro é uma das primeiras expressões emocionais dos bebês, estando presente desde o nascimento, seja como parâmetro de bem-estar (Charlesworth & Kreutzer, 2006), seja provocando cuidados, como pista potente a ser interpretada pelos cuidadores, e, ainda, como regulador das trocas iniciais (Trevarthen, 1998). Para Choliz, Abascal e Sánchez (2010), em estudo realizado em universidades espanholas, o choro aumenta gradualmente nos casos em que o bebê quer expressar raiva, e atinge maior intensidade quando os bebês estão submetidos a situações de medo e de dor. É um mecanismo de comunicação importante, pois provoca reações nos cuidadores para extingui-lo, procurando se ajustar e se adaptar ao que o bebê comunica através do choro, criando estratégias para atender às necessidades dele e propiciando uma interação recíproca (Dentz & Amorim, 2020; Seidl-de-Moura & Ribas, 2004). O choro também promove maior proximidade e a construção de um laço afetivo com seus cuidadores.

O prazer do toque e do contato visual entre a mãe e o bebê e a capacidade de discriminar os toques próprios e os dos outros permitem que aos poucos, especialmente a partir de dois meses de idade, os bebês possam perceber que o outro responde com contingência e com demonstrações afetivas às pistas e sinais que oferecem. Para Rochat

(2007), as trocas vão possibilitar, ao longo do desenvolvimento, que a criança possa ter expectativas em relação ao outro, incluindo manifestações emocionais e afetivas.

O desenvolvimento emocional é um processo de mudanças muito valorizado por pais e cuidadores em algumas culturas, envolvendo as dimensões fisiológica, cognitiva e comportamental. Na literatura, o desenvolvimento emocional é visto de forma associada às demais conquistas e capacidades presentes no bebê e na criança a cada momento do desenvolvimento, com impactos e influências mútuas entre os diferentes domínios (Mendes, 2017). Considera-se, nesse sentido, que o estudo do desenvolvimento inicial traz informações sobre a interdependência de habilidades diversas, incluindo as inerentes à vida emocional do bebê.

Os estudos sobre expressões emocionais e desenvolvimento, em sua maioria, e mesmo os já apresentados, vêm sendo dominados por evidências baseadas em crianças e famílias de classe média e alta, com nível de escolaridade médio e alto e que vivem em nações industrializadas e ocidentais, e principalmente, de origem norte-americana, de acordo com Cole e Tan (2015). No entanto, vários esforços para compreender o desenvolvimento como influenciado por contextos culturalmente estruturados vêm sendo realizados por pesquisadores do desenvolvimento humano nas últimas décadas e incluem avaliações em distintos ambientes culturais analisando, por exemplo, de processos de aprendizagem, concepções de cuidado de crianças e consequências das ênfases próprias da cultura no fomento do desenvolvimento de domínios específicos. Constata-se, ainda, a inclusão, nos desenhos das pesquisas, de crianças oriundas de países não ocidentais de variados contextos culturais. Diversos autores têm se dedicado ao estudo de capacidades consideradas universais e de como estas capacidades se constituem na cultura, sendo moldadas por ela. Examinam como e porque variações culturais interferem em processos de desenvolvimento. Parece oportuno pensar o desenvolvimento emocional à luz de perspectivas teóricas que concebem aquisições específicas da ontogênese como fenômenos que podem ser compreendidos como constituídos pela cultura.

Uma dessas perspectivas teóricas, de Keller (2007), compreende que os processos de desenvolvimento incorporam predisposições tidas como universais, envolvendo mecanismos psicológicos próprios da espécie, mas que se manifestam de acordo com as especificidades culturais. Não conduzem a resultados universais, mas direcionam os seres humanos para modulações flexíveis, de acordo com as mudanças e limitações, ao longo da ontogênese, impostas pelo ambiente. Afinado a essa perspectiva, Keller e Kärtner (2013) propõem o modelo ecocultural de desenvolvimento em que consideraram que o que recebemos por

herança genética não pode ser entendido como algo fixo e determinista, pois passa, necessariamente, por processos de aprendizagem, já que está condicionado ao ambiente e é moldado pelo contexto histórico-cultural. Assim, um repertório comportamental emerge em interação com as demandas, recursos e limitações do meio ambiente em que ele ocorre.

Keller e Kärtner (2013) discutem evidências de estudos comparando diferentes concepções de cuidado de dois contextos culturais considerados prototípicos e examinam suas diferenças quanto a estratégias de socialização de crianças. Em um desses contextos, famílias ocidentais alemãs pesquisadas demonstraram ênfase em estratégias de socialização com valorização de interações diádicas exclusivas nos cuidados iniciais dos bebês, através de interações face a face. Nesse contexto, bebês alemães passavam partes substanciais do seu dia deitados de costas, vocalizavam e recebiam respostas de falas dirigidas a eles. No outro contexto, as famílias camaronesas Nso, que realizavam cuidados dentro de uma rede de cuidados múltiplos, com diferentes familiares e membros da comunidade em que vivem. As mães camaronesas Nso carregavam seus bebês próximos ao seu corpo na maior parte do dia e os encorajavam a andar e a sentar precocemente através de estratégias de socialização, como as de segurar os bebês na posição vertical e mover seu corpo verticalmente para cima e para baixo, com a intenção de acelerar o desenvolvimento motor para que os bebês se tornassem ajudantes da família o mais rápido possível.

A comparação dos ambientes de desenvolvimento desses dois contextos ecossociais levou Keller e Kärtner (2013) a formularem a noção de que os ambientes de aprendizagem de crianças afetam prioridades e expectativas dos cuidadores e o tempo de desenvolvimento de determinados domínios. Concluíram que as prioridades culturais e as estratégias de socialização aceleram alguns domínios mais do que outros, levando a implicações para o surgimento de processos de desenvolvimento, para as estratégias parentais associadas e para a sequência de realizações específicas das etapas iniciais da ontogênese. Os autores apresentaram uma concepção de tarefas de desenvolvimento que podem ser interpretadas como temas ou desafios que os seres humanos em todo o mundo enfrentam em pontos específicos da ontogênese. No entanto, dependendo da ênfase relativa em objetivos e preferências individuais, objetivos e preferências coletivas, estados mentais e obrigações comportamentais do meio cultural em que estão imersos, os caminhos podem diferir e levar a resultados diferenciados e a diferentes marcos de desenvolvimento.

Keller e Kärtner (2013) também analisaram estudos que abordavam conquistas dos bebês com a comunicação com cuidadores e consideraram que essas conquistas refletem as práticas e as experiências de socialização que visam os objetivos gerais do contexto cultural

em que os indivíduos estão imersos. Os autores relataram que os bebês alemães, aos três meses, obtiveram escores altos em comunicação, resultado que foi associado à utilização de fala dirigida aos bebês, realizada por cuidadores de classe média alemães em maior extensão do que pelos cuidadores camaroneses. Diferentemente, os pais do contexto de Camarões utilizaram a fala para treinar os bebês em termos de respeito e obediência, com comandos na fala dirigida, para que fossem fáceis de cuidar e pudessem acompanhar suas mães no trabalho. Nesse sentido, os autores ressaltaram que existem diferentes padrões e configurações para os fenômenos que implicam em diferentes formas com que o desenvolvimento se realiza, como resultado da interação entre cultura e desenvolvimento.

Kärtner, Keller e Yovsi (2010), analisaram porcentagens de tempo de estado de alerta e de tempo despendido em interações de olhar mútuo e de contingência específicos para vocalizações de bebês, que emergem durante o segundo e o terceiro mês de vida, com mães e bebês de Münster, Alemanha e com mães camaronesas Nso e seus bebês. As diferenças ficaram evidentes entre a 6ª e a 8ª semana de vida, quando a duração do olhar mútuo foi maior na amostra alemã, com mais respostas contingentes para vocalizações dos bebês. Houve um crescimento do tempo de alerta dos bebês em ambas as amostras, mas a diferença de aumento da duração do olhar mútuo constatada na amostra de mães alemãs demonstra que o meio cultural a que pertencem valoriza o entusiasmo do olhar mútuo e a comunicação face a face com os bebês. Nesse estudo, foi caracterizada a mudança que ocorre aos dois meses como especificamente cultural, pois surgem padrões específicos para cada cultura. Aos dois meses, segundo os autores, os cuidadores do contexto cultural ocidental gradualmente mudam a sua modalidade de cuidados proximal com bebês recém-nascidos, inicialmente realizada através de toques, para uma modalidade distal e visual que inclui o olhar e o sorriso em suas respostas que passam a ser contingentes aos olhares e às vocalizações dos bebês.

Estudos sobre diferentes ambientes de aprendizagem que afetam processos de desenvolvimento também se voltaram para achados sobre interações envolvendo expressões emocionais maternas e de bebês. O caráter intencional na promoção do desenvolvimento de expressões emocionais de bebês que se caracterizam como respostas sociais, e especialmente, o surgimento do sorriso social, e como ele se desenvolve de forma diferenciada em diferentes contextos socioculturais, foi objeto de formulações teóricas de Wörman, Holodynski, Kärtner e Keller (2012).

Wörman et al. (2012) consideram que a emergência do sorriso social estaria associada a estratégias parentais específicas, diferenciadas culturalmente, como a imitação materna das expressões de sorriso do bebê e a aprendizagem dos bebês através do comportamento de

imitação que fazem das expressões de sorriso maternas. Nesse sentido, Wörman et al. (2012) observaram dois contextos culturais que apresentavam contrastes em padrões de interação social nos três primeiros meses de vida e concluíram que mães e cuidadores de contextos socioculturais ocidentais urbanos provêm a seus bebês maiores oportunidades para sorrir, valorizando a resposta afetiva do bebê com seu próprio sorriso, desencadeando a imitação materna do sorriso dos bebês. Dessa forma, a imitação do bebê e a dos cuidadores em mútua interação, para os autores, intensificaria o processo de sorrir e contribuiria para a emergência do sorriso social em futuras interações face a face.

Os autores consideraram que há uma intencionalidade diferenciada nos mecanismos de imitação de sorrisos nos dois contextos. As mães de um contexto sociocultural que valoriza a independência oferecem várias oportunidades para o olhar mútuo e interpretam, de acordo com suas etnoteorias parentais, a emergência do sorriso do bebê como um importante momento de interação. Em contraste, mães de um contexto sociocultural que valoriza o contato corporal próximo e constante no cuidado inicial, como o das mães Nso, raramente respondem com sorrisos durante o olhar mútuo. A emergência do sorriso social desses bebês deve ocorrer um pouco mais tarde, se comparado ao contexto em que ocorrem interações mútuas com sorrisos. Os autores ressaltaram que as mães da comunidade Nso respondem de forma contingente às vocalizações de seus bebês (Kärtner et al., 2010), utilizando estratégias parentais proximais, como a amamentação e a estimulação corporal (Keller & Otto, 2009).

A compreensão das expressões emocionais maternas especificamente através da fala, tem sido considerada importante nos estudos sobre a comunicação afetiva nas interações iniciais mãe-bebê. Um determinado comportamento, a fala materna ou parental dirigida ao bebê, o “manhês”, vem sendo investigado. Monnot et al. (2004) buscaram investigar o uso disseminado desse estilo de comunicação e constataram que há uma correlação entre a fala dirigida ao bebê com aspectos da sensibilidade materna que podem aumentar a sobrevivência e a aptidão física dos hominídeos. As modificações encontradas na fala adulta, segundo Monnot et al. (2004), podem ser vistas como contribuições para a regulação emocional do bebê e para sua posterior socialização. Para Arpini et al. (2015), a fala dirigida, ou “manhês” exerce importância na construção do vínculo entre a mãe e o bebê, pois com essa modalidade de fala as mães tendem a mudar o tom de voz, vocalizando sons tranquilizadores e favorecendo a participação do bebê na comunicação com a mãe. Para as autoras, à medida que o bebê obtém êxito na busca da comunicação com a mãe, repete a experiência, influenciando o seu desenvolvimento.

De uma maneira geral, os comportamentos afetivos que mães e outros cuidadores estabelecem com seus filhos e a forma com que lidam com as suas emoções e com as expressões emocionais dos bebês, sofrem interferência dos valores culturais do contexto em que estão inseridos. As diferenças entre os contextos socioculturais também repercutem nas práticas de cuidado, nas estratégias de socialização de emoções, no papel que é atribuído às emoções e nas trocas afetivas, assim como nas metas de socialização que pais almejam para o futuro de seus filhos, em termos de desenvolvimento emocional. Parece importante considerar como os diferentes contextos culturais e suas práticas compartilhadas contribuem para as diferentes consequências das ênfases específicas dos aspectos sociais e da cultura e como interferem no estabelecimento das trocas afetivas entre mães e bebês.

1.3 Metas maternas de socialização de emoções

Pesquisadores do desenvolvimento humano têm intensificado esforços para compreender como o desenvolvimento é influenciado pelos contextos culturalmente estruturados nos quais vivem e sugerem que crenças parentais, metas parentais de socialização e as expectativas e avaliações parentais sobre o comportamento atual da criança sejam culturalmente influenciadas e compartilhadas na comunidade (Leyendecker, Harwood, Lamb, & Schölmerich, 2002). O cerne dessas ideias está na noção de que os modelos culturais representam o grupo de ideias que caracterizam culturas em nível amplo e têm funções para a organização do desenvolvimento humano e para relacionamentos sociais. Estes modelos podem ser vistos como constituindo filtros através dos quais os grupos de ideias são implementados em contextos e em práticas parentais, definindo objetivos ou metas de socialização. Diversos autores têm se dedicado a compreender essas questões e parece oportuna uma breve menção a duas importantes perspectivas teóricas que incluem as crenças parentais como associadas a metas de socialização e a práticas de cuidado.

A primeira delas, o Modelo de Nicho de Desenvolvimento de Harkness e Super (1994), procura compreender o processo de desenvolvimento da criança do ponto de vista da relação entre indivíduo e cultura. Apresenta os contextos de desenvolvimento como parte de um modelo cultural mais geral, onde o desenvolvimento da criança se dá em um sistema constituído por três subsistemas com dinâmica própria e em constante interação: o ambiente

físico e social no qual a criança vive (como tipo de moradia, tipo de organização social da família), as práticas de cuidado e educação prescritas e reguladas culturalmente e as características psicológicas dos cuidadores, que compreendem as etnoteorias parentais.

O primeiro subsistema inclui os aspectos objetivos da experiência no mundo, como a organização da vida diária. O segundo subsistema engloba as práticas de cuidado, que são seqüências comuns de comportamentos, práticas de criação consideradas naturais e integradas na cultura. O terceiro subsistema trata das crenças específicas a respeito das noções de mãe, pai e cuidadores ideais de uma cultura e do que é necessário fazer para que as crianças se desenvolvam bem, de acordo com valores e expectativas do contexto sociocultural.

As crenças parentais refletem um conjunto de ideias, que podem ser conhecimentos, expectativas, valores, impressões e que, segundo Harkness e Super (1996), são denominadas etnoteorias parentais e compõem o terceiro subsistema do nicho de desenvolvimento. Os sistemas de crenças parentais ou etnoteorias implicam ideias que estão implícitas nas atividades da vida diária e nos julgamentos, nas escolhas e decisões que os pais tomam, funcionando como modelos ou roteiros para ações e como estratégias de criação.

A segunda perspectiva, o Modelo de Trajetórias de Socialização e Estilos Parentais de Keller (2007), dedica-se ao estudo das relações entre a cultura, a família e o desenvolvimento do self, a partir das interações iniciais entre cuidadores e bebês. Para Keller (2007), os pais, e outros membros da família que realizam cuidados, transmitem ao bebê uma interpretação sobre o self muito antes que sua capacidade de autorreflexão tenha se desenvolvido, pois enviam sinais específicos para o bebê tanto pelos comportamentos de cuidado, quanto pela forma com que realizam estes cuidados. Os bebês, por um lado, possuem características que parecem suscitar cuidados para garantir sua sobrevivência, e os adultos e membros mais velhos da comunidade, por outro lado, estariam preparados tanto para fornecer cuidados primários, quanto estimulação, permitindo que as crianças aprendam modos específicos de relacionamento social, próprios da cultura.

Keller (2007) considerou os cuidados dispensados pelos pais às crianças como categorias denominadas sistemas parentais, que foram definidos como um conjunto de comportamentos biologicamente preparados e ativados pelas demandas ambientais para promover proximidade e conforto. Os sistemas parentais abarcam seis sistemas universais, mas sensíveis à cultura, que são: os cuidados primários, que está relacionado aos cuidados básicos de alimentar, proteger e fazer a higiene, tendo também a função de reduzir o estresse; o contato corporal, que tem a função de proteger o bebê e envolve carregar a criança no colo e promover calor emocional, relacionado à ideia de coesão social e pertencimento grupal; a

estimulação corporal, que promove o desenvolvimento motor e a percepção corporal; a estimulação por objetos, que aproxima o bebê do mundo dos objetos e ao ambiente físico em geral, podendo promover desenvolvimento cognitivo e diminuir a dependência em relação aos cuidados dos adultos; trocas face a face, que envolve o contato de olhar e o maior uso da linguagem, oferecendo ao bebê a experiência de percepção contingente e o envelope narrativo, que focaliza a linguagem utilizada pelos pais na interação com a criança.

Os estudos empíricos realizados por Keller e seus colaboradores com interesse nos cuidados parentais têm encontrado a existência de dois estilos parentais denominados estilo distal e estilo proximal (Keller, 2002). O estilo que focaliza as práticas de contato face a face, a estimulação por objetos, a atenção diádica exclusiva e a contingência em resposta a sinais positivos da criança, denominado estilo distal, permite experiências de autonomia psicológica e separação para os bebês. O estilo proximal, por sua vez, tem como característica o estabelecimento de maior proximidade interpessoal, estimulação corporal, atenção compartilhada e contingência a sinais negativos da criança, garantindo uma relação próxima e calorosa com o bebê e promovendo trajetória de desenvolvimento com valorização da interdependência.

Os sistemas parentais, de uma maneira geral, contribuem com diferentes consequências psicológicas para a formação do indivíduo, envolvendo diferentes ênfases nos componentes com variações entre culturas. O estilo distal, segundo Keller (2002) seria mais característico de cuidadores com maior nível de instrução escolar e pertencentes a contextos urbanos, que priorizariam a concepção de self como individual, valorizando metas pessoais e necessidades do indivíduo. O estilo proximal priorizaria a concepção do self como conectado aos demais membros do grupo, focalizando papéis sociais, deveres e obrigações.

Estudos empíricos envolvendo mães de diferentes níveis socioeconômicos e contextos culturais sugeriram modelos gerais associados a valores e crenças parentais (Keller, 2007; Keller & Kärtner, 2013) orientando o desenvolvimento do self, caracterizando diferentes contextos prototípicos, os autores definiram os modelos de autonomia psicológica, relações hierárquicas e um modelo misto que apresenta características tanto de autonomia psicológica quanto de relações hierárquicas. O primeiro modelo foi relacionado a um self único e distinto em que se priorizam as metas pessoais e a autonomia e as crenças são referentes a uma orientação frente ao desenvolvimento de um eu autônomo e as metas de socialização parentais são voltadas para o autoaperfeiçoamento, a realização pessoal e a independência.

O segundo modelo está presente em culturas coletivistas, em ambientes rurais e com economias de subsistência e estaria relacionado à construção do self conectado às pessoas do

grupo no qual o indivíduo se insere, como a família e a comunidade. As metas de socialização do segundo modelo seriam voltadas para a conformidade com as normas sociais, a obediência a regras, a aceitação de papéis sociais e de hierarquia, relacionando-se à construção de um self que se caracteriza pela relação hierárquica. O terceiro modelo ocorre em contextos urbanos não ocidentais, onde altos níveis de educação formal e de participação na economia de mercado levaram famílias a adotar valores autônomos e, ao mesmo tempo uma forte coesão social e uma orientação familiar que claramente organiza e domina a maioria das esferas da vida. Esse modelo, segundo Keller e Kärtner (2013), pode ser caracterizado por uma configuração específica que mescla os dois modelos delineados anteriormente.

Os estudos sobre metas de socialização, que têm discutido valores e crenças parentais com amplos modelos culturais, têm pesquisado de uma maneira geral as variações possíveis em que as culturas organizam as metas de socialização quanto à autonomia e à relação. Nestes estudos, os pesquisadores têm buscado caracterizar a importância dos sistemas de significado cultural quanto à utilização de conceitos próprios à cultura em diferentes abordagens, com diversos objetivos: criar definições e critérios culturalmente sensíveis relacionados aos comportamentos sociais (Harwood, 1992); estudar o desenvolvimento como influenciado pela cultura (Leyendecker et al., 2002); estudar as interfaces família-sociedade-socialização (Miller & Harwood, 2001); discutir a possível coexistência dinâmica de sistemas de valores culturais e sua relação com as metas parentais de desenvolvimento (Tamis-LeMonda, 2008).

Estudos relacionados à segunda perspectiva, a do Modelo de Trajetórias de Socialização e Estilos Parentais de Keller (2007), foram desenvolvidos sobre diferentes trajetórias de socialização, considerando os cuidados dispensados pelos pais às crianças como tendências para cuidar. Tais predisposições para o cuidado estão presentes em todas as culturas, mas assumindo formas e dinâmicas próprias a cada uma. Para esses autores, as crianças crescem dentro do que seus pais planejam e definem sobre o que é apropriado em termos de atividades, contatos sociais e cuidados parentais. As ideias parentais sobre cuidados apropriados às crianças, vistas como mediadoras dos comportamentos parentais direcionados às crianças, são interpretadas como desempenhando um importante papel na mútua regulação, e vistas como envolvendo as metas de socialização que os pais têm para seus filhos. As metas de socialização, de acordo com o que Keller (2007) e colaboradores apresentam, são supostas para servir como veículos através dos quais as emoções, motivações e valores orientam as ações. Elas capturam os ideais que grupos culturais têm desenvolvido com respeito às suas prioridades na definição de finalidades desejáveis ou ótimas maneiras de ser no interior de seu

contexto cultural e fazem parte das ideias parentais sobre cuidados apropriados às crianças, que fazem parte das etnoteorias parentais.

1.3.1 Metas parentais de socialização: componente de sistemas de significação cultural

As compreensões culturais que os pais apresentam sobre cuidados dispensados às crianças podem ser organizadas em categorias mais amplas de crenças denominadas sistemas culturais de crenças parentais ou etnoteorias parentais, que se traduzem em ações relativas à criação de filhos. As etnoteorias parentais podem ser descritas em termos de crenças sobre práticas de cuidado e de metas de socialização (Macarini, Martins, Sachetti, & Vieira, 2010). As metas de socialização, que expressam características desejáveis para o futuro da criança (Harwood et al. 1996), vêm sendo pesquisadas em relação a distintos contextos culturais.

Dentre os estudos que têm pesquisado as variações possíveis em que as culturas organizam as metas maternas de socialização quanto a qualidades culturais desejadas, o de Harwood (1992), discute a utilização de conceitos próprios à cultura para compreender um contexto cultural. O significado cultural das definições marcadas por estes conceitos pode ser o de criar critérios culturalmente sensíveis de comportamento social.

Harwood (1992) investigou a percepção materna de comportamentos de apego desejáveis e indesejáveis em mães anglo-americanas e de Porto Rico, de classe média e baixa, com o objetivo de estudar semelhanças e diferenças entre os grupos a partir de características demográficas, de classe social, anos de escolaridade e origem étnica. Foram avaliadas metas de socialização de longo prazo através de qualidades e de comportamentos que cada mãe considerou desejáveis e indesejáveis para seu filho, com o objetivo de obter um quadro rico dos conceitos maternos de que elas se utilizavam e de suas metas de socialização para os filhos.

De acordo com o que argumenta Harwood (1992), a cultura anglo-americana é geralmente considerada como a que prioriza valores como individualismo, autoconfiança, realização individual e independência, e a de Porto Rico é geralmente considerada como sociocêntrica, enfatizando obrigações interpessoais, dignidade pessoal e respeito aos outros. Respeito e dignidade seriam demonstrações de comportamento apropriado, qualidades estas identificadas como centrais na cultura de Porto Rico.

As mães de origem anglo-americana eram brancas, foram educadas nos Estados Unidos e falavam a língua inglesa como primeira língua. As mães de Porto Rico eram nascidas em Porto Rico, falavam a língua espanhola e residiam nos Estados Unidos por pelo menos oito anos. As mães anglo-americanas tinham mais anos de escolaridade formal e tinham menos filhos que as mães porto-riquenhas.

A partir da análise das metas de socialização de longo prazo, foram definidas cinco categorias representativas dos comportamentos descritos pelas mães: (1) desenvolvimento pessoal, ou como a criança se torna autoconfiante, independente e desenvolve seus talentos e habilidades como um indivíduo; (2) autocontrole, ou como a criança freia impulsos negativos relacionados à agressividade, ganância e egocentrismo; (3) amorosidade ou ser amável, amigável; (4) respeitabilidade ou criança ter boas maneiras, ser obediente e bem comportada; (5) decência ou a criança deve crescer para atingir expectativas sociais básicas, como trabalhar duro, ter responsabilidade e honestidade. De acordo com Harwood (1992), as categorias desenvolvimento pessoal e autocontrole foram identificadas como predominantes para as mães anglo-americanas, enquanto para as mães de Porto Rico foram identificadas as de respeitabilidade e amorosidade.

Os achados deste estudo de Harwood (1992) fornecem evidências da influência de valores culturais nos significados dados pelas mães para diferenças individuais nos comportamentos quando convidadas a caracterizar crianças que imaginaram. A partir de uma comparação dos diferentes significados atribuídos, os achados indicaram que as mães anglo-americanas valorizaram mais competências relacionadas ao desenvolvimento pessoal, como autoconfiança e independência para dar conta de uma situação não familiar e as mães de Porto Rico valorizaram mais capacidade de manter um bom comportamento num contexto público.

Dos estudos que têm pesquisado como o desenvolvimento é influenciado pelos contextos culturais, Leyendecker et al. (2002) apresenta uma investigação que contrasta valores parentais e metas de socialização a longo prazo entre mães americanas e mães imigrantes da América Central para os EUA. Os pais imigrantes se veem diante da situação de manter sua identidade cultural e, ao mesmo tempo, incorporar valores do novo país, no qual podem melhorar as chances de sucesso econômico de seus filhos. Os recentes imigrantes tendem a manter a rotina de tarefas cotidianas e de interações, parecendo manter e refletir os modelos tradicionais da sua própria socialização. Por outro lado, as metas de socialização de longo prazo para o futuro de seus filhos não parecem seguir somente os valores tradicionais, mas também as mudanças de valores para a sobrevivência econômica e o sucesso no novo contexto.

Nesse estudo de Leyendecker et al. (2002), as participantes foram mães que imigraram da América Central (El Salvador, Guatemala, Nicarágua e Honduras) para os EUA antes do nascimento de seus filhos e mães americanas, em um total de 45 mães com filhos de oito a doze meses. As mães foram entrevistadas sobre suas avaliações do comportamento de seus filhos (desejáveis e indesejáveis) quando estes estavam com oito meses de idade em diferentes contextos: alimentação, brincadeiras, troca de fraldas e dormir à noite. Uma segunda entrevista foi realizada aos 12 meses sobre o comportamento dos bebês em situações diárias.

Os resultados das avaliações maternas de situações cotidianas mostraram que as mães da América Central enfatizaram comportamento por elas considerado como apropriado e cooperação como principais fatores que contribuíram para a desejabilidade (ou indesejabilidade) de comportamentos dos filhos, mas enfatizaram também satisfação mútua para episódios de brincadeira quando interagiram com suas crianças. Assim sendo, foram mais propensas a expressar metas de socialização de longo prazo que enfatizavam comportamentos que consideravam apropriados para as crianças. Já as mães americanas tenderam a enfatizar qualidades como autoaperfeiçoamento e autocontrole. No entanto, foram encontradas semelhanças, além de heterogeneidades entre os dois grupos.

Uma análise mais detalhada a partir da categoria autoaperfeiçoamento indicou que o grupo de mães trabalhadoras imigrantes colocou a mesma ênfase que mães de classe média americanas em qualidades associadas com o sucesso econômico, como o terminar a escola, desenvolver tarefas cognitivas e alcançar bom emprego, mesmo havendo variações nas respostas. Entretanto, as mães imigrantes deram menos ênfase a aspectos do individualismo, como o autocontrole, a autoconfiança e a independência psicológica. Consideraram que valorizar o desenvolvimento de tarefas cognitivas, o trabalho duro e alcançar metas e sucesso (qualidades associadas com o sucesso econômico), pode coexistir com valores tradicionais e sociocêntricos, como o valor de exibir comportamento conformista. Além disso, consideraram que adotar valores relacionados ao sucesso econômico não resultaria, necessariamente, em uma redução de valores associados a comportamento conformista, dentro da categoria comportamento apropriado, mas ao contrário, poderiam ser valores complementares.

Miller e Harwood (2001), em um estudo longitudinal, tiveram como objetivo investigar as relações entre as metas de socialização de longo prazo e as redes sociais que mães construíram para seus bebês. Foram entrevistadas 32 mães americanas e 28 mães de Porto Rico em relação às metas de socialização de longo prazo e o tipo (parentes e não parentes), o número e frequência dos contatos sociais atuais de seus bebês de oito meses. Em ambos os grupos, a metade dos bebês era o primeiro filho, assim definido para permitir

examinar mais cuidadosamente a relação entre valores culturais das mães e a estruturação das redes sociais de seus bebês. A idade de oito meses foi escolhida, pois a vida familiar já teria se estabilizado melhor do que logo após o nascimento. De acordo com os autores, embora os constructos egocentrismo/independência e sociocentrismo/coletivismo tenham se mostrado robustos e úteis para um entendimento cultural de diferenças, são dimensões que resultam em categorizações muito amplas e apontaram a necessidade de constructos de maior especificidade para que sejam investigadas as interfaces família-sociedade-socialização.

Partindo desse princípio, e para que obtivessem um conjunto de metas de socialização de longo prazo, os autores realizaram uma pesquisa com mães anglo-americanas e porto-riquenhas. As mães foram solicitadas a descrever as qualidades que elas gostariam e as que elas não gostariam que seus filhos possuíssem quando se tornassem adultos, e ainda a descreverem as crianças que conheciam e que já apresentassem algum indicativo dessas qualidades positivas e negativas. A elas foi perguntado também sobre o tipo, número e frequência dos contatos sociais atuais de seus bebês, ou seja, com quantos amigos e parentes seus bebês tiveram contato.

Miller e Harwood (2001) consideraram que a estruturação dos contatos de bebês com parentes e não parentes envolveu heterogeneidades dentro dos dois grupos pesquisados relacionadas ao tipo e à frequência de contatos sociais atuais dos bebês. Os resultados indicaram que as mães anglo-americanas tendiam a ter redes sociais extensas, caracterizadas por um número relativamente grande de membros não familiares que são vistos e encontrados presencialmente, embora os contatos sejam pouco frequentes. Contrariamente, as mães latinas tendiam a ter redes interligadas, caracterizadas por contatos frequentes com parentes e com membros da família extensa.

As análises das metas de socialização de longo prazo revelaram que as mães anglo-americanas deram ênfase relativamente maior a qualidades relacionadas ao autoaperfeiçoamento, como autoconfiança e realização de potencial pessoal e menos respostas relacionadas à conduta adequada, indicando serem mais propensas a enfatizar metas de socialização de longo prazo consistentes com a ampla orientação cultural para o individualismo. Por outro lado, as mães porto-riquenhas deram uma ênfase relativamente maior a qualidades relacionadas à conduta tida por elas como apropriada, como o comportamento interpessoal apropriado e a habilidade de se entender bem com os outros e o cumprimento de todas as obrigações, particularmente dentro da família, em qualidades consistentes com uma ampla orientação cultural em direção ao sociocentrismo.

Ainda dentro desse espectro de interesse investigativo que abarca as metas de socialização parentais, Tamis-LeMonda et al. (2008) apresentam um modelo teórico sobre a coexistência dinâmica dos sistemas de valores culturais e as metas de desenvolvimento traçadas por pais. Apresentam concepções sobre as variações dentro dos sistemas de valores culturais mais voltados para o individualismo ou coletivismo, articulando-as com metas de desenvolvimento associadas à autonomia e relação. O estudo se propõe a compreender as maneiras pelas quais as comunidades mantêm valores individualistas ou coletivistas e como pais experimentam metas de desenvolvimento de autonomia e relação.

Os autores concebem individualismo e coletivismo como associados aos macrossistemas de valores, e metas de desenvolvimento como associadas a qualidades psicológicas específicas, como a autoestima e respeito, que os pais desejam que crianças desenvolvam. Consideram que valores culturais e metas de desenvolvimento que na literatura costumam ser considerados como polos opostos, podem ser vistos como conflitantes, como aditivos ou como funcionalmente dependentes.

Dentro dessa concepção, os pais podem considerar a meta de desenvolvimento de autonomia como interferindo com o objetivo de relacionar-se (e vice-versa); podem endossar tanto valores de autonomia, quanto de relação/pertencimento; podem considerar a meta de desenvolvimento de relação como um caminho para a meta de autonomia e/ou a meta de autonomia como um caminho para a meta de relação. Estas formas de articulação seriam elas mesmas dinâmicas, podendo mudar através das situações, dos períodos de desenvolvimento e em resposta a contextos sociais, políticos e econômicos.

Para Tamis-LeMonda et al. (2008), os pais transmitem valores, regras e padrões sobre formas de pensar e agir com a intenção de apoiar a aquisição das habilidades necessárias para que as crianças vivam de forma adaptativa em suas comunidades locais. Embora o fato de pais transmitirem valores, regras e formas de pensar para seus filhos seja considerado algo universal, o conteúdo desses elementos e o modo como isto se dá pode variar muito de acordo com a cultura.

A partir de narrativas sobre valores que pais desejam incutir em seus filhos, metas imediatas e de longo prazo que têm para suas crianças e para si mesmos, Tamis-LeMonda et al. (2008) discutem as relações entre as orientações culturais mais gerais e metas parentais de desenvolvimento específicas de autonomia e de relação. Como resultados da pesquisa, uma parcela dos pais expressou quatro valores associados ao objetivo ou meta global de desenvolvimento da autonomia: (1) a escolha pessoal, vista como oportunidade para reivindicar preferências pessoais e para estabelecer uma identidade única; (2) a motivação

intrínseca e persistência, isto é, ser impulsionado internamente para atingir objetivos, valor que está ligado ao otimismo e às chances de sucesso; (3) a autoestima, valor que surge da crença de que sentir-se bem consigo mesmo está relacionado a resultados de sucesso; (4) o autoaperfeiçoamento, que se refere a alcançar todo o potencial como indivíduo e se transformar em ser autônomo único. Outra parcela dos pais expressou valores relacionados às metas de desenvolvimento de pertencimento, que seriam a conexão com a família e com outros relacionamentos íntimos, o respeito e a obediência. Com base no valor conexão com a família, o indivíduo considera as repercussões de suas ações para a família ou comunidade antes de agir.

Como discutido por Tamis-LeMonda et al. (2008), o respeito e a obediência são considerados fundamentais para alcançar a harmonia dentro do grupo. Nas famílias latinas, a construção do constructo “respeito” e a importância associada de criar uma criança que seja “bem-educada” são exemplos da ênfase ao respeito e obediência para fins de harmonia de grupo. A ênfase na obediência é uma característica de uma hierarquia ou estrutura social vertical, como ocorre quando as mães descrevem crianças ideais como sendo aquelas que são obedientes aos mais idosos, que tenham calma para atender às necessidades dos outros, que sejam educadas e dóceis. Estas estruturas apresentam fronteiras claras de autoridade que funcionam para evitar dissidências, o que, por sua vez, facilita a harmonia entre os participantes do grupo.

Embora a autonomia e a relação sejam muitas vezes contrastadas na literatura, Tamis-LeMonda et al. (2008) sugerem que esses sistemas de valores e metas de desenvolvimento coexistem na maioria das culturas, observando que os limites entre as orientações coletivistas e individualistas podem não ser tão nítidos. Os autores sugerem pensar mais em tendências centrais, probabilidades de um indivíduo de certa cultura subordinar metas pessoais aos objetivos do grupo, ou metas do grupo a objetivos pessoais, do que ser guiado por uma única orientação. Anos antes, Kagitçibasi (1996, 2005) já havia observado que as metas de desenvolvimento que valorizam a interdependência emocional podem coexistir com metas de desenvolvimento que valorizam a independência econômica, dentro de um dado sistema familiar, o que a levou a propor a concepção de um modelo de “self autônomo-relacional”.

Tamis-LeMonda, Wang, Koutsouvanou e Albright (2002) realizaram uma pesquisa sobre metas de desenvolvimento com pais de bebês, pré-escolares e adolescentes de uma variedade de origens étnicas, raciais e econômicas, incluindo afro-americanos de baixa renda, mexicanos americanos, porto-riquenhos, dominicanos americanos, mães americanas chinesas que viviam em Nova York, mães americanas de origem anglo-americana, da Grécia e de

Taiwan, e mães e pais chineses que moravam na China. Nessa pesquisa encontraram que mães que tinham valores coletivos como referência demonstraram preocupações com relacionamentos estreitos de seus filhos com amigos, como se essa proximidade fosse prejudicial para o sucesso pessoal e comprometesse as chances para alcançar metas como liderança e escolha pessoal, consideradas nas pesquisas como orientadas para a autonomia.

É relatado ainda, como parte dos resultados, que famílias de pais imigrantes da República Dominicana, México e China expressaram preocupações, já que embora a orientação individualista dos EUA resultasse em grande sucesso para seus filhos, também levaria ao aumento do egoísmo e à diminuição dos cuidados com os pais (Tamis-LeMonda et al., 2002). Também foi relatado que muitas mães incluíram autonomia e relação quando falaram sobre qualidades que desejavam incutir em suas crianças. Em cada uma dessas narrativas, as mães simultaneamente enfatizaram qualidades que têm sido classificadas como opostas, como a opinião de que a meta de desenvolvimento da obrigação familiar (pertencimento) tem como objetivo promover o desenvolvimento pessoal e o sucesso (autonomia) e a meta de realização individual pode ser parte do sucesso coletivo e do sucesso pessoal simultaneamente, podendo trazer retorno para a família sob a forma de apoio financeiro e responsabilidade. Para pais chineses, crianças que alcançam sucesso na escola e no local de trabalho, trazem orgulho para a família e são capazes de sustentar sua família financeiramente no futuro. Para muitos dos pais, promover a independência em crianças significou levar ao aprimoramento das habilidades relacionais e, em última instância, voltar a gerar benefícios para a família, sugerindo que veem as metas de desenvolvimento como convivendo harmoniosamente e sem contradições entre incentivos de autonomia e de pertencimento a seus filhos.

Boa parte dos estudos sobre metas de socialização de mães citados na literatura usam amostras de um país específico (Leyendecker et al., 2002; Seidl-de-Moura et al., 2009; Vieira et al., 2010) ou comparações entre mães de diversos países (Keller & Otto, 2009; Tamis-LeMonda et al., 2002). Sociedades com grande diversidade socioeconômica e cultural, como o Brasil, podem não apresentar um modelo único de metas de socialização, crenças e práticas parentais, mas modelos culturais mais amplos que orientam as metas de socialização mais específicas ou particulares a um dado contexto.

Seidl-de-Moura et al. (2008a), em consonância com essa preocupação, investigaram metas de socialização de 350 mães das cinco regiões geográficas do Brasil. As variáveis independentes consideradas no estudo foram o tamanho das populações das cidades como provável indicador do grau de urbanização e as condições típicas que poderiam conduzir às

metas de autonomia. Estas metas poderiam estar relacionadas às condições de oferta de suporte social pela família estendida às mães. Os resultados encontrados para o conjunto de mães indicaram a valorização equilibrada das metas caracterizadas como autoaperfeiçoamento, relacionadas à autonomia e as caracterizadas como comportamento apropriado, associadas à relação.

Na discussão dos resultados, Seidl-de-Moura et al. (2008a) levaram em conta ainda o porte da cidade e identificaram que as mães mostraram diferentes perspectivas, orientadas tanto por metas de autonomia como de interdependência, bem como para uma combinação equilibrada de ambas, dependendo de onde viviam. O grupo de mães que morava no Rio de Janeiro, uma cidade de grande porte, valorizaram metas de autonomia; as que moravam no sul (Florianópolis e Porto Alegre), valorizaram metas de interdependência no desenvolvimento de suas crianças; o grupo do norte e nordeste (Salvador, Belém e João Pessoa) apresentou um padrão consistente com atingir o desenvolvimento de selves autônomo-relacionais em suas crianças e o grupo de mães que morava em Campo Grande, região central do Brasil, mostrou uma tendência similar, mas com grande ênfase em decência (indicativa, segundo as autoras, de tendência para interdependência). O nível de instrução escolar das mães também foi uma variável importante na direção das metas de socialização. Assim, mães com maior nível de instrução tenderam a dar mais importância a metas de autonomia do que mães com menor nível de escolaridade. De um modo geral, os resultados revelaram variações entre as diferentes regiões brasileiras, a depender do porte das cidades e do nível de educação formal das mães, mas também revelaram a coexistência de metas de autonomia e de relação no país, configurando um perfil autônomo-relacional, como foi caracterizado por Kagitçibasi (1996, 2005).

Em outro estudo brasileiro, Seidl-de-Moura et al. (2009) investigaram um grupo de 200 mães primíparas do Rio de Janeiro que tinham filhos de até 44 meses. Confirmando a tendência já observada no estudo com as amostras de diferentes regiões brasileiras (Seidl-de-Moura et al., 2008a), os resultados mostraram que as mães compartilhavam um modelo cultural voltado para autonomia, mas também acreditavam na importância da relação com o outro. Em geral esse grupo de mães demonstrou querer sucesso para seus filhos, especialmente para suas carreiras futuras, mas também valorizar a decência, não desejando que seus filhos tivessem sucesso a qualquer custo. A mais alta pontuação foi relacionada à integridade pessoal e a valores religiosos, associados a um modelo cultural voltado para a relação. De maneira geral, parece que essas mães desejavam que seus filhos alcançassem sucesso e atingissem seu potencial, mas com trabalho duro e com honestidade.

Vieira et al. (2010), trabalhando com participantes de capitais de regiões diversas do país, procuraram considerar as diferentes modulações da autonomia e da interdependência nas crenças e metas maternas em participantes de diferentes níveis de urbanização. Os resultados mostraram que as mães das capitais valorizaram equilibradamente autonomia e relação, mas as mães das pequenas cidades valorizaram mais a relação e a interdependência do que a autonomia, em suas metas de socialização.

Macarini et al. (2010), ao estudarem metas de socialização para crianças com até três anos de idade, por parte de suas mães, residentes na capital e no interior de Santa Catarina, verificaram que na capital as mães valorizaram metas relacionadas à autonomia da criança e que no interior os aspectos relacionais foram mais valorizados. As metas de socialização que as mães da capital apresentaram eram que seus filhos desenvolvessem cada vez mais cedo independência, autoconfiança, senso de identidade e autoestima. Já as mães residentes no interior desejaram que seus filhos desenvolvessem habilidades relacionais. Verificou-se que as mães do interior tinham menos idade e escolaridade, mais proximidade com a família de origem e tinham seu primeiro filho com menos idade do que as mães da capital. A partir dos resultados, os autores concluíram que no interior o contexto oferece maior proximidade física entre as pessoas e as mães também esperam que seus filhos desenvolvam a capacidade de se relacionar bem com os outros, respeitando os pais e as pessoas mais velhas. No entanto, apesar desta proximidade com a família de origem e da valorização das habilidades relacionais nos filhos, as mães do interior também valorizaram a dimensão de autonomia, desejando que seus filhos fossem independentes desde cedo. Os autores concluíram que apesar das tendências para uma ou outra dimensão, foi verificada a presença de elementos de autonomia e de relação em ambos os tipos de locais estudados, o que indicou a coexistência dos modelos autônomo e relacional de self.

Os estudos sobre metas de socialização têm discutido, de uma maneira geral, as variações nos amplos modelos culturais que organizam as metas de socialização quanto à autonomia e à relação; quanto às probabilidades de um indivíduo de certa cultura subordinar metas pessoais a objetivos do grupo, ou metas do grupo a objetivos pessoais; quanto às diferenças no desenvolvimento quando em contexto de imigração; e quanto à coexistência dinâmica de sistemas de valores culturais e sua relação com metas de desenvolvimento. No entanto, é necessário ampliar os estudos sobre metas parentais de socialização, de modo que seja também investigado o que os pais desejam para o futuro de seus filhos em termos de desenvolvimento emocional, bem como relacionar as metas de socialização de emoções aos modelos de desenvolvimento do self.

1.3.2 Metas de socialização de emoção no desenvolvimento infantil

O impacto das metas de socialização, crenças e práticas parentais relativas às emoções no desenvolvimento das crianças tem sido alvo de alguns estudos teóricos e empíricos nas últimas décadas. Os resultados de discussões e pesquisas realizadas sinalizaram que as emoções são componentes vitais nos cuidados parentais efetivos (Ayoub, Bartlett, & Schwartz, 2014; Dunsmore, Her, Halberstadt, & Perez-Rivera, 2009). Por outro lado, o papel que as mães atribuem às emoções em suas vidas e na de seus filhos e a relação com as metas e crenças parentais, no sentido do que desejam em termos do desenvolvimento emocional para seus filhos, ainda é pouco estudado. Em contextos brasileiros são raras as investigações sobre como as emoções afetam metas parentais, escolhas de práticas de cuidado e estratégias de socialização de emoção (Mendes & Cavalcante, 2014; Fonseca, Cavalcante, & Mendes, 2017; Mendes, Sant'Anna, & Ramos, 2019).

As trocas afetivas que os cuidadores estabelecem com a criança e a forma com que lidam com emoções, sejam as suas, as das crianças e as de outras pessoas que as cercam, tornam-se episódios de referência e aprendizagem para as crianças. As emoções são recursos poderosos para lidar com situações vivenciadas, motivações, frustrações, angústias e com a possibilidade de se comunicar. São fundamentais para que a criança possa se entender e aos outros, no mundo social em que vive.

Os estudos sobre interações iniciais têm apontado para a competência dos recém-nascidos, quanto à sua capacidade de perceber o mundo, de imitação, e de comunicação. Nesse sentido, como discutido anteriormente, desde os primeiros momentos de vida, o ser humano mostra capacidade de se expressar emocionalmente e a partir de uma idade ainda muito precoce, e estas emoções parecem ser direcionadas para outra pessoa como um parceiro social (Mendes & Seidl-de-Moura, 2015; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014; Mendes & Pessôa, 2013b).

Nas mais diversas culturas, as mães são as pessoas primárias socialmente significantes durante os meses iniciais de vida (Keller, 2007). Em todos os grupos, pais e mães desejam passar estratégias que promovam a sobrevivência de suas crianças e sua competência, sendo essas estratégias forças vivas que se referem a diferentes domínios, incluindo o emocional.

A experiência emocional e o conhecimento acerca das emoções são constituídos no contexto em que a criança se desenvolve, abrangendo a família e demais grupos de que a

criança participe, com suas características específicas. Os pais ensinam às crianças como expressar emoções e como perceber emoções nas outras pessoas, ou se colocam como modelos para tal, favorecendo a expressão e o desenvolvimento de mecanismos de controle das emoções, de acordo com o sistema cultural em que estão inseridos.

Investigar metas e expectativas parentais sobre emoções pode fornecer informações importantes para que se conheça o ambiente familiar de socialização que influencia o desenvolvimento das capacidades da criança para reconhecer, expressar e lidar com as emoções. A socialização das emoções ocorre através de alguns caminhos, que passam pelas expressões emocionais dos pais, que oferecem um modelo de regras emocionais e enfatizam atitudes em relação às emoções, podendo ocorrer nas reações dos pais frente às manifestações emocionais dos filhos, na forma de apoio, incentivo ou rejeição a manifestações emocionais, ou mesmo através de conversas e diálogos com a criança. As competências emocionais são essenciais para uma vida saudável e plena da criança, e seu desenvolvimento começa nas etapas iniciais da ontogênese, sobretudo através da interação entre os bebês e seus pais. Esse processo é continuado e passa por etapas em que as crianças já constituíram um repertório diferenciado de emoções e de ações que possa ser usado a serviço de suas motivações (Mendes, 2017). Neste sentido, Keller e Otto (2009) discutem o processo de socialização para o desenvolvimento da regulação emocional e Chan (2011) discute as relações entre concepções maternas do *self* e metas de socialização de emoção.

Keller e Otto (2009) estudaram dois contextos culturais, quais sejam: (1) o de famílias camponesas da comunidade Nso de Camarões, cuja psicologia dos cuidadores é considerada como orientada para as relações de pertencimento, e (2) o de famílias de classe média urbana ocidental da Alemanha, tidas como orientadas para as relações de autonomia. Assim, foram comparados dois contextos com diferenças nas características econômicas (economia de uma sociedade pós-industrial e economia de subsistência de uma comunidade agrária) e sociais (população em larga escala e estilo de vida baseado na liberdade individual, em comparação a uma população em pequena escala, com interações próximas) relacionadas a diferentes modelos culturais. Foi verificado que essas diferenças entre os contextos repercutiam em diferentes estratégias de socialização das emoções, com consequências para o desenvolvimento da regulação emocional de crianças.

Um dos contextos estudados, o das aldeias agrícolas tradicionais camaronesas, os Nso, na África, cultivam interações interpessoais em uma densa rede social de relacionamentos, em que o trabalho é comunitário e o sistema familiar é hierárquico. A família Nso possui, em média, sete membros com cerca de três filhos vivos, sendo que o primeiro bebê nasce

geralmente quando a mãe tem entre 17 e 20 anos. Nesse grupo social, as mães têm, em média, cerca de sete anos de educação formal. O indivíduo é parte de um sistema social em que se busca harmonizar relacionamentos, valoriza-se a cooperação e a conformidade e cada indivíduo deve se identificar com o papel social que lhe é atribuído.

O segundo contexto estudado foi o de famílias urbanas ocidentais de classe média alemã, que vivem em cidades de grande porte populacional, com uma economia baseada na circulação de dinheiro, cuja aquisição varia de acordo com competências individuais e com oportunidades relacionadas à classe social, e que têm como prática cultural realizar encontros diários, muitos deles, anônimos, envolvendo várias pessoas. A frequência de mães com acesso à educação formal e com grau de escolaridade universitário é alta nesse contexto. O estilo de vida é baseado na liberdade, na realização individual e nas escolhas pessoais. Este contexto é descrito como organizado principalmente pela dimensão de autonomia, e nele, o indivíduo é visto como autônomo, competitivo, separado, único, autossuficiente, assertivo e com um senso interior de quem possui vontades e opiniões próprias.

Na discussão de resultados, Keller e Otto (2009) argumentam que esses contextos geraram diferentes etnoteorias parentais e diferentes metas de socialização para os filhos. As estratégias de socialização Nso voltaram-se, predominantemente, a um controle emocional inicial com uma ênfase especial sobre a supressão de emoções negativas, enquanto as estratégias de socialização geralmente empregadas pelos pais de classe média urbana alemã enfatizaram a expressão emocional.

O controle emocional precoce foi considerado pelas autoras como parte de uma concepção de *self* em que pertencimento e relação eram os organizadores do desenvolvimento, enquanto expressividade emocional inicial foi considerada como parte de uma concepção de *self* em que a autonomia era a força organizadora do desenvolvimento. Segundo Keller e Otto (2009), os dois modelos culturais apresentam diferentes concepções de *self*, sendo mediados pela experiência e por diferentes formas de expressão de emoções. As emoções, segundo as autoras, estariam intimamente interligadas com experiências, avaliações, relações e regulação do *self*.

Outro estudo, de Chan (2011), examinou as associações entre concepções maternas de *self* e metas de socialização de emoção. Para Chan (2011), o modelo cultural de *self* explica as influências das diferenças de valores culturais das culturas coletivistas e individualistas que têm sido associadas a níveis mais altos de interdependência e independência, respectivamente. Essas diferenças estariam na forma de como os indivíduos se veem.

De acordo com a autora, em países ocidentais, o comportamento de um indivíduo é

visto como regulado por seus pensamentos, motivos, necessidades e sentimentos e o *self* representa uma entidade autônoma e independente com necessidades e atributos pessoais. Esta seria uma interpretação independente de si, que orienta para a satisfação de necessidades pessoais e para a realização de potenciais e atributos pessoais. As relações grupais e sociais serviriam para promover a força do *self* em uma sociedade individualista.

Em sociedades em que a interdependência é valorizada, o *self* não é igual a um *self* "individual". Em vez de se ver o *eu* como um indivíduo com necessidades e atributos psicológicos próprios, o *eu* seria visto como uma pessoa enredada em uma rede de relacionamentos. O *eu* seria uma constelação de papéis sociais prescritos ou atribuídos, com uma concepção interdependente de si mesmo. Os comportamentos do indivíduo seriam contingentes, dependendo do que eles percebem serem os pensamentos, sentimentos e ações de outros do grupo, em qualquer relacionamento. A concepção interdependente de si mesmo se volta para a promoção do bom andamento da vida do grupo e da boa convivência entre seus membros.

Para Chan (2011), diferenças na experiência emocional e na regulação emocional podem ser esperadas entre sociedades que colocam diferentes ênfases nos dois tipos de concepção do *self*. Em uma sociedade em que uma concepção interdependente do eu é nutrida, como a sociedade chinesa, as pessoas tendem a levar em consideração os sentimentos dos outros, antes de expressar suas próprias emoções, com o objetivo de harmonizar as relações interpessoais. Os pais chineses ficam ansiosos para socializar seus filhos para que saibam "ler a cor do rosto" de outras pessoas e agir em conformidade com o grupo. Já nas sociedades em que uma interpretação independente de si mesmo é predominante, a emoção é considerada como um atributo individual, e a expressão de emoção como uma articulação de necessidades ou desejos individuais. Nas sociedades ocidentais, a expressão de emoção é um reconhecimento da importância do *self* e ajuda os indivíduos a alcançarem suas necessidades e objetivos, e satisfazerem seus desejos.

Chan (2011) considera dois tipos de emoção, as emoções centradas no eu e as emoções focadas no outro. A manipulação dessas emoções nas relações de interdependência facilitaria intercâmbios recíprocos de comportamentos sociais cooperativos, uma vez que dependem dos pontos de vista de outras pessoas sobre si mesmo. A sociedade chinesa foi dada como exemplo de como a exibição de emoção focada no eu é vista como altamente inaceitável ou possivelmente imoral.

Para Chan (2011), a competência emocional avaliada por aqueles com uma forte interpretação independente do eu incluiria compreensão das emoções, expressão natural de

emoções e mais especialmente as emoções centradas no eu. Por outro lado, para a autora, uma concepção de *self* interdependente enfatiza a regulação das emoções, especialmente as emoções focadas no eu, encorajando a expressão de emoções focadas no outro e estimulando a interdependência emocional ou competência emocional relacional.

A autora entende ainda que os comportamentos parentais só seriam significativos se entendêssemos o significado que os pais atribuem a esses comportamentos. A partir de uma pesquisa com 189 mães chinesas para medir a importância relativa da competência emocional individualista e da competência emocional relacional das crianças, Chan (2011) identificou que mães chinesas valorizaram tanto uma concepção interdependente de *self*, como uma concepção independente de *self*. Houve, no entanto, uma ênfase mais forte em uma concepção de *self* interdependente do que em uma concepção de *self* independente.

Os resultados mostraram que mães com forte concepção de *self* independente endossaram valores como independência, assertividade, abertura e direitos de expressar seus sentimentos e opiniões, pois elas aspiravam criar crianças que entendessem suas próprias emoções, que fossem verdadeiras em suas expressões e emocionalmente independentes. Os resultados também revelaram que as mães com uma concepção de *self* interdependente, consideraram independência e relação como importantes, e que estes valores precisam ser inculcados nas suas crianças. As mães valorizaram habilidades para controlar emoções na frente de membros mais velhos da família e ao mesmo tempo habilidades para expressar emoções.

O estudo mostrou que as mães chinesas consideraram a emoção como um bem pessoal e a expressão emocional como um veículo para promover relações interpessoais harmoniosas. Simultaneamente, explicitou que elas aspiravam criar crianças que fossem boas em expressar emoções focadas nos outros e em controlar emoções centradas no eu, a fim de construir relacionamentos harmoniosos com as pessoas.

Em síntese, o desenvolvimento tem sido compreendido como influenciado pelos contextos culturalmente estruturados. As metas de socialização de longo prazo e suas avaliações sobre o papel que é atribuído às emoções e a relação dessas com as metas e crenças parentais tem sido consideradas culturalmente influenciadas, podendo comportar significações que incluem tanto valorizações orientadas para as relações de pertencimento e emoções focadas no outro, como orientadas para as relações de independência e autonomia e as emoções centradas no eu.

Constatando o valor das interações iniciais no desenvolvimento quanto à atitude ativa do bebê, à participação de comportamentos maternos nessa interação, e ainda, entendendo-as

como constituindo espaços de trocas afetivas, considerou-se que no segundo mês de vida ocorrem importantes mudanças quanto às expressões faciais de afeto dos bebês e às expressões emocionais dos cuidadores. Também foi considerado que as prioridades culturais, as estratégias de socialização e as variações nos amplos modelos culturais que organizam as metas de socialização aceleram alguns domínios mais do que outros, levando a diferentes valorizações para a especificidade de algumas emoções e fenômenos que ocorrem aos dois meses de idade e que caracterizam uma mudança qualitativa na forma com que bebês interagem com parceiros sociais e se expressam. Esses pressupostos nortearão a definição do objetivo desse estudo e a forma de abordá-lo.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Essa tese tem como objetivo geral analisar trocas afetivas em contexto de interação mãe-bebê, e tentativas dessas trocas, para bebês de dois a três meses de idade, considerando as expressões emocionais do bebê e comportamentos afetivos maternos, bem como as possíveis associações entre características dessas trocas e as metas de socialização de emoções manifestadas por mães residentes no Rio de Janeiro.

2.2 Objetivos específicos

Os objetivos específicos definidos para essa tese são:

1. Quantificar ocorrências de trocas afetivas e de tentativas dessas trocas entre mães e seus bebês;
2. Caracterizar as trocas afetivas quanto à complexidade em termos do número de turnos; *
3. Caracterizar as trocas afetivas e tentativas dessas trocas quanto ao agente da iniciativa (M ou Bb);
4. Caracterizar as trocas afetivas quanto à manifestação promotora; **
5. Caracterizar as trocas afetivas e as tentativas de trocas quanto à ocorrência de expressões emocionais do bebê e de comportamentos afetivos maternos;
6. Analisar características emocionais que as mães desejam para o(a) filho(a) quando for uma criança maior, no final da infância;
7. Analisar características emocionais que as mães desejam para o(a) filho(a) quando for adulto(a);
8. Contrastar as características emocionais indicadas pelas mães para os dois diferentes momentos da vida dos filhos;

9. Analisar o que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções nos dois diferentes momentos da vida dos filhos;
10. Relacionar as metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância com características das trocas afetivas entre mães e bebê.

Observação: *; **: As definições das categorias “*turno*” e “*manifestação promotora*” serão apresentadas na página 61.

3 MÉTODO

O delineamento proposto para essa investigação é de um estudo observacional, transversal, com base em observações naturalísticas de mães e bebês de dois a três meses de idade, em situações livres, em contexto de interação mãe-bebê, realizadas na residência das díades e registradas em vídeo. A escolha da faixa etária para as crianças foi definida por se considerar como período de importantes transformações no desenvolvimento inicial, como a emergência do sorriso social, e por ter-se identificado a partir de uma revisão da literatura que, muito embora existam estudos sobre trocas afetivas, inclusive brasileiros, que contemplaram bebês e mães, poucos consideraram esta faixa etária específica e importante. Verificou-se, portanto, a existência de uma lacuna na literatura relativa ao período da ontogênese definido para esse estudo.

Foram também avaliadas as metas maternas de socialização emocional colhidas através de entrevistas com as mães. Seguem a caracterização de participantes e apresentação dos instrumentos usados e dos procedimentos realizados para a coleta, redução e análise dos dados, análise de fidedignidade e procedimentos éticos.

3.1 Participantes

Participaram do estudo 20 mães e seus 20 bebês. Dos 20 bebês, 11 (55%) eram do sexo masculino e os demais, 9 (45%), eram do sexo feminino. A média de idade dos bebês foi de 93,61 dias de nascidos (DP =13,14). A média de idade das mães foi de 33,35 anos (DP=4,31). A média de idade da mãe ao ter o primeiro filho foi 32,9 anos (DP = 4,14). Quanto ao nível de escolaridade, 16 mães (80%) informaram ter pós-graduação; duas (10%) declararam ter Ensino Superior Completo e duas (10%) ter Ensino Médio Completo. Todas as mães declararam ser casadas ou ter união estável. No que concerne ao local de nascimento, 95% das mães declararam ter nascido no Estado do Rio de Janeiro, com somente uma mãe tendo nascido no Estado do Paraná. Todas foram criadas no Estado do Rio de Janeiro, sendo que 17 (85%) foram criadas na cidade do Rio de Janeiro, duas foram criadas na cidade de Nova Iguaçu e uma na cidade de Vassouras.

3.2 Instrumentos e documentos

Abaixo, são apresentados os instrumentos utilizados e documentos que constaram da pesquisa:

1) Formulário de identificação (Apêndice A)

Foi elaborado pela pesquisadora um formulário de identificação para o preenchimento dos dados de identificação da criança e da mãe, constando das informações: nome completo da mãe e do bebê, data de nascimento da mãe e do bebê. Esse formulário recebeu um código de identificação da díade e foi arquivado no acervo do grupo de pesquisa. O código atribuído no formulário foi usado para identificação dos participantes em todos os demais documentos.

2) Formulário de dados sociodemográficos (Apêndice B)

Instrumento elaborado pela pesquisadora que consta do código de identificação da criança/mãe e de informações sobre a mãe: nível de escolaridade; estado civil; profissão; atividade atual; local de nascimento; local onde a mãe foi criada e com que idade teve o seu filho; e sobre o bebê: sexo e idade.

3) Formulário de Registro de episódios de trocas afetivas (e tentativas) em interação mãe-bebê (Apêndice C)

Instrumento elaborado pela pesquisadora para registrar e descrever trocas afetivas e tentativas dessas trocas em episódios de interação mãe-bebê. Neste documento, foram registradas as seguintes informações no cabeçalho: código de identificação da díade; data da observação. Na primeira coluna registrou-se se houve uma tentativa de troca afetiva – T; ou se houve uma troca afetiva – TA. Na segunda coluna registrou-se se a iniciativa foi da mãe, considerando-se que o que originou (ou promoveu) a troca foi algum comportamento afetivo dela, registrando-se M; se a iniciativa foi do bebê, considerando-se que foi uma expressão emocional dele que deu início à troca afetiva, registrando-se Bb. Na terceira coluna, registrou-se a Manifestação Promotora da Troca, registrando-se o comportamento afetivo materno ou a expressão emocional do bebê que iniciou a troca, e a marcação de quando tal manifestação foi iniciada (min:seg). O mesmo registro também fez parte da quarta ou da quinta coluna, dependendo de quem promoveu a troca. Para fala materna, usou-se F; para sorriso materno, S; para toque afetivo materno, Ta; para beijo, B; para o choro do bebê, Ch e para sorriso do bebê, Sb. Registrou-se em que minuto e segundo iniciou o comportamento afetivo materno ou a expressão emocional do bebê que deflagrou a troca afetiva, tal como foi registrado na quarta ou na quinta coluna. Na quarta coluna, registraram-se as expressões emocionais do bebê

ocorridas nos episódios de troca afetiva ou de tentativa de troca afetiva, se sorriso, Sb; se choro, Ch e em que minuto e segundo iniciou cada expressão emocional. Na quinta coluna, registraram-se todos os comportamentos afetivos maternos ocorridos nos episódios de troca afetiva ou de tentativa de troca afetiva, incluindo, para os casos de troca, o considerado como a Manifestação Promotora da Troca. Registrou-se também em que minuto e segundo iniciou cada comportamento afetivo materno.

Abaixo são apresentados os documentos utilizados:

1) Termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) (Apêndice D)

Este termo é definido em atendimento ao conteúdo da Resolução 510/2016 do Ministério da Saúde relativa a pesquisas com seres humanos, e inclui os objetivos da pesquisa, responsabilidades, método empregado e informa ao participante sobre o direito a recusar o consentimento. Nesse estudo, o documento foi assinado pela mãe, autorizando a sua participação e a participação do bebê (Apêndice D). A mãe foi informada dos objetivos, procedimentos gerais do estudo, e dos critérios de sigilo dos dados coletados, além de ficar ciente de que a qualquer momento poderia deixar de integrar a pesquisa.

2) Autorização para uso de imagens de vídeo (Apêndice E)

Documento assinado pela mãe (Apêndice E), autorizando a gravação de imagens suas e do(a) filho(a), e sua posterior utilização para fins científicos e de ensino.

3.3 Entrevista

Foi formulado um roteiro de entrevista em que as questões buscam explicitar aspectos do que as mães almejam em termos das características emocionais a serem desenvolvidas por seu(ua) filho(a).

Segue abaixo o roteiro da entrevista:

- 1 - Que características emocionais você deseja que seu(ua) filho(a) tenha quando já for uma criança maior, digamos, mais para o final da infância?
- 2 - O que você pensa que pode fazer para que ele ou ela desenvolva essas características?
- 3 - Que características emocionais você deseja que seu(ua) filho(a) tenha quando for adulto(a)?
- 4 - O que você pensa que pode fazer para que ele ou ela desenvolva essas

características?

3.4 Categorias

❖ Categorias para análise das observações

A observação naturalística é uma técnica que permite colher dados e registrar de forma rigorosa um fenômeno, no ambiente em que ele habitualmente ocorre, sem que o observador interfira intencionalmente no mesmo (Seidl-de-Moura & Ribas, 2008). Nesse sentido, e para fins de atendimento aos objetivos desta tese, o pesquisador precisou de condições de observação e parâmetros para identificar uma troca afetiva ou uma tentativa de troca afetiva. Assim sendo, considerou-se que trocas afetivas ou tentativas de estabelecimento de troca afetiva implicam manifestações que envolvem expressões emocionais e comportamentos afetivos, caracterizados por mudanças faciais, corporais e/ou vocais. Desse modo, para fins de análise de dados, foram estabelecidas categorias, subcategorias, e suas definições operacionais associadas aos fenômenos de interesse desse estudo que incluem: tentativas de trocas afetivas, trocas afetivas, expressões emocionais do bebê, comportamentos afetivos maternos, agente da iniciativa de tentativa, agente da iniciativa de troca afetiva, manifestações promotoras de troca afetiva e turnos. Algumas das categorias foram adaptadas a partir de definições utilizadas por Mendes e Seidl-de-Moura (2014), como indicado adiante.

Para as categorias de análise, foram adotadas as seguintes definições:

- Tentativa de estabelecimento de troca afetiva (T): quando um dos parceiros da díade (a mãe ou o bebê) dirige uma expressão emocional (se bebê) ou um comportamento afetivo (se mãe) ao parceiro da díade, sem obter resposta afetiva, dentro do intervalo de cinco segundos (tomando por base a definição de interação adotada por Seidl-de-Moura, et al., 2008b). Diante de uma situação de ação contínua de um dos membros da díade, sem uma resposta do parceiro da díade dentro do intervalo de tempo estabelecido acima, é registrada a tentativa considerando o momento em que a ação (comportamento afetivo da mãe ou expressão emocional do bebê) iniciou e somente haverá outro registro a respeito desta mesma ação se ela for reiniciada após ter sido interrompida por intervalo superior a cinco segundos ou se ela deflagrar uma troca afetiva.
- Troca afetiva (TA): quando uma tentativa de troca afetiva por parte do bebê ou da mãe, dirigida ao parceiro da díade, resulta em uma resposta, sob a forma de uma

expressão emocional (se bebê) ou comportamento afetivo (se mãe), dirigida a quem iniciou a tentativa de troca afetiva, dentro do intervalo de cinco segundos (tomando por base a definição de interação adotada por Seidl-de-Moura, et al., 2008). Diante de uma situação de ação contínua de um dos membros da díade, em que houvesse uma resposta do parceiro da díade, considerou-se o início da troca afetiva um segundo antes dessa resposta, para efeito de como seria demarcado o episódio da troca afetiva. Essa decisão foi tomada para evitar distorções com a identificação dos episódios de trocas afetivas falsamente mais longos. As sequências poderiam ser iniciadas pela mãe ou pelo bebê, ao dirigir uma expressão emocional (se bebê) ou comportamento afetivo (se mãe) que deflagrasse uma resposta do parceiro da díade.

Expressões emocionais dos bebês e comportamentos afetivos maternos considerados como manifestações de emoções incluíram, nessa pesquisa, as categorias e subcategorias apresentadas a seguir e as suas definições operacionais:

- Expressões emocionais do bebê:

a) Sorriso (Sb): sorriso dirigido à mãe, implicando necessariamente a extensão (esticar) dos lábios, com elevação dos cantos da boca. Adicionalmente a esse movimento, pode também estar presente a abertura de boca e/ou elevação de bochechas. Definição adaptada de Mendes e Seidl-de-Moura (2014).

b) Choro/choramingo (Ch): choro ou choramingo dirigido à mãe. O choro se caracteriza pela emissão de sons rítmicos e de alta (ou relativamente alta) frequência, com expressão vocal intensa, de forma vigorosa; os olhos podem estar abertos ou firmemente fechados; a face pode ficar contorcida, vermelha e o rosto contraído, fazendo caretas. No choramingo, o bebê chora em episódios com sons de altura e ritmo menos intensos que o choro e, em geral, mais breves. O choramingo pode, por vezes, apresentar-se como uma transição para o choro. Definição adaptada de Seidl-de-Moura, Mendes, Pessôa e Marca (2011).

- Comportamentos afetivos maternos:

a) Falar ou vocalizar para o bebê (F): fala ou vocalização da mãe dirigida ao bebê, sendo que as vocalizações incluem sons produzidos para imitar brinquedos ou animais (onomatopeia) e jogos vocais (como por exemplo imitar as vocalizações do bebê e brincar com sons vibrando os lábios ou fazendo um som de “mandar beijo”), além de sons dirigidos à criança como, por exemplo, os monossílabos “psiu, psiu!”, “hum”, “hein?”, e cantar. A fala materna, conhecida por *motherese*, é considerada como manifestação de afeto (Monnot et al., 2004). Desse modo, admite-se como comportamento afetivo. Não serão considerados como

fala ou vocalização para o bebê as falas dirigidas a terceiros; os sons vegetativos como soluços, suspiros, arrotos, bocejos, espirros e tosse; o estalar de língua e sons produzidos à semelhança de assovios. Definição adaptada de Mendes e Seidl-de-Moura (2014).

b) Toque afetivo (Ta): tocar propositalmente com alguma parte do corpo em alguma parte do corpo ou rosto do bebê, sendo ligado a atividades de acariciar, brincar com ele e pegar no colo (inclui balançar os braços e pernas), distinguindo-se de cuidar fisicamente do bebê (como em práticas, por exemplo, de tocar no corpo do bebê para ajudá-lo a virar, para dar apoio na postura e se manter sentado e/ou deitado, de tocar para limpar o bebê no momento da troca de fraldas, e ainda de tocar na boca do bebê para ajudá-lo a mamar). Definição adaptada de Mendes e Seidl-de-Moura (2014). Exemplos de toque afetivo: toque com as pontas dos dedos no corpo do bebê, como se estivesse chamando por ele e querendo promover uma interação; acariciar alguma parte do corpo ou do rosto, fazer cócegas; usar o toque para fazer brincadeiras com o bebê, balançar no colo ou balançar braço e/ou perna do bebê. A ocorrência desta categoria independe de o bebê estar ou não no colo da mãe.

c) Beijo (B): beijar o bebê, tocando qualquer parte de seu corpo com os lábios. Nos casos em que a mãe encostar o rosto no bebê, sem parecer ao observador que o faz com a intenção de dar um beijo, a codificação empregada é de toque afetivo; adaptada de Mendes e Seidl-de-Moura (2014);

d) Sorriso (S): sorrir, sendo esse sorriso dirigido ao bebê; adaptada de Mendes e Seidl-de-Moura (2014).

- Agente da iniciativa de tentativa de troca afetiva: qual o parceiro da díade (a mãe ou o bebê) dirige uma expressão emocional (se bebê) ou um comportamento afetivo (se mãe) ao parceiro da díade, configurando a tentativa de uma troca afetiva.

- Agente da iniciativa de troca afetiva: qual o parceiro da díade (a mãe ou o bebê) dirige uma expressão emocional (se bebê) ou um comportamento afetivo (se mãe) ao parceiro da díade, configurando o início de uma troca afetiva.

- Manifestações promotoras de trocas: expressões emocionais do bebê ou comportamentos afetivos maternos dirigidos ao parceiro da díade que iniciaram uma troca afetiva.

- Turnos: cada comportamento afetivo da mãe ou cada expressão emocional do bebê dirigido ao outro (mãe ou bebê), ou conjunto de comportamentos afetivos ou de expressões emocionais simultâneos.

❖ **Categorias para análise das entrevistas**

As categorias adotadas para a análise de conteúdo das respostas fornecidas pelas participantes entrevistadas foram as utilizadas em Mendes et al. (2019) e Fonseca et al. (2017).

As categorias pré-definidas usadas neste estudo, para as perguntas 1 e 3 foram:

1. Autonomia – preocupação com que a criança se torne emocionalmente autoconfiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades ligadas à esfera emocional. A ideia central a ser ressaltada aqui é a de que não se torne emocionalmente dependente de outra pessoa, “frágil”. Isto implica tornar-se autoconfiante na manifestação e na vivência de suas emoções e sentimentos, e desenvolver de modo saudável suas capacidades emocionais como indivíduo autônomo. Inclui a nomeação de emoções (alegria, orgulho, tristeza) por entender-se que significa a capacidade autônoma de expressá-las, bem como a referência à automaximização emocional através do uso de termos como autoconfiante, independente, seguro ou segurança, por entender-se que se referem à autonomia e segurança emocional. Ex: que saiba expressar suas emoções de forma satisfatória e autoconfiante; que tenha alegria, que seja feliz; que seja emocionalmente segura de si; que saiba lidar com as emoções; que tenha orgulho de suas conquistas; que não tenha medo do perigo.

2. Autocontrole – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de regulação emocional, especialmente as indesejáveis, de impulsos negativos, controlando a manifestação exacerbada de emoções. Ex: usar a razão nos sentimentos; que seja equilibrado; que não se exalte toda vez que não conseguir o que quer; que não se abala com qualquer problema; que não seja geniosa, que saiba resolver coisas conversando; que saiba lidar com as frustrações; não seja enjoada; que não seja agressivo ou cruel, que não brigue por qualquer coisa.

3. Emotividade – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros, e que seja amada; que seja capaz de iniciar e manter relacionamentos afetivos, com trocas e manifestações de afeto. Ex: que tenha compaixão das outras pessoas; que seja empático; amigável; sensível; gentil amável; que seja meigo; que se preocupe com as outras pessoas.

4. Expectativas sociais – preocupação com que a criança atenda a expectativas sociais quanto às regras de exibição de suas emoções e sentimentos e de reação às manifestações emocionais e comportamentos das outras pessoas. Envolve o uso do autocontrole em situações mencionadas, de acordo com expectativas sociais. Ex: que não ria

alto perto do bebê que dorme; que seja agradável e manifeste contentamento mesmo se o presente que acabou de ganhar não lhe agradar; que não bata no amigo que lhe pegou o brinquedo.

5. **Outros** – a resposta não se aplica a nenhuma das definições de categoria estabelecidas. Ex: ter bom caráter; que saiba discernir valores próprios; que seja honesto.

6. **Não sabe** – não sabe ou não quis responder.

As categorias pré-definidas usadas neste estudo, para as perguntas 2 e 4 foram:

1. **Educar/orientar** – ser modelo ou oferecer modelos; disciplinar, aconselhar, conversar; ensinar por demonstração, participação, explicações verbais; fazer uso de medidas disciplinares.

2. **Manter relações de proximidade pessoal** – fazer-se afetivamente presente para a criança, acompanhar, dar amor, cuidar da criança expressando carinho e afetividade; prover ambiente familiar saudável com boas relações entre seus membros-

3. **Prover condições materiais e sociais** – oferecer boas oportunidades sociais; dar educação de qualidade; prover seu sustento e bom atendimento de saúde.

4. **Não se aplica** – não há o que fazer, não há desenvolvimento, já que as características são consideradas inatas ou fruto de maturação biológica-

5. **Outros** – a resposta não se aplica a nenhuma das definições de categoria estabelecidas-

6. **Não sabe** – não sabe ou não quis responder.

3.5 Procedimentos

3.5.1 Preliminares

3.5.1.1 Estudo-piloto

Antes da realização do estudo empírico, propriamente dito, foi executado um estudo-piloto visando uma avaliação preliminar que permitisse a identificação de necessários ajustes

nos procedimentos de coleta de dados, testar a utilização da câmera de um telefone celular para priorizar enquadramentos e distâncias e a adequada captura de imagens das expressões faciais do bebê e dos comportamentos da mãe e, ainda, avaliar a adequação dos instrumentos elaborados pela pesquisadora. A seguir, um breve relato dos casos que compuseram os estudos-pilotos.

Com essa iniciativa foi possível filmar três díades mãe-bebê, duas com bebês do sexo feminino e uma com bebê do sexo masculino, sendo todas as três mães casadas, com média de idade 33, 6 anos (DP=5,79) com nível de escolaridade pós-graduação. As mães foram contatadas a partir de indicações de pesquisadoras do grupo de pesquisa de que faz parte a autora dessa tese (coordenado por sua orientadora) e de fisioterapeutas, a quem se teve acesso. A visita a cada díade se deu em dia acordado para maior conveniência de cada mãe, permitindo aplicar os instrumentos, providenciar a assinatura dos documentos da pesquisa, fazer a observação e gravar os vídeos durante 20 minutos e realizar a entrevista. Foram encontrados enquadramentos e distâncias adequados ao estudo que permitiram melhor visão das expressões emocionais dos bebês e dos comportamentos afetivos maternos, assim como um manejo adequado da câmera usada (do telefone celular). Foram ajustados alguns instrumentos elaborados pela pesquisadora no sentido de melhor atender aos objetivos específicos dessa pesquisa. Foi possível calcular o tempo médio dispendido com os procedimentos de coleta nas visitas, incluindo os deslocamentos, o que levou à decisão de planejar para o estudo efetivo apenas uma visita de coleta por dia.

3.5.1.2. Preparação para a coleta de dados

As mães foram contatadas e convidadas a participar a partir de indicação de fisioterapeutas, uma ginecologista obstetra, uma professora da Faculdade de Enfermagem da UERJ, uma professora de educação física que trabalha com gestantes, pesquisadores, e membros do grupo de pesquisa de que faz parte a autora desse trabalho. Inicialmente foi feito contato por telefone com os profissionais, visando apresentar os objetivos e os procedimentos previstos para a coleta de dados, solicitando ajuda quanto à participação de mães na pesquisa. Foi elaborada uma carta de convite às mães apresentada aos profissionais e a pesquisadores que se propuseram a colaborar. Foram contactadas mães participantes de diversos grupos que trocam experiências sobre gravidez, parto e puerpério, como o grupo “Maternando”, da

Escola de Enfermagem da UERJ; um grupo terapêutico que se reúne com uma psicóloga e doula em Botafogo, e um blog que reúne mães pela Internet. Todas as mães receberam esclarecimentos necessários sobre os objetivos e procedimentos gerais do estudo, o sigilo e a confidencialidade das informações, sobre o uso restrito das imagens em vídeo e o caráter voluntário da participação, seja por telefone ou pessoalmente e, ao decidir participar, elas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Autorização para uso de imagens de vídeo. A participação foi condicionada à assinatura desses documentos. Com as que se dispuserem a participar, foi agendada a visita para coleta de dados, na sua residência, em data e horário de sua conveniência.

3.5.2 Coleta de dados

Uma carta de convite (Apêndice F) foi enviada às mães por WhatsApp com o objetivo de convidar a participar da pesquisa. Esta carta perguntou se a mãe autorizava seu filho(a) a participar e informou sobre os documentos a serem assinados, os procedimentos de coleta de dados e da entrevista a serem realizados e sobre os procedimentos éticos a serem seguidos na pesquisa, tais como o sigilo da identidade da mãe e do bebê e a destinação das informações somente para fins de estudo e pesquisa. Informou também que a pesquisa seria realizada na residência da mãe em dia horário de sua conveniência. Em seguida, foram descritas as atividades de coleta de dados, com a duração prevista de cada uma e foi informado que os dados coletados nesse estudo são confidenciais. O telefone de contato, WhatsApp e e-mail da pesquisadora foram informados para caso houvesse dúvida e o contato pudesse ser feito. Foi mencionado, ainda, que o Termo de consentimento Livre e Esclarecido e a Autorização para uso de imagens de vídeo deveriam ser assinados e devolvidos no dia da visita para coleta de dados, caso a mãe concordasse em participar com seu bebê.

Uma vez agendada a visita e, no início dela, foram mais uma vez apresentados à participante os objetivos do estudo e procedimentos gerais da coleta de dados, e providenciadas as assinaturas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e na Autorização para uso de imagens de vídeo. Em seguida, foram aplicados os instrumentos previstos (Formulário de identificação e Formulário de dados sociodemográficos) e realizada a entrevista sobre metas de socialização de emoções, de acordo com o roteiro predefinido. Após a realização da entrevista, teve início o procedimento de observação.

Foi solicitado à mãe que permanecesse com o bebê no mesmo ambiente da casa, escolhido por ela, e que, preferencialmente, ambos estivessem sozinhos neste mesmo ambiente. Cada observação teve a duração de 20 minutos. Para o início da observação, o bebê deveria estar acordado e em estado de alerta. A mãe foi orientada a procurar, o mais possível, interagir livremente com o bebê, como é próprio de sua rotina diária, e procurar não dar atenção à presença da pesquisadora. Durante a filmagem, foram priorizados enquadramentos e distâncias que permitissem uma melhor visão das expressões faciais do bebê e dos comportamentos da mãe. Logo após o término da visita, foram feitos registros de ocorrência pela pesquisadora, para anotar informações consideradas importantes e que pudessem contribuir com o trabalho de análise.

3.5.3 Redução e codificação de dados

No procedimento de redução de dados, foram considerados dez minutos dos vinte minutos de duração de cada vídeo, sendo este intervalo de dez minutos analisado na íntegra, do início ao fim. A cada díade, foram analisados os primeiros dez minutos da filmagem ou os dez minutos finais. A escolha (seleção) dos dez minutos a serem analisados se deu por sorteio e, portanto, de forma aleatória. Foram sorteadas quais seriam as díades que teriam os dez primeiros minutos de filmagem analisados e quais as que teriam analisados os dez minutos finais de filmagem. Desse modo, com 10 vídeos analisados nos 10 primeiros minutos de filmagem e 10 vídeos analisados nos dez últimos minutos de filmagem, foram identificados os episódios de trocas afetivas e de tentativas de trocas afetivas em contexto de interação entre mãe e bebê, e as demais categorias, caracterizando expressões emocionais e comportamentos afetivos (segundo definições apresentadas anteriormente). Ao assistir os vídeos, portanto, buscou-se identificar comportamentos afetivos da mãe e expressões emocionais do bebê, bem como possíveis respostas do parceiro a estas manifestações e, com isto, verificar a ocorrência de trocas afetivas ou tentativas. Como definido, cada comportamento afetivo da mãe ou cada expressão emocional do bebê dirigido ao outro (mãe ou bebê), ou conjunto de comportamentos afetivos ou de expressões emocionais simultâneos, foi considerado um turno (por exemplo, a mãe fala com o bebê e sorri para ele (T_1), o bebê sorri para a mãe (T_2). Assim, foi calculado e registrado o total de turnos, por troca afetiva, na coluna devida do formulário.

As categorias e subcategorias identificadas, assim como o número de turnos calculado e demais dados necessários para análise foram registrados no Formulário de Registro de episódios de trocas afetivas (e tentativas) em interação mãe-bebê (Apêndice C). Na primeira coluna, foi indicado se era o caso de uma tentativa de troca ou de uma troca afetiva, na segunda, o agente correspondente à tentativa ou à troca afetiva (se o bebê ou a mãe), na terceira, qual(ais) as manifestações promotoras da troca afetiva, na quarta, as expressões emocionais identificadas, na quinta, os comportamentos afetivos identificados. Os episódios de interação em que foram observadas trocas afetivas foram descritos, sendo registrados na sexta coluna do formulário de registro. Na última coluna, foi registrado o cálculo do número de turnos para cada troca afetiva.

As gravações de áudio referentes às entrevistas com as mães foram transcritas na íntegra, em arquivo Word e foram, posteriormente, submetidas a procedimentos de análise conforme descrito adiante.

3.5.4 Análise de dados

Para caracterização da amostra e para a análise dos dados sociodemográficos, foi realizada uma análise descritiva das variáveis contínuas, sendo calculadas as médias das frequências das variáveis sexo, escolaridade materna, estado civil materno, UF de nascimento da mãe, UF de criação da mãe. Foram calculadas as médias da idade materna em anos e da idade do bebê em dias.

Na análise dos vídeos, para fins de cálculo, cada ocorrência das categorias, subcategorias e demais variáveis identificadas e registradas nos campos de marcação do formulário de registro de episódios de trocas afetivas (e tentativas) em interação mãe-bebê, deu origem a uma variável categórica registrada em um banco de dados.

Como análises dos dados obtidos pela redução de dados dos vídeos e, de forma a quantificar as ocorrências de trocas afetivas e de tentativas dessas trocas entre mães e seus bebês (objetivo específico 1), foram calculadas as frequências absolutas e relativas das ocorrências de TA (troca afetiva) e de T (tentativa de troca afetiva) para o somatório de TA e T. Foram também calculados a média de ocorrências de T e de TA por dia, assim como o número máximo e mínimo de ocorrências de T e de TA na amostra como um todo.

Com o objetivo de caracterizar as trocas afetivas quanto à complexidade em termos do número de turnos (objetivo específico 2), foram calculados a média, o número máximo e mínimo de ocorrências de turnos acumuladas em toda a amostra. Foi calculada ainda a média do número de turnos por episódio de TA, assim como a média, o mínimo, o máximo e o desvio padrão do número de turnos, considerando o total de episódios de TA por díade.

Para caracterizar as trocas afetivas e tentativas dessas trocas quanto ao agente da iniciativa (M ou Bb), objetivo específico 3, foram calculadas as frequências relativas das trocas afetivas cuja iniciativa foi da mãe e das trocas cuja iniciativa foi do bebê, bem como as frequências relativas de tentativas de troca afetiva cuja iniciativa foi da mãe e as frequências relativas de tentativas que partiram do bebê, considerando-se o somatório de todas as TA e T, para toda a amostra. As mesmas frequências relativas foram também calculadas, estratificando, por TA e por T.

Para caracterizar as trocas afetivas quanto à manifestação promotora (objetivo específico 4), foram calculadas as frequências relativas das expressões emocionais sorriso do bebê (Sb) e choro do bebê (Ch) e dos comportamentos afetivos fala materna (F), toque afetivo (Ta), beijo (B), sorriso materno (S) para o total das trocas afetivas por ordem de ocorrência no registro de minutos e segundos, observando a possibilidade de haver mais de uma manifestação promotora por troca afetiva. Desse modo, considerou-se a manifestação promotora registrada primeiramente, a que foi registrada em seguida e assim sucessivamente, para a primeira, segunda e terceira manifestação promotora da troca afetiva. Foram assim calculados os percentuais das manifestações promotoras um, dois e três das trocas afetivas, considerando todas as trocas observadas na amostra.

Para atender ao objetivo de caracterizar as trocas afetivas e tentativas de troca afetiva quanto à ocorrência de expressões emocionais do bebê e de comportamentos afetivos maternos (objetivo específico 5), foram calculadas: (1) as frequências absolutas e relativas de sorriso do bebê (Sb) e choro do bebê (Ch) no total de trocas afetivas e no total de tentativas de troca; (2) as frequências absolutas e relativas de fala (F), toque afetivo (Ta), beijo (B) e sorriso (S) no total de trocas afetivas e de tentativas de troca, considerando a ordem de ocorrência no registro de minutos e segundos e observando a possibilidade de haver mais de um comportamento afetivo por tentativa ou por troca afetiva. Para realizar este cálculo, foi considerado o comportamento afetivo registrado primeiramente (comportamento afetivo um), o que foi registrado em seguida (comportamento afetivo dois) e o terceiro comportamento afetivo registrado (comportamento afetivo três) da tentativa (T) ou da troca afetiva (TA) analisada. Desta forma, foram calculadas as frequências absolutas e relativas de cada

comportamento afetivo materno registrado na ordem em que ocorreu, tanto para o total de trocas afetivas, quanto para o total de tentativas.

A análise qualitativa das respostas das entrevistas foi orientada pelos princípios da análise de conteúdo, de acordo com a técnica de análise temático-categorial (Oliveira, 2008), que é baseada na formulação de L. Bardin. Seguiu-se à identificação das unidades temáticas e de categorias nas unidades de registro, a partir das categorias usadas nos estudos de Mendes et al. (2019) e de Fonseca et al. (2017). As Unidades de Registro, segmento do texto que contém uma assertiva completa sobre o objeto em estudo, segundo Oliveira (2008), foram definidas para esta pesquisa como sendo uma evocação que poderia ser um segmento de frase, frase ou sequência de frases que representassem o que está definido na categoria.

Após a categorização na análise realizada, foram quantificadas as características emocionais que as mães desejavam para o(a) filho(a) quando fosse uma criança maior (objetivo específico 6), no final da infância. Para tal, foram calculadas as frequências relativas das categorias (autonomia, autocontrole, emotividade, expectativas sociais, outros e não sabe) no total de enunciações. Foram também quantificadas as características emocionais que as mães desejavam para o(a) filho(a) quando fosse quando adulto(a) (objetivo específico 7). Para tal, foram calculadas as frequências relativas das categorias (autonomia, autocontrole, emotividade, expectativas sociais, outros e não sabe) no total de enunciações.

Com o objetivo de contrastar as características emocionais indicadas pelas mães para o final da infância e para a vida adulta (objetivo específico 8), dois diferentes momentos da vida dos filhos, foram comparadas as distribuições das variáveis da análise anterior, relativamente aos totais e frequências das evocações de cada categoria. Foi necessário analisar o pressuposto de normalidade da distribuição das variáveis e para tal, foi utilizado o teste Shapiro-Wilk, adotando-se o critério de significância estatística de $\alpha=0,05$. Para a comparação dos totais de evocação das categorias referentes à pergunta 1 *versus* pergunta 3, foi utilizado o teste não-paramétrico de Wilcoxon. Buscou-se também quantificar o que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções nos dois diferentes momentos da vida dos filhos (objetivo específico 9).

Foram calculadas as frequências e as médias das frequências das evocações de cada categoria, obtendo as porcentagens de evocação das categorias em cada uma das quatro perguntas da entrevista. Além disso, as evocações das categorias foram consideradas também quanto ao que as mães responderam primeiramente, depois o que elas disseram em seguida e assim sucessivamente, para a primeira, segunda e terceira evocações (até três evocações por

resposta). Foi considerada assim a ordenação em que cada conteúdo (categoria) foi mencionado na resposta, como possível indicativo do grau de importância atribuído pela mãe ao que enunciou. Para cada uma das ordenações de evocação de categorias, foram calculadas frequências totais e relativas, da primeira à terceira.

Articulando dados provenientes da entrevista e da observação e, para cumprir o objetivo de relacionar as metas de socialização de emoções das mães, quanto a características emocionais desejadas para os filhos (no final da infância e quando adultos), com a frequência de comportamentos afetivos maternos promotores de trocas afetivas e com quantitativos de número de turnos dessas trocas (objetivo específico 10), foram realizados testes de correlação de Spearman entre o total de evocações de cada categoria das perguntas um e três da entrevista (autonomia, autocontrole, emotividade, expectativas sociais, outros ou não sabe) e o número de trocas afetivas por díade, e entre o total de evocações de cada categoria e a média do número de turnos por díade.

3.5.5 Análise de fidedignidade

3.5.5.1. Análise de Fidedignidade das Entrevistas

Para fins de análise de fidedignidade, foram encaminhadas a um juiz independente seis entrevistas, definidas por sorteio, que corresponderam a pouco mais de 25% do total de 20 entrevistas realizadas. Este quantitativo seguiu as recomendações indicadas na literatura (Bakeman, Deckner, & Quera, 2005). As seis entrevistas foram encaminhadas ao juiz juntamente com um documento de orientação, do qual fez parte o dicionário de categorias. Casos de discordância foram examinados e decididos em conjunto, sempre com orientação da coordenadora, orientadora dessa pesquisa.

Para análise estatística, foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, v. 20.0). No cálculo da fidedignidade, para as categorias das quatro perguntas, foi utilizado o coeficiente kappa de Cohen para as variáveis categóricas e o ICC (Índice de Correlação Intraclasse) para as variáveis quantitativas. Estudos sobre confiabilidade e concordância entre juízes relatam que o coeficiente kappa de Cohen acima de 0,75 é considerado concordância substancial (Fleiss, Levin, & Paik, 2005). As proporções de

concordância são definidas por esses autores de modo a considerar: $K < 0,4$ como pobre; $0,4 \leq K < 0,75$ como satisfatório a bom; $K \geq 0,75$ como excelente. Na análise realizada para o kappa de Cohen, foram obtidos índices 1,00 para todas as categorias, exceto para a marcação da categoria “não se aplica”, que apresentou kappa 0,73. Estudos de confiabilidade relatam que um ICC acima de 0,7 é usado como limiar de “suficientemente reprodutível”; valores de ICC abaixo de 0,70 são considerados não aceitáveis; entre 0,71 e 0,79, aceitáveis; entre 0,80 e 0,89 como muito bons; e acima de 0,90 excelentes (Koo & Li, 2016). Para o ICC, foram obtidos índices 1,00 para todas as categorias.

3.5.5.2 Análise de Fidedignidade das observações coletadas por vídeo

Para fins de análise de fidedignidade, foram encaminhados a um juiz independente seis vídeos, definidos por sorteio, que corresponderam a pouco mais de 25% do total de 20 vídeos filmados. Este quantitativo seguiu as recomendações indicadas na literatura (Bakeman et al., 2005). Os seis vídeos foram encaminhados juntamente com um documento de orientação para análise de fidedignidade. No cálculo da fidedignidade, cada dado registrado no Formulário de registro de episódios de trocas afetivas (e tentativas) em interação mãe-bebê deu origem a uma variável categórica digitada em um banco de dados, sendo consideradas até duas possíveis ocorrências para as expressões emocionais (por T ou TA) e até quatro possíveis ocorrências de comportamentos afetivos (por T ou TA) – estabelecidas de acordo com os dados coletados. O índice de concordância foi calculado para cada uma das variáveis categóricas, utilizando o coeficiente kappa de Cohen. O cálculo da fidedignidade do número de turnos não foi realizado, uma vez que, sendo decorrente de um cálculo envolvendo variáveis submetidas à análise de fidedignidade, não foi estabelecido como tarefa do juiz.

Os índices de concordância alcançados são apresentados na tabela abaixo.

Tabela 1- Índices de concordância alcançados para fidedignidade dos vídeos

Variáveis	kappa de Cohen
T/TA	0,86
Agente/Iniciativa	0,79
Manifestação promotora 1	1,00
Manifestação promotora 2	1,00
Manifestação promotora 3	1,00
Manifestação promotora 4	1,00
Expressão emocional 1	1,00

Expressão emocional 2	1,00
Comportamento afetivo 1	0,87
Comportamento afetivo 2	0,94
Comportamento afetivo 3	1,00
Comportamento afetivo 4	1,00

Fonte: A autora, 2021.

3.5.6 Procedimentos Éticos

O presente estudo seguiu as normas da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), do Conselho Nacional de Saúde, Ministério da Saúde e do Código de Ética Profissional dos Psicólogos, e atendeu às exigências estabelecidas pela Resolução 510/2016, do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, tendo sido aprovado em 10 de janeiro de 2019, parecer nº 3.110.671. De acordo com os requisitos e exigências vigentes, a participação no estudo foi condicionada à assinatura dos Apêndices A e B, do Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), documento oficial em que a mãe aceita, formalmente, participar do estudo, assim como aceita a participação de seu filho na pesquisa, e à autorização para uso das imagens de vídeo, documento em que a mãe autoriza a utilização das imagens e dados coletados, dentro de procedimentos éticos regularizados, com fins científicos.

4 RESULTADOS

Neste capítulo são apresentados os resultados obtidos com base nos objetivos específicos estabelecidos nessa tese, a partir da análise dos vídeos e das respostas à entrevista realizada com as mães. Assim, para melhor apresentação, optou-se por dividir o relato em três seções. Na primeira, partindo dos objetivos específicos 1 a 5, são apresentados os resultados da análise das observações registradas em vídeo. Na segunda, com base nos objetivos específicos de 6 a 9, são apresentados os resultados da análise das entrevistas sobre metas de socialização. Por fim, em atendimento ao objetivo específico 10, na terceira seção, relata-se o que foi obtido ao relacionar-se as metas de socialização de emoções das mães com a frequência de trocas afetivas por díade e com os quantitativos da avaliação de complexidade das trocas entre mães e bebês.

4.1 Resultados da análise das observações coletadas por vídeo

Como resultados referentes à quantificação de ocorrências de trocas afetivas e de tentativas dessas trocas entre mães e seus bebês (objetivo específico 1), observou-se um total de 388 episódios considerando-se o somatório de todas as tentativas de troca afetiva e de trocas afetivas, entre as 20 díades observadas. Foram registradas 277 tentativas (71,4% dos episódios) e 111 trocas afetivas (28,6% dos episódios), para o total de díades. Em média, ocorreram 13,85 (DP=4,49) tentativas de troca afetiva e 5,55 (DP=3,30) trocas afetivas por díade. Tentativas e/ou trocas afetivas estiveram presentes em todas as díades, tendo sido observadas, quanto a tentativas, o mínimo de uma e o máximo de 22 e quanto a trocas, o mínimo de cinco e o máximo de 14, no total da amostra.

No que concerne à caracterização das trocas afetivas quanto à complexidade em termos do número de turnos (objetivo específico 2), considerando o total de trocas por díade, o número mínimo de turnos foi dois e o máximo foi 37 turnos, sendo que a média de turnos foi de 13,2 (DP = 7,99) por díade. Se tomadas as 111 trocas afetivas, ocorreram trocas com um mínimo de dois e um máximo de quatro turnos, com a média de 2,38 turnos (DP=0,54) por troca afetiva.

Os resultados quanto ao agente da iniciativa (M ou Bb) (objetivo específico 3), considerando o conjunto reunindo todas as tentativas de troca afetiva e de trocas afetivas, indicaram que 375 (96,6%) episódios foram iniciados pelas mães e que 13 (3,4%) foram iniciados pelos bebês. Ao se tomar o total apenas de tentativas, a mãe foi o agente da iniciativa em 276 (99,6%) tentativas e somente um episódio (0,4%) foi registrado como sendo de iniciativa do bebê. No total de trocas afetivas, 99 (89,2%) foram iniciadas pela mãe e 12 (10,8%) foram registradas como iniciativa do bebê.

Os resultados quanto à manifestação promotora (objetivo específico 4), considerando todas as 111 trocas afetivas, indicaram que em todas (100%) houve registro de pelo menos uma manifestação promotora (manifestação promotora um), em 37 (9,5%) houve registro de uma segunda manifestação promotora na mesma troca afetiva (manifestação promotora dois) e em sete (1,8%) houve ainda uma terceira manifestação promotora (manifestação promotora três).

Dentre as manifestações promotoras um, foram encontrados: (a) dentre as expressões emocionais - uma troca afetiva (0,9%) em que a manifestação promotora foi um sorriso do bebê (Sb), e 12 trocas (10,8%) em que a manifestação foi o choro do bebê (Ch); (b) dentre os comportamentos afetivos maternos, em 75 (67,6%) trocas afetivas a manifestação promotora foi a fala (F), em 13 (11,7%) foi toque afetivo (Ta), em nove (8,1%) foi sorriso (S), e uma troca (0,9%) foi o beijo (B). Para manifestação promotora dois, encontrou-se: em 15 (40,5%) trocas afetivas a manifestação promotora foi o toque afetivo (Ta), em 13 (35,1%) foi o sorriso (S) e em nove (24,3%) trocas foi a fala (F). Para as manifestações promotoras três, os resultados indicaram que: em quatro trocas afetivas (57,1%) a manifestação promotora foi o sorriso (S), em duas (28,6%) foi o toque afetivo e em uma troca (14,3%) foi a fala (F).

Os resultados para a caracterização das trocas afetivas e tentativas de trocas quanto à ocorrência de expressões emocionais do bebê e comportamentos afetivos maternos (objetivo específico 5), indicaram que, tomadas apenas as trocas afetivas, o sorriso do bebê (Sb) foi registrado em 83 trocas (74,8%) e o choro (Ch) em 28 trocas (25,2%). Quanto aos comportamentos afetivos maternos presentes nas trocas, foi encontrado que a fala (F) foi registrada em 86 trocas afetivas (77,5%), o toque afetivo (Ta) em 14 trocas (12,6%), o beijo (B) em duas trocas (1,8%) e o sorriso (S) em nove trocas (8,1%). Nas tentativas de troca, não houve nenhum sorriso do bebê (Sb) e apenas um choro (Ch) (100%). Quanto aos comportamentos afetivos maternos houve registro de: 126 falas (F) no total de tentativas de troca (45,5%), 77 toques afetivos (Ta) (27,8%), 43 beijos (B) (15,5%) e 31 sorrisos (S) (11,2%).

Considerando o conjunto que reuniu todas as tentativas de troca afetiva e de trocas afetivas, foram encontrados 112 (100%) episódios com expressões emocionais (do bebê), sendo 83 sorrisos (Sb) e 29 choros (Ch). Considerando o conjunto que reuniu 388 (100%) tentativas e trocas registradas como comportamento afetivo materno 1, foram encontradas 277 tentativas e 111 trocas. Do total de 122 tentativas e trocas registradas como comportamento afetivo maternos 2, foram encontradas 54 tentativas e 68 trocas. Do total de 31 tentativas e trocas registradas para comportamento afetivo materno 3, foram registradas 9 tentativas e 22 trocas.

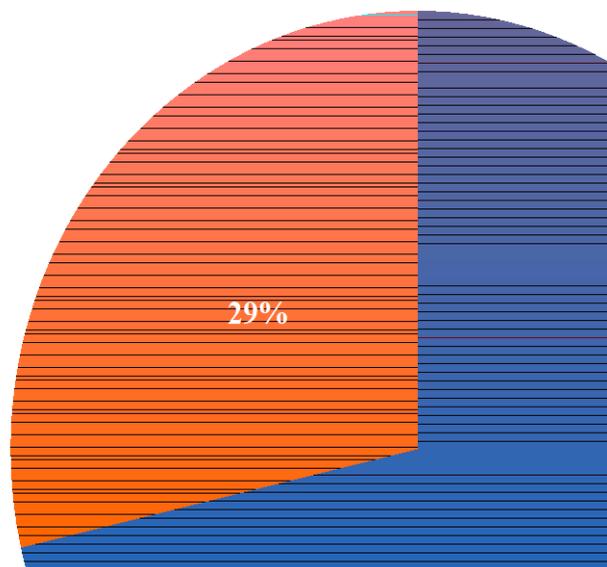
Os resultados obtidos para os totais de cada comportamento afetivo materno registrado por ordem de ocorrência, como comportamento afetivo materno um, dois e três, considerando os totais de tentativas e de trocas e estratificados por tentativas e por trocas, são apresentados nas tabelas a seguir. Os percentuais sobre os totais de tentativas e de trocas, quanto a comportamento afetivo materno 1, 2 e 3 são apresentados nos gráficos após cada tabela.

Tabela 2 - Comportamento afetivo materno 1

Categorias	Fala		Toque afetivo		Beijo		Sorriso	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Tentativa	126	45,5%	77	27,8%	43	15,5%	31	11,2%
Troca afetiva	86	77,5%	14	12,6%	02	1,8%	09	8,1%
Total	212	54,6%	91	23,5%	45	11,6%	40	10,3%

Fonte: A autora, 2021.

Gráfico 1 - Percentuais de tentativas e trocas – comportamentos afetivos maternos 1



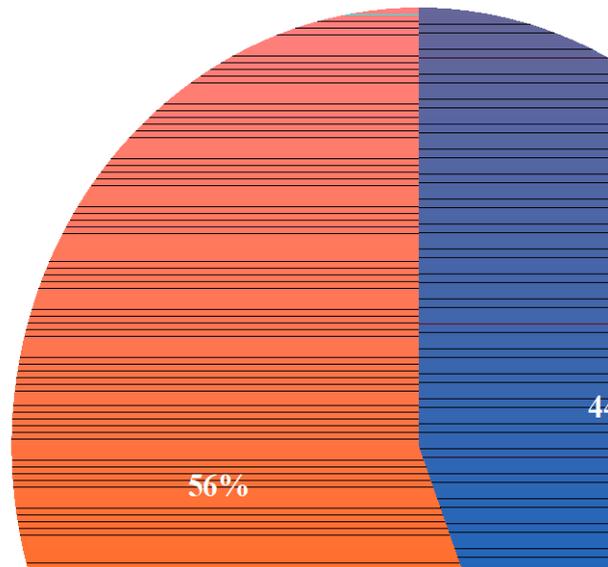
Fonte: A autora, 2021.

Tabela 3 - Comportamento afetivo materno 2

Categorias	Fala		Toque afetivo		Beijo		Sorriso	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Tentativa	14	25,9%	20	37%	07	13%	13	24,1%
Troca afetiva	12	17,6%	23	33,8%	0	-	33	48,5%
Total	26	21,3%	43	35,2%	7	5,7%	46	37,7%

Fonte: A autora, 2021.

Gráfico 2 – Percentuais de tentativas e trocas afetivas -- comportamentos afetivos maternos 2



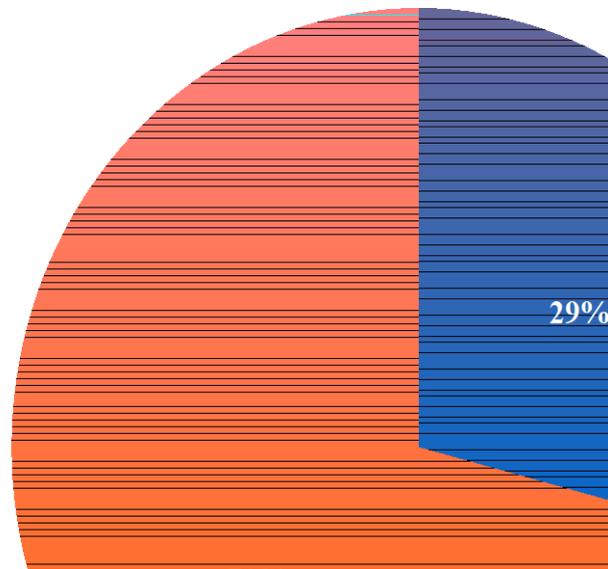
Fonte: A autora, 2021.

Tabela 4 - Comportamento afetivo materno 3

Categorias	Fala		Toque afetivo		Beijo		Sorriso	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Tentativa	3	33,3%	2	22,2%	0	-	4	44%
Troca afetiva	2	9,1%	9	40,9%	0	-	11	50%
Total	5	16,1%	11	35,5%	0	-	15	48,4%

Fonte: A autora, 2021.

Gráfico 3 – Percentuais de tentativas e trocas afetivas - comportamentos afetivos maternos 3



Fonte: A autora, 2021.

4.2 Resultados da análise das entrevistas

Os resultados relativos aos objetivos específicos 6 a 9 são oriundos da análise de conteúdo das repostas à entrevista com as mães. Foram categorizadas as respostas das mães sobre metas de socialização de emoções e calculados totais de evocação e frequências relativas por categoria e pela ordenação das evocações (primeira, segunda e terceira evocação) tanto para a pergunta 1 (quais características emocionais desejavam que seus filhos desenvolvessem no final da primeira infância) como para a pergunta 3 (quais características emocionais desejavam que seus filhos desenvolvessem quando adultos).

Os resultados referentes às análises das características emocionais que as mães desejaram para o filho(a) quando for uma criança maior, no final da infância (objetivo específico 6) e quando for adulto(a) (objetivo específico 7), considerando os totais e as frequências relativas de evocações das categorias nas perguntas 1 e 3 do estudo, são apresentados nas tabelas a seguir.

Tabela 5 – Total e frequência relativa de evocações das categorias nas perguntas 1 e 3 da entrevista *

Perguntas	N	%
Pergunta 1		
Autonomia	52	49,5%
Autocontrole	4	3,8%
Emotividade	38	36,2%
Expectativas sociais	5	4,8%
Outros	5	4,8%
Não sabe	1	1,0%
Pergunta 3		
Autonomia	39	35,1%
Autocontrole	9	8,1%
Emotividade	38	34,2%
Expectativas sociais	9	8,1%
Outros	16	14,4%
Não sabe	0	0,0%

*Os totais de evocação das categorias podem ser superiores ao N amostral devido ao fato de que as mães poderiam relatar a mesma categoria diversas vezes na mesma resposta.

Fonte: A autora, 2021.

Tabela 6 – Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 1

Categorias	P.1		P.1		P.1	
	1ª evoc.		2ª evoc.		3ª evoc.	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Autonomia	12	60.0	14	70.0	6	30.0
Autocontrole	0	0	0	0	1	5.0
Emotividade	6	30.0	4	20.0	9	45.0
Expectativas sociais	1	5.0	1	5.0	1	5.0
Outros	0	0	0	0	2	10
Não sabe	1	5.0	0	0	0	0
TOTAL	20	100.0	20	100.0	20	100.0

Fonte: A autora, 2021.

Tabela 7 – Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 3

Categorias	P.3		P.3		P.3	
	1ª evoc.		2ª evoc.		3ª evoc.	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Autonomia	11	55.0	8	40.0	5	25.0
Autocontrole	2	10.0	3	15.0	1	5.0
Emotividade	3	15.0	4	20.0	8	40.0
Expectativas sociais	3	15.0	2	10.0	2	10.0
Outros	1	5.0	3	15.0	2	10.0
Não sabe	0	0	0	0	0	10.0
TOTAL	20	100.0	20	100.0	20	100.0

Fonte: A autora, 2021.

A partir dos achados encontrados, pode-se notar que, para a pergunta 1, e considerando todas as evocações constantes das respostas das mães, a maioria delas foi classificada na categoria “autonomia”, com 52 evocações (49,5 %). Nas respostas a esta mesma pergunta, a primeira e a segunda evocações, em sua maioria também sinalizaram metas relacionadas à categoria “autonomia”, representando, respectivamente, 60% (N=12) e 70% (N=14) das evocações. Para a terceira evocação, as metas mencionadas pelas mães foram classificadas em maior frequência na categoria “emotividade”, com 9 evocações (45%).

No que se refere à pergunta 3, e considerando todas as evocações constantes das respostas das mães, pode-se observar que a maioria delas foi classificada na categoria autonomia, com 39 evocações (35,1 %). Nas respostas a essa mesma pergunta, a primeira e a segunda evocações, em sua maioria também sinalizaram metas relacionadas à categoria “autonomia”, representando, respectivamente, 55 % (N=11) e 40 % (N=8). Para a terceira evocação, as metas mencionadas pelas mães foram classificadas em maior frequência na categoria “emotividade”, com 8 evocações (40 %).

Ao se contrastar as características emocionais indicadas pelas mães para os dois diferentes momentos da vida dos filhos (objetivo específico 8), os resultados não indicaram diferenças estatisticamente significativas entre os totais de evocação para as categorias “autonomia” ($Z = -1,56$; $p > 0,05$), “autocontrole” ($Z = -1,67$; $p > 0,05$), “emotividade” ($Z = -0,65$; $p > 0,05$) e “expectativas sociais” ($Z = -0,71$; $p > 0,05$). Não foi possível aplicar o teste Wilcoxon para as categorias Outros e Não sabe, devido à baixa frequência de evocação delas.

Os resultados encontrados para a análise do que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções nos dois diferentes momentos da vida dos filhos (objetivo específico 9), foram categorizadas as respostas das mães sobre metas de socialização de emoções e calculados totais de evocação e frequências relativas por categoria e pela ordenação das evocações (primeira, segunda e terceira evocação). O mesmo procedimento foi realizado para as perguntas 2 (o que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções no final da infância) e 4 (o que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções quando for adulto(a)) e encontrados os resultados que constam das tabelas a seguir.

Tabela 8 – Total e frequência relativa de evocações das categorias nas perguntas 2 e 4 da entrevista *

Perguntas	N	%
Pergunta 2		
Educar e orientar	26	34,2%
Relações de proximidade	45	59,2%
Condições Materiais	3	3,9%
Outros	2	2,6%
Não Sabe	0	0,0%
Não se aplica	0	0,0%
Pergunta 4		
Educar e orientar	32	45,7%
Relações de proximidade	33	47,1%
Condições Materiais	5	7,1%
Outros	0	0,0%
Não Sabe	0	0,0%
Não se aplica	0	0,0%

*Os totais de evocação das categorias podem ser superiores ao N amostral devido ao fato de que as mães poderiam relatar a mesma categoria diversas vezes na mesma resposta.

Fonte: A autora, 2021.

Tabela 9 – Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 2

Categorias	P.2		P.2		P.2	
	1ª evoc.		2ª evoc.		3ª evoc.	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Educar-orientar	7	35.0	8	40.0	7	35.0
Manter relações de proximidade pessoal	12	60.0	9	45.0	9	45.0
Prover condições materiais	1	5.0	1	5.0	1	5.0
Outros	0	0	0	0	0	0
Não sabe	0	0	0	0	0	0
Não se aplica	0	0	0	0	0	0
TOTAL	20	100.0	20	100.0	20	100.0

Fonte: A autora, 2021.

Tabela 10 – Total e frequência relativa por ordenação de evocações na pergunta 4

Categorias	P.4		P.4		P.4	
	1ª evoc.		2ª evoc.		3ª evoc.	
	Freq	%	Freq	%	Freq	%
Educar-orientar	8	40.0	7	35.0	7	35.0
Manter relações de proximidade pessoal	9	45.0	9	45.0	8	40.0
Prover condições materiais	3	15.0	1	5.0	1	5.0
Outros	0	0	0	0	0	0
Não sabe	0	0	0	0	0	0
Não se aplica	0	0	0	0	0	0
TOTAL	20	100.0	20	100.0	20	100.0

Fonte: A autora, 2021.

De acordo com os resultados obtidos, é possível observar que, para a pergunta 2 e considerando todas as evocações constantes das respostas das mães, a maioria delas foi classificada na categoria “manter relações de proximidade pessoal”, com 45 evocações (59,2 %). Nas respostas a esta mesma pergunta, a primeira, a segunda e a terceira evocações, em sua maioria, as mães também sinalizaram metas relacionadas à categoria “manter relações de proximidade pessoal”, representando, respectivamente, 60% (N=12), 45% (N=9) e 45% (N=9) das evocações.

No que se refere à pergunta 4, e considerando todas as evocações constantes das respostas das mães, os resultados indicaram que a maioria delas foi classificada na categoria “manter relações de proximidade pessoal”, com 33 evocações (47,1%). Nas respostas a esta mesma pergunta, a primeira, a segunda e a terceira evocações, em sua maioria as mães também sinalizaram metas relacionadas à categoria “manter relações de proximidade pessoal”, representando, respectivamente, 45 % (N=9), 45 % (N=9) e 40 % (N=8) das evocações.

4.3 Resultados da análise da relação das metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância e quando adulto com características das trocas afetivas entre mães e bebês

Ao relacionar as metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância e quando adulto com as características das trocas afetivas entre mães e bebês (objetivo específico 10), os resultados indicaram não haver correlação estatisticamente significativa entre o total de evocações de cada categoria das perguntas um e três da entrevista (autonomia, autocontrole, emotividade, expectativas sociais, outros ou não sabe), dados já apresentados, e o número de trocas afetivas por díade, assim como entre o total de evocações de cada categoria e a média do número de turnos por díade.

5 DISCUSSÃO

Buscou-se discutir os resultados provenientes da análise das observações registradas em vídeo, assim como das entrevistas sobre metas de socialização de emoções das mães, procurando confrontá-los com a literatura. Para tanto, primeiramente, foram discutidos os resultados oriundos do primeiro segmento das análises, e, em seguida, os referentes às entrevistas, para finalizar com uma discussão que visou articular aspectos dos dois segmentos, de acordo com a ordenação dos objetivos específicos definidos para essa tese.

Os resultados das análises das observações registradas em vídeo, no que se refere ao objetivo específico 1, indicaram frequência significativamente alta do total global de tentativas e de trocas na amostra e da média de tentativas e de trocas por díade. Estes resultados parecem sinalizar habilidades tanto das mães para reconhecerem capacidades do seu bebê de sentir e de expressar emoções e de reagirem a comportamentos maternos de afetividade (Camras & Shutter, 2010), quanto dos bebês de serem contingentes a comportamentos afetivos maternos (Mendes et al., 2009; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014). As mães, ao estimularem a expressividade emocional do bebê, através das tentativas e das trocas afetivas, agiam segundo o que parece estar implícito nas metas de socialização de emoções de mães pertencentes aos contextos urbanos de países “ocidentais”, segundo Keller e Otto (2009), de acordo com as quais a exibição de emoções é valorizada pelos pais e cuidadores de crianças.

Os resultados obtidos para o número total e para a média de trocas afetivas por díade parecem indicar que as mães, com variados comportamentos afetivos promotores dessas trocas, podem ter intencionalmente facilitado as expressões emocionais de seus filhos, havendo uma intencionalidade por parte delas, como discute Wörman et al. (2012). Indicam também que a comunicação entre a mãe e o bebê está presente nessa amostra composta por bebês ainda pequenos, com respostas diferenciadas dos bebês, sobretudo através de sorrisos, estabelecendo-se assim, entre os parceiros da díade, uma espécie de “protoconversa” (Trevarthen, 1998), em que os bebês coordenam seus movimentos e se engajam em um tipo de “conversa” com a mãe (Trevarthen, 2011; Gratier & Trevarthen, 2008).

A caracterização das trocas afetivas quanto à complexidade em termos do número de turnos (objetivo específico 2) indicou grande variabilidade no número de turnos por díade quando considerada a amostra como um todo, o que pode estar relacionado a características comportamentais e/ou emocionais individuais das mães, já que em termos das variáveis

sociodemográficas, o que se verificou foi certa homogeneidade da amostra. Assim, em função de fatores que talvez não estejam relacionados a crenças, valores ou cognições culturais, propriamente, mas de caráter individual, algumas díades estabeleceram trocas com números menores de turnos, enquanto outras trocas, com quantitativo de turnos mais elevado.

Quanto à média do número de turnos por troca, mostrou estar em acordo com o que aponta a literatura (Seidl-de-Moura et al., 2008b). Nesse estudo brasileiro de 2008, com mães e bebês da cidade do Rio de Janeiro, para os bebês com um mês de nascidos é relatada uma média do número de turnos equivalente à que foi encontrada nessa tese. Isto pode indicar que, embora aos cinco meses dos bebês a média do número de turnos seja mais alta (como relatado no estudo citado), no intervalo do processo de desenvolvimento decorrido de um a dois/três meses (idade dos bebês participantes dessa tese) pode não haver mudança significativa para esse fator. Cabe lembrar ainda que, para a faixa etária de dois a três meses de idade, não foram encontrados estudos avaliando complexidade de interações ou trocas com base no número de turnos.

Esse resultado pode ser também relacionado com a intenção das mães de estimularem seus bebês de modo a obterem respostas deles, especialmente expressões emocionais, valendo-se de comportamentos afetivos (um ou mais de um simultaneamente) em sequência, durante o episódio de troca. Nesse sentido, identificou-se, em 12 das 20 díades, trocas afetivas iniciadas pelas mães, com três turnos, e em três díades, trocas com quatro turnos, todas tendo promovido sorriso ou choro do bebê. Em seguida, nessas trocas, a mãe respondeu ao bebê com comportamentos afetivos (um ou mais de um simultaneamente), após a expressão emocional deste, indicando uma resposta afetiva materna ao bebê após promover a troca, como discutido por Wörman et al. (2012). Essas respostas indicam também a habilidade da mãe em perceber, interpretar e responder adequadamente à comunicação do bebê, e à medida que as trocas vão se repetindo com regularidade, permitem ao bebê responder mais e se sentir mais seguro, o que, por sua vez, também influencia o sentimento de competência materna (Alfaya & Scherman, 2005).

Também os bebês contribuíram para o número de turnos, médio e absoluto, o que configura sensibilidade para perceber os comportamentos do outro dirigidos a eles e capacidade de reagir de modo adequado e contingente (Kärtner et al., 2010; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014). Neste sentido, pode-se pensar a participação dos bebês para o número de turnos por troca como resultado da interação entre os processos maturacionais associados ao momento do desenvolvimento de dois meses que são seletivamente integrados e reforçados na interação mãe-bebê, de forma específica da cultura (Kärtner et al., 2010).

Os resultados quanto ao agente da iniciativa (objetivo específico 3) indicaram ser a mãe o agente promotor na quase totalidade das tentativas e das trocas afetivas, tendo elas iniciado a maior parte dos episódios. Isto confirma estudos anteriores (Arpini et al., 2015; Seidl-de-Moura et al., 2008; Seidl-de-Moura et al., 2004) e pode estar relacionado ao reconhecimento cada vez mais especializado, por parte das mães, das necessidades próprias do seu bebê, da diferenciação dos seus sinais e das capacidades adquiridas aos dois e três meses de idade pelo bebê de responder e se expressar emocionalmente quando vê a mãe (Arpini et al., 2015).

Os achados a respeito do agente da iniciativa também indicam que, desde as fases iniciais, as mães atribuem ao seu bebê desejos e sentimentos, o reconhecem como “pessoa” e estabelecem com ele, como anteriormente mencionado, uma espécie de “protoconversa” (Trevvarthen, 2008; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009). Nessa comunicação, tentam adequar sua fala e seus gestos ao que parecem ser as expectativas e necessidades do bebê a fim de estabelecer algum tipo de comunicação com a criança (Mendes & Pessôa, 2013). Esses resultados também se relacionam à forma como as mães, em um contexto cultural urbano, distinguem sinais de seus bebês, os estimulam a expressões emocionais (Keller & Otto, 2009), e fomentam o desenvolvimento de capacidades específicas que favorecem as trocas, assim como nutrem expectativas acerca das expressões emocionais deles, como parte de suas estratégias de socialização (Mendes & Cavalcante, 2014).

Os resultados obtidos sobre o bebê como agente da iniciativa mostraram que foi o responsável por uma parcela, ainda que relativamente pequena, das trocas, o que parece compatível com o que a literatura indica para essa faixa de idade (Seidl-de-Moura et al., 2008; Seidl-de-Moura et al., 2004). Tais achados evidenciam o seu papel ativo nas trocas com adultos, como discutido por autoras brasileiras como Dentz e Amorim (2019), Aquino e Salomão (2011), Mendes (2017) e Seidl-de-Moura (2017), e autores de estudos internacionais como Trevarthen (1998) e Mehu e Dunbar (2008). A faixa de idade dos bebês dessa amostra permitiu os resultados obtidos, já que está localizada em um período em que o desenvolvimento confere aos bebês a capacidade de estarem mais atentos e se manterem em estado de alerta por mais tempo do que antes, tomarem a iniciativa de promover algumas trocas, apresentarem maior controle de movimentos e incremento nas habilidades de manter contato e atenção visual (Rochat et al., 1999; Rochat, 2015; Kärtner et al., 2010; Mendes & Seidl-de-Moura, 2015).

Discussões relativas ao período em que as habilidades comunicativas emergem afirmam que aos dois meses aparecem os primeiros sinais de comportamentos intencionais

(Striano & Reid, 2006), e os bebês parecem conseguir discriminar mudanças nas características faciais que denotam expressão emocional (Thompson, 2015), identificar nos outros algumas expressões faciais que estão associadas às emoções (Trevvarthen, 2011), e passam a reagir cada vez mais com sorrisos quando as mães tentam atrair sua atenção (Rochat, 1999; Hsu & Jeng, 2008; Mendes & Seidl-de-Moura, 2009), além de serem capazes de imitar expressões emocionais (Soussignan et al., 2017).

Estudos trazem ainda evidências de que, em torno dos três meses, os bebês conseguem acompanhar e responder diversas ações dos parceiros sociais (Rochat, 2007), mostram preferências por sorrisos com intensidade cada vez maior e, aos três meses e meio, mostram maior sensibilidade para demonstrações de afeto e trocas promovidas pelos cuidadores (Mendes & Seidl-de-Moura, 2009). O contexto urbano do qual as mães fazem parte, que privilegia e estimula a expressividade do bebê (Keller & Otto, 2009), também pode ser levado em conta como um dos fatores a ter favorecido esses resultados.

Quanto às manifestações promotoras das trocas afetivas (objetivo específico 4), no que diz respeito às expressões emocionais do bebê, verificou-se que houve uma troca afetiva em que a manifestação promotora foi um sorriso do bebê, e em 12 trocas a manifestação promotora foi o choro do bebê. Isto parece ser indicativo do potencial do choro dos bebês para suscitar os cuidados e atenção da mãe, ao menos em contextos socioculturais como o estudado (Keller & Otto, 2009; Mendes & Cavalcante, 2014; Dentz & Amorim, 2020; Mendes & Pessôa, 2013). Por outro lado, ainda que apenas em uma troca afetiva a manifestação promotora tenha sido o sorriso do bebê, é oportuno lembrar o quanto parece ser relevante para mães, especialmente em contextos urbanos ocidentais, o sorriso do bebê dirigido a elas (Keller & Otto, 2009; Seidl-de-Moura et al., 2008).

Pode-se considerar como significativo o número de iniciativas do bebê de comunicar à sua mãe seu desconforto através do choro e obter atenção, levando-a a agir para satisfazer as necessidades da criança (Neder et al., 2020; Amorim et al., 2012). Nas 12 trocas iniciadas pelo bebê, as mães responderam, em sua maioria, com a fala materna, mas também com o toque afetivo, indicando que elas identificaram as pistas dadas com o choro, interpretaram e utilizaram a linguagem e o toque para direcionar a atenção, transmitindo assim conforto, além de satisfazer as necessidades do bebê. À medida que as mães passam a ter maior domínio dos diferentes sinais e necessidades do bebê, passam a reconhecer os pedidos de atenção e o choro como expressão emocional, respondendo afetivamente a ele. (Arpini et al., 2015).

No que concerne aos comportamentos afetivos da mãe como manifestação promotora de trocas, entende-se que podem ser vistos como parte de suas estratégias de socialização de

emoções que, como discutido por Keller e Otto (2009), fomentam o desenvolvimento de características específicas valorizadas no contexto sociocultural em que vivem. Parecem estar de acordo com expectativas de que suscitem respostas do bebê, através de expressões emocionais (Mendes & Cavalcante, 2014), especialmente o sorriso, e com o reconhecimento das mães de que seus bebês já possuem habilidades comunicativas (Arpini et al., 2015). Nesse sentido, dentre os comportamentos afetivos promotores de troca emitidos (como primeira evocação) pelas mães encontrou-se como o mais frequente a fala, em 75 trocas, cuja predominância é discutida por Keller e Otto (2009). Em sequência da frequência em que ocorreram como promotores de trocas, vieram o toque afetivo, em 13 trocas, o sorriso, em 9 trocas, e o beijo, em uma troca. Ao verificar os resultados para as manifestações promotoras dois e três, observou-se o toque afetivo ocorrendo em maior número nas segundas manifestações promotoras e o sorriso como o mais numeroso nas manifestações promotoras três. Estes foram os recursos afetivos usados em conjunto com a primeira manifestação promotora emitida, parecendo ter como por objetivo promoverem em conjunto uma resposta expressiva do bebê.

Como resultados para a caracterização das trocas afetivas e tentativas de trocas quanto à ocorrência de expressões emocionais do bebê e comportamentos afetivos maternos (objetivo específico 5), verificou-se que, dentre as expressões emocionais do bebê, observou-se nas trocas ocorridas um número expressivo de sorrisos dos bebês, que se apresentaram na maior parte delas. Evidências de estudos indicam aumento da frequência de sorrisos após os dois meses de idade, deflagrados não só pelo contato com a face humana, mas como reação aos comportamentos afetivos da mãe (Mendes et al., 2009; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014). Nesse período, o bebê aumenta sua capacidade de percepção das diferenças nas expressões faciais de quem dele cuida (Thompson, 2015), está mais sensível a comportamentos e às expressões faciais dos adultos (Cole & Moore, 2014), passando a sorrir cada vez mais com sorrisos responsivos e contingentes aos sorrisos de sua mãe (Mendes et al., 2009; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014). A expressiva presença do sorriso do bebê nas trocas dessa amostra parece estar de acordo com a discussão proposta por Wörman et al. (2012) sobre as expectativas maternas de mães em contextos urbanos a respeito do sorriso do bebê e sobre as oportunidades oferecidas ao bebê para sorrir em resposta a seus comportamentos afetivos.

O choro, ainda que tenha sido contabilizado em menor frequência do que o sorriso nas trocas ocorridas foi a expressão emocional do bebê que mais promoveu trocas, como já mencionado. Ainda que tenha estado presente nas trocas de um número significativo de díades, não foi registrado em trocas de seis delas, em que os bebês só emitiram sorrisos. Além

de ter sido a manifestação promotora em 12 trocas, o choro ocorreu também como resposta a comportamentos afetivos maternos em 16 outras trocas, servindo também para dar sinais de seu desconforto e buscar comunicação com o cuidador, no caso a mãe (Neder et al., 2020). Na maioria dessas trocas, o bebê obteve resposta ao choro, indicando que a mãe respondeu com um comportamento afetivo, passando a ter mais domínio dos diferentes sinais e necessidades do(a) filho(a), reconhecendo os pedidos de atenção e choro como expressão emocional e respondendo afetivamente (Arpini et al., 2015).

Sobre a presença de expressões emocionais dos bebês nas tentativas de troca, considerando o conjunto expressivo que reuniu todas as ocorrências de expressões emocionais do bebê, incluindo tentativas e trocas, observou-se que houve apenas um choro e nenhum sorriso do bebê, o que mostrou o potencial ainda reduzido do bebê para tentar iniciar trocas afetivas, que em sua quase totalidade partiram da mãe, mas que, ao tentar uma comunicação dessa natureza valeu-se do choro, como recurso para ativar a atenção da mãe. Estudiosos consideram que, desde o nascimento, os bebês se valem do choro para manifestar incômodo e despertar cuidados, provocando reações para que cuidadores se ajustem ao que eles comunicam (Seidl-de-Moura & Ribas, 2004), mas por volta dos dois meses de vida, segundo Neder et al. (2020), a mãe e o bebê podem estabelecer uma comunicação rítmica relacionada à formação de uma relação de contingência e percebe-se que a suspensão do choro do bebê pode ocorrer apenas na presença da mãe ou de outro cuidador significativo para ele. O resultado quanto a não haver nenhuma tentativa de troca iniciada por um sorriso do bebê pode estar relacionado ao período do desenvolvimento em que se encontram, já que aos dois meses é que se iniciam os chamados sorrisos sociais (Rochat, 2015; Mendes & Seidl-de-Moura, 2014), devendo ser ainda consideradas outras características dessa etapa ligadas ao estado de alerta, controle da cabeça, direcionamento de olhar e atenção visual. Deve ser também contemplado o fato de os bebês precisarem ser provocados inicialmente por seus cuidadores para que o sorriso como resposta afetiva possa emergir, como discutem Wörman et al. (2012).

A análise dos totais relativos aos comportamentos afetivos maternos estratificados por tentativa e por troca indicou que a fala (F) foi o comportamento afetivo que ocorreu na absoluta maioria das trocas afetivas. Na maioria das trocas, a fala materna promoveu o sorriso do bebê, promovendo também respostas de choro do bebê em 10 díades. Esses resultados indicaram a utilização do “manhês”, fala materna dirigida ao bebê, em conversas com características próprias, quando a mãe tenta adequar sua fala e seus gestos ao que parecem ser as expectativas e necessidades do bebê. Esse recurso da fala materna facilita a comunicação com bebês, havendo mudanças no tom de voz e favorecendo a participação do bebê na

comunicação (Mendes & Pessoa, 2013). Indica também a valorização da fala materna como estimulação da expressividade do bebê, como discutido por Keller e Otto (2009), que sublinham o uso frequente da fala materna em contextos urbanos. A participação dos diferentes comportamentos maternos nas tentativas de troca manteve a distribuição do que se encontrou nas trocas, sendo a fala a mais preponderante e o sorriso o menos, o que pode indicar certo padrão de primazia na seleção de opções do repertório afetivo materno para participar da comunicação afetiva ou tentativa dela com os(as) filhos(as) ainda bebês.

A análise dos dados provenientes das entrevistas sobre características emocionais que as mães desejavam para o(a) filho(a) quando viesse a ser uma criança maior, no final da infância (objetivo específico 6) e na vida adulta (objetivo específico 7), apresentaram resultados, considerando todas as evocações constantes das respostas, assim como os totais das primeira e segunda evocações, indicativos de uma valorização da “autonomia”. As respostas demonstraram, nesse sentido e como consta da definição da categoria, preocupação em que a criança se tornasse emocionalmente independente, autoconfiante na manifestação e na vivência de suas emoções e sentimentos, e desenvolvesse de modo saudável suas capacidades emocionais como indivíduo autônomo. As respostas indicaram também, com o resultado das terceiras evocações, ainda que com menor ênfase, a valorização da emotividade e nesse sentido, a preocupação das mães com o desenvolvimento da autonomia acompanhada da capacidade de intimidade emocional com os outros e da preocupação com as outras pessoas.

Ainda no que se refere às características desejadas para o final da infância e para a vida adulta, esses resultados se aproximam dos encontrados por Fonseca et al. (2017), igualmente voltados para as metas de socialização de emoção, mas em um contexto rural brasileiro, com resultado de enunciação majoritária de metas associadas à autonomia. Outro aspecto importante a notar no presente estudo é que as respostas das mães deram ênfase ao desejo de que seu filho(a) se torne uma pessoa feliz, achado que se assemelha ao de Fonseca et al. (2017), sendo que as mães que possuíam nível superior igualmente destacaram a felicidade atrelada à autoconfiança na manifestação e na vivência de suas emoções e sentimentos. Já a preocupação com o desenvolvimento da capacidade para a intimidade emocional com as pessoas, também mencionada nos achados do estudo citado, se mostrou presente nas mães da amostra dessa tese nas terceiras evocações das respostas, parecendo assim que a principal preocupação das mães seria promover o desenvolvimento da autoconfiança, como já dito, mas também acompanhada da preocupação quanto ao desenvolvimento de características emocionais voltadas para a intimidade emocional.

Ao serem verificados os possíveis contrastes entre as metas de socialização para o final da infância e para a vida adulta (objetivo específico 8), não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os totais de evocação das categorias, indicando uma certa convergência nas metas das mães para os dois momentos da vida futura dos filhos. Este resultado pode ser relacionado ao contexto cultural urbano em que as mães vivem, que pode favorecer e valorizar metas relacionadas à autonomia e independência para os diferentes momentos da ontogênese. Nesse sentido, converge com o que é discutido por Leyendecker et al. (2002), estando em consonância com resultados encontrados em outros ambientes urbanos em que o nível de escolaridade é alto (Keller, 2016), o que parece influenciar o conjunto de concepções e expectativas a respeito de como a criança deverá se desenvolver do ponto de vista emocional (Keller & Otto, 2009).

Ao ser analisado o que as mães pensam que podem fazer para que a criança desenvolva as características mencionadas como metas de socialização de emoções nos dois diferentes momentos da vida dos filhos (objetivo específico 9), considerando todas as evocações constantes das respostas das mães, e nas primeiras, segundas e terceiras evocações, as respostas indicaram metas de socialização emocional classificadas segundo o que se definiu na para a categoria “manter relações de proximidade pessoal”. Este resultado a respeito do tipo de atuação parental para o desenvolvimento de características emocionais desejadas parece sinalizar preocupação das mães em oferecer para a criança apoio afetivo, pessoal e familiar, fornecendo carinho e cuidados ao filho. Isto pode ser visto como uma estratégia para ajudar os filhos a desenvolverem os valores voltados para a autonomia, estando em consonância com o encontrado em outros ambientes urbanos. Nesse sentido, Keller e Otto (2009) mencionam ser usual em contextos urbanos ocidentais, em mães com alto nível de escolaridade, manifestações como o sorriso e a fala dirigidos aos bebês, acreditando poder, através dessas manifestações de afeto, promover a autoconfiança de seus filhos.

As mães dessa amostra parecem acreditar ser seu papel oferecer à criança segurança emocional com proximidade emocional. Esse tipo de crença e atuação maternas podem favorecer que a criança incremente seu amadurecimento emocional, pois a maneira com que as mães orientam seus filhos, com seus comportamentos e reações pode repercutir na competência emocional das crianças, segundo Mendes e Cavalcante (2014). Esses resultados parecem indicar que essas mães endossam valores como independência, assertividade e direitos de expressar sentimentos e emoções, pois parecem querer criar crianças que entendam suas emoções e saibam expressá-las. Elas parecem valorizar as expressões emocionais como

meio para promover a autonomia em seus filhos, levando-se em conta que a expressividade emocional tem sido considerada por estudiosos como parte da concepção de que, em contextos socioculturais urbanos, a autonomia é a força organizadora do desenvolvimento (Keller & Otto, 2009).

Em síntese, pode-se considerar que as metas de socialização de emoção encontradas na amostra dessa tese apontaram para trajetórias de desenvolvimento dos filhos focadas na autonomia, como encontrado em outros ambientes urbanos de países considerados “ocidentais”, para mães com níveis altos de escolaridade (Keller e Otto, 2009). Mas, também enfatizaram como atuação parental manter relações de proximidade para os filhos, estimulando competência emocional relacional como estratégia para que seus filhos atinjam as metas voltadas para autonomia, como discutido por Chan (2011).

No que concerne à análise da relação das metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância e quando adulto com características das trocas afetivas entre mães e bebês (objetivo específico 10), não foi encontrado qualquer correlação estatisticamente significativa, o que pode ser atribuído ao tamanho relativamente pequeno da amostra e à sua configuração em termos das características sociodemográficas. A amostra apresenta certo viés, já que contou com um número não elevado de participantes, foi constituída por mães com nível de escolaridade de pós-graduação e nível superior, e nascidas e criadas na cidade do Rio de Janeiro, em sua maioria. Assim, não houve variabilidade suficiente para comparações e possíveis diferenças estatisticamente significativas entre essas variáveis sociodemográficas, tal como relatado e discutido em outros estudos brasileiros que contaram com mães de diferentes níveis de escolaridade (Seidl-de-Moura et al., 2008a) e participantes que residiam em locais com diferentes graus de urbanização (Vieira et al., 2010).

Parece importante apontar que estudar metas maternas de socialização de emoções permite melhor conhecer intencionalidades das mães a respeito do desenvolvimento de seus filhos, sendo essas metas relacionadas às particularidades dos contextos socioculturais de que fazem parte e tendo impactos no desenvolvimento de crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o propósito de investigar trocas afetivas e tentativas dessas trocas em contexto de interação mãe-bebê e metas maternas de socialização de emoções, resultante do interesse de compreender melhor o desenvolvimento nas suas etapas iniciais sob as perspectivas evolucionista e sociocultural. Nessas trocas, foram considerados os comportamentos afetivos maternos e as expressões emocionais dos bebês, e relacionados às metas maternas de socialização emocional para os filhos.

A literatura traz evidências sobre trocas afetivas entre mães e bebês em episódios iniciais de interação e sobre o aumento de sua frequência aos dois meses de vida de bebês. Nas publicações, são discutidas as características presentes nessas trocas e as possibilidades de conquistas e os avanços que promovem no desenvolvimento, sendo apontadas, por pesquisadores, como vitais em etapas iniciais da ontogênese. A literatura também discute o papel das metas de socialização de emoções no desenvolvimento infantil e dos comportamentos afetivos maternos, vistos como reflexos dos modelos vigentes no ambiente sociocultural (Harwood, 1992), e podendo interferir nas trocas afetivas mãe-bebê. Uma lacuna foi verificada ao não terem sido encontrados estudos recentes sobre trocas afetivas mãe-bebê e terem sido identificados poucos estudos brasileiros sobre metas parentais de socialização de emoções, e procurar suprir essa lacuna tornou-se um intuito dessa tese.

Ao optar por estudar a mãe em contexto de interação com o bebê, levou-se em conta que são as mães, nas mais diversas culturas, que normalmente cuidam e mais interagem com seus bebês, sendo pessoas socialmente significativas para eles durante os meses iniciais de vida (Harkenss & Super, 2002; Keller, 2007). Além disso, considerou-se que podem existir associações entre características das trocas afetivas estabelecidas e as metas de socialização maternas que são produto do meio sociocultural em que vivem. A escolha do contexto da cidade do Rio de Janeiro se deu por conveniência e pelo interesse em investigar como estão se estabelecendo as trocas afetivas entre mães e bebês, aos dois e três meses, em uma metrópole, no caso, o Rio de Janeiro.

Estudar trocas afetivas mãe-bebê tendo em vista a faixa etária escolhida, que é considerada um período de transformações significativas do desenvolvimento inicial dos bebês (aos dois a três meses de idade), foi uma escolha que significou um considerável desafio. Desde o trabalho inicial de revisão de literatura, dificuldades se apresentaram no momento em que foi encontrada uma produção limitada com foco similar aos objetivos dessa

tese, o que implicou carência de publicações relatando evidências com as quais se pudesse refletir e posteriormente contrastar os resultados aqui encontrados. Nesse sentido, parece importante notar que foram encontrados poucos estudos que se voltaram para a dinâmica e circunstâncias das trocas afetivas iniciais com bebês considerados saudáveis, nascidos a termo e com mães sem apresentar indicadores de psicopatologia, vivendo com o pai do bebê na mesma residência. Encontrou-se maior quantidade de estudos voltados para os impactos da prematuridade, da depressão materna e voltados para o estudo de bebês apresentando desenvolvimento considerado atípico. Também foram muito poucos os estudos que consideraram comportamentos afetivos maternos e expressões emocionais dos bebês, encontrando-se maior número de estudos voltados somente para as percepções maternas dos bebês ou somente para as expressões emocionais dos bebês.

Uma dificuldade importante foi a enfrentada para a obtenção da amostra e realização da coleta de dados. Inicialmente, membros do grupo de pesquisa do qual a pesquisadora autora dessa tese faz parte indicaram algumas mães, outros profissionais e pesquisadores para que obtivesse ajuda na composição da amostra. Em seguida, foram feitos contatos por telefone, por e-mail e WhatsApp com médicos, fisioterapeutas, professores de educação física, professores e diretores de creches e com um blog na Internet que reúne mães, mulheres grávidas e puérperas para troca de experiências, enviando a todos uma carta-convite informando os objetivos, as condições de participação e os procedimentos da pesquisa.

Com essas iniciativas, algumas mães aceitaram participar, mas o número esperado de participantes não foi alcançado. A pesquisadora decidiu, então, participar das reuniões mensais abertas e presenciais do grupo Maternando, um projeto de extensão da Faculdade de Enfermagem da UERJ que reúne professores, enfermeiros e residentes de Enfermagem do Hospital Pedro Ernesto para acompanhar grávidas e puérperas, oferecendo orientações e acompanhamento quanto à amamentação e aos cuidados iniciais com o bebê. Percebeu-se boa recepção por parte dos coordenadores do projeto, assim como por parte das mães que, ao ouvir a apresentação dos procedimentos de coleta de dados, se interessaram em participar da pesquisa. A partir dessa experiência, verificou-se a importância do contato pessoal com profissionais, o que pareceu fazer diferença para obtenção de participantes. Foi possível frequentar reuniões regulares de outros grupos organizados por profissionais doulas e um grupo terapêutico que reúne mulheres grávidas e puérperas para troca de experiências e discussão de temas.

A partir dessa frequência regular aos grupos, as mães foram convidadas, os procedimentos apresentados, havendo grande interesse. Nesse sentido, verificou-se o quanto

foi importante estar presente para responder às perguntas feitas sobre os procedimentos da pesquisa e para que as mães se interessassem e sentissem confiança, já que se tratava de um estudo com base em observações nas residências das díades com registros em vídeo, além de uma entrevista presencial. A partir desse momento, muitas mães decidiram participar e ao receberem a pesquisadora nas suas casas, demonstraram disponibilidade para a realização da pesquisa, se envolveram na realização da gravação das observações em vídeo, responderam às entrevistas, e indicaram outras mães, também pertencentes aos grupos que frequentavam.

Outra dificuldade encontrada na coleta de dados foi o acesso a algumas das residências das mães, com endereços em bairros distantes, como Tomás Coelho, Cascadura, Praça Seca, Maré, e nos arredores do Rio de Janeiro, como Nova Iguaçu. As distâncias exigiram saber como chegar, pedir ajuda a moradores locais e utilizar vários meios de transporte, incluindo mototáxi, o que levou à necessidade de planejar somente uma coleta por dia, pois o tempo dispendido no trajeto de ida e de volta tomava mais de duas horas. Verificou-se que além do tempo dispendido no trajeto, as entrevistas e os vídeos gravados precisavam ser salvos em dispositivos de segurança, contribuindo para manter o planejamento de uma coleta a cada dia.

Encontrou-se desafios de natureza metodológica para criação de critérios e categorias para a análise dos vídeos e das respostas à entrevista. Após terem sido criadas e adaptadas as categorias, houve necessidade, no caso das análises de vídeos, de criar alguns critérios específicos para registrá-las no formulário usado para a redução de dados. Foi necessário levar em conta a ação contínua de um dos membros da díade e estabelecer critérios de demarcação da duração do episódio da tentativa de troca afetiva e de troca afetiva. Esses critérios passaram a ser seguidos para fins de registro dos dados provenientes das observações a serem feitos no formulário mencionado, criado especificamente para esse estudo, também passando a fazer parte das orientações enviadas ao juiz de fidedignidade.

No que concerne aos objetivos estabelecidos, acredita-se que tenham sido alcançados e produzido resultados trazendo contribuições. Nesse sentido, constata-se que após conseguir alcançar o número planejado de participantes para o estudo e realizar os procedimentos de coleta e análise, os resultados trouxeram indicadores importantes. As análises das observações registradas em vídeo indicaram primeiramente que as mães se mostraram sensíveis, reconhecendo os sinais do desenvolvimento emocional de seus filhos e os bebês perceberam os comportamentos afetivos da mãe dirigidos a eles, reagindo afetivamente de modo adequado e contingente. Esses resultados convergem com os que indicam que bebês de dois e três meses de vida apresentam expressões emocionais voltadas para outra pessoa, reagindo contingentemente com sorrisos quando as mães tentam atrair sua atenção (Mendes & Seidl-

de-Moura, 2014) e participam de trocas afetivas. Os resultados confirmam também que mães pertencentes ao contexto urbano estudado valorizaram a exibição de emoções nas tentativas e trocas estabelecidas, estimulando a expressividade emocional dos bebês, como apontam Keller e Otto (2009).

O número significativo de trocas nesse estudo indicou intencionalidade materna ao facilitar as expressões emocionais dos bebês, confirmando estudo anterior (Wörman et al., 2012). A intenção das mães de estimular seus bebês de modo a obterem expressões emocionais como resposta e as respostas dadas pelos bebês aos estímulos recebidos indicam que nessa amostra foi encontrada complexidade no número de turnos.

Os resultados quanto ao agente da iniciativa confirmam a literatura quanto à mãe ser o principal promotor de tentativas e trocas, assim como os resultados relativos às iniciativas do bebê também confirmam a literatura no que se refere ao bebê poder muitas vezes iniciar uma troca afetiva (Seidl-de-Moura et al., 2008b; Seidl-de-Moura, 2017), evidenciando seu papel ativo nas trocas (Dentz & Amorim, 2019). Percebeu-se que a faixa de idade dos bebês dessa amostra, um período de mudanças em que surgem comportamentos intencionais, também permitiu que os bebês contribuíssem com suas iniciativas para o número de turnos, médio e absoluto, trazendo uma contribuição ao estudo dos turnos nas trocas afetivas.

O choro como principal promotor de trocas por iniciativa dos bebês confirma os achados anteriores sobre o choro como potencial recurso para atrair os cuidados e a atenção da mãe (Keller & Otto, 2009; Dentz & Amorim, 2020). O resultado sobre as tentativas do bebê para trocas, com uma só tentativa de troca afetiva com choro, não pôde ser comparado por não se ter encontrado resultados em estudos anteriores, indicando a necessidade de novos estudos. O número expressivo de sorrisos dos bebês em resposta aos comportamentos afetivos maternos observados nas trocas confirmam achados anteriores que indicam aumento da frequência de sorrisos após os dois meses de idade (Mendes & Seidl-de-Moura, 2014). Já a frequência alta de tentativas de troca afetiva pelas mães indica o estímulo dado por elas para a expressividade dos bebês aos dois e três meses, confirmando estudos anteriores (Keller & Otto, 2009), e expectativas criadas por elas a respeito do sorriso do bebê, como discutido por Wörman et al. (2012). O resultado sobre a preponderância da fala como comportamento afetivo materno confirma estudos anteriores sobre o estímulo da expressividade do bebê através da fala materna em contextos urbanos (Keller & Otto, 2009).

A análise dos dados provenientes das entrevistas sobre características emocionais desejadas trouxe resultados que contribuem, no campo da parentalidade, ao se refletir sobre metas parentais, já que mostraram que as mães esperam que no final da infância e na vida

adulta seus filhos se tornem autoconfiantes e independentes quanto à vivência das emoções, referindo-se de forma predominante à autonomia e segurança emocional, mas também se referem à emotividade e à preocupação com as outras pessoas, valores que parecem acompanhar os considerados predominantes por essas mães. Esses resultados confirmam os encontrados em recente estudo sobre metas de socialização de emoções no contexto do Rio de Janeiro (Mendes et al., 2019).

Observou-se que os resultados encontrados para o que as mães pensam que podem fazer para alcançar as características emocionais desejadas para seus filhos no final da infância e na vida adulta mostraram que elas acreditaram que podem proporcionar diversas formas de apoio, proximidade emocional e carinho, respostas relativas à categoria manter proximidade emocional. Esse resultado, como discutido, difere do que foi encontrado na literatura sobre metas de socialização de emoções em contextos brasileiros, que apontaram respostas com preponderância da categoria educar/orientar em estudos recentes (Mendes et al., 2019; Sant'Anna & Mendes, 2017), podendo, o resultado aqui encontrado, ser visto como uma estratégia para ajudar os filhos a desenvolverem valores voltados para a autonomia, talvez por considerarem a proximidade emocional como forma de promover a autoconfiança de seus filhos, como discutido por Keller e Otto (2009), apresentando assim um contraponto aos resultados relatados na literatura. É possível pensar que os resultados desse estudo, sintetizados acima, podem ser vistos como relacionados à predominância de mães com alto nível de escolaridade materna e ao local de criação delas, que é o contexto cultural urbano do Rio de Janeiro.

A partir da discussão desses resultados, entendeu-se que algumas limitações desse estudo merecem ser destacadas, como o tamanho da amostra, a concentração de mães com alto nível de escolaridade e que eram nascidas e criadas no Rio de Janeiro. Acredita-se que uma amostra com número maior de participantes e uma configuração mais heterogênea possibilitaria explorar diferentes configurações relacionadas a variáveis sociodemográficas, como o nível de escolaridade, idade da mãe e cidade de criação da mãe. Possibilitaria também maiores chances de uso de testes estatísticos para se verificar associações entre as metas de socialização de emoções das mães para os filhos no final da infância e quando adulto com características das trocas afetivas entre mães e bebês.

Acredita-se que a comparação de resultados com diferentes níveis de escolaridade materna permitiria realizar análises mais específicas sobre possíveis diferenças quanto a frequências de expressões emocionais de bebês, de comportamentos afetivos maternos, e de metas de socialização emocional em função dessa variável. Acrescenta-se que a comparação

de resultados com mães que nasceram e foram criadas no Rio de Janeiro com outras, nascidas e criadas em cidades menores, por exemplo, permitiria verificar diferenças devidas à maior ou menor proximidade das mães com a sua família de origem, quanto a redes sociais criadas com parentes e não parentes e a relação dessas variáveis com características emocionais que elas desejam que seus filhos desenvolvam no final da infância e na vida adulta.

Estudos futuros parecem ser necessários para o avanço das investigações apontadas e, nesse sentido, sugere-se que contem com uma amostra de participantes maior e que permitam a comparação entre grupos, com variabilidade estatística significativa quanto a variáveis sociodemográficas. Sugere-se também a realização de estudo longitudinal com algumas das díades da amostra para que se possa observar melhor possíveis transformações ou mudanças ao longo do tempo. No entanto, acredita-se que essa tese trouxe evidências relevantes e ainda não relatadas em publicações científicas, envolvendo mães que vivem em contexto urbano, e que, desse modo, contribuiu para o avanço dos estudos sobre trocas afetivas nas interações mãe-bebê e metas maternas de socialização de emoções.

REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, *44*(4), 709-716. doi: 10.1037/0003-066X.44.4.709.
- Alfaya, C., & Schermann, L. (2005). Sensibilidade e aleitamento materno em díades com recém-nascidos de risco. *Estudos de Psicologia*, *10*(2), 279-285. doi: 10.1590/S1413-294X2005000200015.
- Alvarenga, P., & Piccinini, C. A. (2007). Preditores do desenvolvimento social na infância: potencial e limitações de um modelo conceitual. *Interação em Psicologia*, *11*(1), 103-112. doi: 10.5380/psi.v11i1.7761.
- Aquino, F. S. B., & Salomão, N. M. R. (2011). Habilidades sociocomunicativas de bebês no primeiro ano de vida: um estudo longitudinal. *Paidéia*, *21*, 335-344.
- Arpini, D. M., Zanatta, E., Marchesan, R. Q., Faraj, S. P., Ledur, C. S., & Mozzaquatro, C. O. (2015). Interação mãe-bebê: um processo de descobertas. *Interação em Psicologia*, *19*, 1, 1-11.
- Ayoub, C. C., Bartlett, J. D., & Swartz, M. I. (2014). Parenting and Early Intervention: the impact on children's social and emotional skill development. In S. H. Landry & C. L. Cooper (Eds.). *Wellbeing in Children and Families: Wellbeing: A Complete Reference Guide* (vol. 1, pp. 179-210). NY: John Wiley & Sons, Inc.
- Bakeman, R., Deckner, D. F., & Quera, V. (2005). Analysis of behavioral streams. In D. M. Teti (Ed.). *Handbook of research methods in developmental science*. (pp. 394-420). Oxford: Blackwell Publishers.
- Beebe, B., Andrews, H., Bahrick, L., Buck, K., Chen, H., Cohen, P., ... Markese, S. (2010). The Origins of 12-Month Attachment: A Microanalysis of Four-Month Mother-Infant Interaction. *Attachment Human Development*, *12*(1-2), 3-141.
- Bellini, A. E. G., & Fernandes, F. D. R. (2007). Olhar de bebês em desenvolvimento típico: correlações longitudinais encontradas. *Revista Brasileira de Fonoaudiologia*, *12*(3), 165-173.
- Bjorklund, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. *Psychological Bulletin*, *122*, 153-169.
- Bjorklund, D. F., & Pellegrini, A. D. (2000). Child Development and Evolutionary Psychology. *Child Development*, *71*(6) 1687-1708.
- Bosa, C., & Souza, A. D. (2007). Interações mãe-criança e o desenvolvimento atípico: a contribuição da observação sistemática. In: C. A. Piccinini & M. L. Seidl-de-Moura (Orgs.). *Observando a interação pais-bebê-criança*. (pp. 237-258). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Bowlby, J. (1990). *Apego: a natureza do vínculo* (vol. 1, 2a ed.). São Paulo: Martins Fontes (Obra original publicada em 1969).
- Bussab, V. S. R., & Ribeiro, F. L. (1998). Biologicamente cultural. In L. Souza, M. F. Q. Freitas & M. M. P. Rodrigues (Org.). *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Camras, L., & Shutter, J. M. (2010). Emotional facial expressions in infancy. *Emotion Review*, 2(2) 120–129. doi: 10.1177/1754073909352529.
- Chan, S. M. (2011). Mother's construal of self and emotion socialization goals. *Early Child Development and Care*, 181(5), 613-624.
- Charlesworth, W. R., & Kreutzer, M. A. (2006). Facial Expression of Infant. In P. Ekman (Ed.). *Darwin and Facial Expression - A Century of research in review*. Cambridge: Malor Book.
- Chóliz, M., Abascal, E. G. F., & Sánchez, F. M. (2012). Infant crying: pattern of weeping, recognition of emotion and affective reactions in observers. *The Spanish Journal of Psychology*, 15(3), 978-88. doi: 10.5209.
- Cole, M. (1998). *Cultural Psychology: a once and future discipline*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Cole, P., & Moore, G. A. (2014). About Face! Infant Facial Expression of Emotion. *Emotion Review*, 7(2), 116-120.
- Cole, P. M., & Tan, P. Z. (2015). Emotion Socialization from a Cultural Perspective. In J. E. Grusec & P. D. Hastings (Eds.). *Handbook of Socialization: Theory and Research* (pp. 499-519). NY: The Guilford Press.
- Damásio, A. R. (2011). *E o cérebro criou o Homem*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Darwin, C. (2000). *A expressão das emoções no homem e nos animais*. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1872).
- Dentz, M., & Amorim, K. S. (2019). Expressões emocionais entre bebês na creche: revisão sistemática de literatura. *Psicologia em Revista*, 25 (1), 133-154. doi: 10.572/1678-9563.
- Dentz, M., & Amorim, K. S. (2020). Emotional expressions of smiling and crying in babies peer interactions in day care center. *Sensos-E*, 7(2), 14-30. <https://doi.org/10.34630/sensose.v7i2.3136>.
- Dunsmore, J. C., Her, P., Halberstadt, A. G., & Perez-Rivera, M. B. (2009). Parents' Beliefs about Emotions and Children's Recognition of Parents' Emotions. *Journal of nonverbal behavior*, 33(2), 121-140.
- Eisenberg, R. B. (1975). *Auditory competence in early life: the roots of communicative behavior*. Baltimore: University Park Press.

- Ekman, P. (1999). Facial expressions. In T. Dalgleish & M. J. Power (Eds.). *The Handbook of Cognition and Emotion* (pp. 301-320). New York, NY: John Wiley & Sons Limited.
- Ekman, P. (2011). *A linguagem das emoções: Revolucionando sua comunicação e seus relacionamentos reconhecendo todas as expressões das pessoas ao redor*. São Paulo: Lua de Papel.
- Eshel, N., Daelmans, B., Mello, M. C., & Martines, J. (2006). Responsive parenting: interventions and outcomes. *Bulletin of the World Health Organization*, 84(12), 991-998.
- Farroni, T., Johnson, M. H., Menon, E., & Rigato, S. (2007). The perception of facial expressions in newborns. *European Journal of Developmental Psychology*, 4, 2-13. doi:10.1080/17405620601046832.
- Fonseca, B. R., Cavalcante, L. I. C., & Mendes, D. M. L. F. (2017). Metas de socialização da emoção: um estudo de mães residentes no meio rural. *Psico*, 48(3), 174-185. <https://doi.org/10.15448//1980-8623.2017.3.25444>.
- Fleiss, J. L., Levin, B., & Paik, M. C. (2005). Statistical methods for rates and proportions. In Fleiss, J. L., Levin, B. & Paik, M. C. (Eds.). *The Measurement of Interrater Agreement* (Third Edition, Chap. 18, pp. 598 - 626). New Jersey: Wiley.
- Gerhardt, S. (2017). Construindo o cérebro. In S. Gerhardt. *Porque o amor é importante. Como o afeto muda um cérebro* (pp.47-72). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gratier, M., & Trevarthen, C. (2008). Musical narrative and motives for culture in mother - infant vocal interaction. *Journal of Consciousness Studies*, 15(10-11), 122-158.
- Griffin, S., & Mascolo, M. F. (1998). On the Nature, Development, and Function of Emotions. In M. F. Mascolo & S. Griffin (Eds.). *What Develops in Emotional Development?* (pp. 3-28). NY: Plenum Press.
- Harkness, S., & Super, C. (1994). The Developmental Niche: A Theoretical Framework for Analyzing the Household Production of Health. *Social Science and Medicine*, 38(2), 217-226.
- Harkness, S., & Super, C. M. (1996). Introduction. In S. Harkness & C.M. Super (Eds.), *Parents' cultural belief systems: Their origins, expressions, and consequences* (pp. 1-23). New York: Guilford.
- Harkness, S., & Super, C. M. (2002). Culture and Parenting. In M. H. Bornstein (Ed.). *Handbook of Parenting: Biology and Ecology of Parenting* (pp. 253-280). Lawrence Erlbaum Associates.
- Harwood, R. L. (1992). The Influence of Culturally Derived Values on Anglo and Puerto Rican Mothers' Perceptions of Attachment Behavior. *Child Development*, 63, 822-8.

- Harwood, R. L., Schoelmerich, A., Ventura-Cook, E., Schulze, P. A., & Wilson, S. P. (1996). Culture and class influences on Anglo and Puerto Rican mother's beliefs regarding long-term socialization goals and child behavior. *Child Development, 67*, 2446-2461. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.1996.tb01867.x>.
- Houzel, S. (2017). *A vantagem humana: como nosso cérebro se tornou poderoso*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hsu, H., & Jeng, S. F. (2008). Two-month-old's attention and affective response to maternal still face: a comparison between term and preterm infants in Taiwan. *Infant Behavior & Development, 31*(2), 194-206. doi: 10.1016/j.infbeh.2007.10.008.
- Izard, C. E. (1977). *Human Emotions*. New York: Plenum.
- Izard, C. E., Fantauzzo, C. A., Castle, J. M., Haynes, O. M., Rayias, M. F., & Putnam, P. H. (1995). The ontogeny and significance of infants' facial expressions in the first 9 months of life. *Developmental Psychology, 31*(6), 997-1013. doi: 10.1037/0012-1649.31.6.997.
- James, W. (1890). *The principles of psychology*. New York: Holt.
- Kagitçibasi, Ç. (1996). The autonomous-relational self: A new synthesis. *European Psychologist, 1*(3), 180-186.
- Kagitçibasi, Ç. (2005). Autonomy and relatedness in culture context: Implications for self and family. *Journal of Cross-Culture Psychology, 36*, 403-422.
- Kagitçibasi, Ç. (2007). *Family, self, and human development across cultures: theory and applications*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kahana-Kalman, R., & Walker-Andrews, A. S. (2001). The role of person familiarity in young infants' perception of emotional expressions. *Child Development, 72*, 352-369. doi:10.1111/1467-8624.00283.
- Kärtner, J., Keller, H., & Yovsi, R. D. (2010). Mother–infant interaction during the first 3 months: The emergence of culture-specific contingency patterns. *Child Development, 81*(2), 540-554.
- Kaye, K., & Fogel, A. (1980). The temporal structure of face-to-face communication between Mothers and Infants. *Developmental Psychology, 16*(5), 454-464.
- Keller, H. (2002). Development as the interface between biology and culture: A conceptualization of early ontogenetic experiences. In H. Keller, Y. Poortinga & A. Schölmerich (Eds.). *Between culture and biology* (pp. 215–240). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Keller, H. (2007). Cultural Models of Parenting. *Cultures of Infancy*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

- Keller, H. (2014). Introduction: Understanding relationships - what we would need to know to conceptualize attachment as the cultural solution of a universal developmental task. In H. Otto & H. Keller (Eds.). *Different Faces of Attachment: Cultural Variations on a Universal Human Need* (pp. 1-25). Cambridge: Cambridge University Press. doi: 10.1017/CBO9781139226684.002.
- Keller, H. (2016). Psychological autonomy and hierarchical relatedness as organizers of developmental pathways. *Philosophical Transactions of the Royal Society B*, 371, (1686), 1-9. doi: 10.1098/rstb.2015.0070.
- Keller, H., & Otto, H. (2009). The cultural socialization of emotion regulation during infancy. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 40(6), 996-1011.
- Keller, H., & Kärtner, J. (2013). Development: the cultural solution of universal developmental tasks. In M. J. Gelfand, C. Chiu & Y. Hong. *Advances in Culture and Psychology* (pp. 63-117). NY: Oxford University Press.
- Klaus, M. H., & Kennell, J. H. (1993). *Pais/bebê: a formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Koo, T. K., & Li, M. Y. (2016). A guideline of selecting and reporting intraclass correlation coefficients for reliability research. *Journal of Chiropractic Medicine*, 15, 2, 155-63. ISSN 1556-3707, <https://doi.org/10.1016/j.jcm.2016.02.012>.
- Ledoux, J. (2001). *Cérebro Emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Lewis, M. (2010). The emergence of human emotions. In M. Lewis, J. M. Haviland-Jones & L. F. Barrett (Eds). *Handbooks of Emotions* (pp. 304-319). NY: The Guildford Publications.
- Leyendecker, B., Harwood, R. L., Lamb, M. E., & Schoelmerich, A. (2002). Mothers' socialisation goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. *International Journal of Behavioral Development*, 26(3), 248-258.
- Lorenz, K. (1971). *Studies in animal and human behavior*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Macarini, S. M., Martins, G. D. F., Sachetti, V. A. R., & Vieira, M. L. (2010). Etnoteorias parentais: um estudo com mães residentes no interior e na capital de Santa Catarina. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 37-45. doi.org/10.1590/S0102-79722010000100006.
- Mehu, M., & Dunbar, R. I. M. (2008). Naturalistic observations of smiling and laughter in human group interactions. *Behaviour*, 145(12), 1747-1780.
- Mendes, D. M. L. F. (2009). As expressões emocionais e o desenvolvimento inicial. In M. L. Seidl-de-Moura, D. M. L. F. Mendes & L. F. Pessoa (Org). *Interação Social e Desenvolvimento*. (Cap. 3, pp. 71-85). Curitiba: CRV.

- Mendes, D. M. L. F. (2017). Emoções dos bebês. In C. A. Piccinini, K. Seabra & V. M. R. de Vasconcellos. *Bebês na creche* (pp. 81-92). Curitiba: Juruá.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2009). Expressões faciais de emoção em bebês: importância e evidências. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(2), 307-327.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2013a). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 18(1), 15-25.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2013b). Emotion, affection, and maternal speech in parental care. In *Parenting in South American and African Contexts*. doi: [10.5772/57337](https://doi.org/10.5772/57337).
- Mendes, D. M. L. F., & Cavalcante, L. I. C. (2014). Modelos de self e expressão emocional em bebês: concepções de mães e outras cuidadoras. *Psico*, 45(1), 110-119.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2014). Different kind of infant's smiles in the first six months and contingency to maternal affective behavior. *Spanish Journal of Psychology*, 17(80), 1-12.
- Mendes, D. M. L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2015). Facial Expressions in mother-baby interactional contexts and emotional development. In B. Flores (Ed.). *Baby interactional contexts and emotional developmental facial expressions: recognition, developmental differences, and social importance* (pp. 91-108). NY: Nova Science Publishers, Inc.
- Mendes, D. M. L. F., Sant'Anna, J. L., & Ramos, D.O. (2019). Metas parentais de socialização sobre emoções. um estudo exploratório. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 19(3), 686-703. ISSN 1808-4281.
- Menegatti, C. L., Löhr, M. A. D., & Pianovski, S. D. (2016). Interações iniciais entre pais, mães e bebês de zero a três anos: Revisão de literatura. *Estudos de Psicologia* (Natal), 21(4). doi: [10.5935/1678-4669.20160037](https://doi.org/10.5935/1678-4669.20160037).
- Miguel, F. K. (2015). Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF*, 20(1) 153-162. doi: [10.1590/1413-82712015200114](https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114).
- Miller, S. A., & Harwood, S. L. (2001). Long term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 25(5), 450-457.
- Monnot, M., Foley, R., & Ross, E. (2004). Affective prosody: Whence motherese. *Behavioral & Brain Sciences*, 27(4), 518-519.
- Neder, K., Ferreira, L.D. M. P., & Amorim, K. S. (2020). Coconstrução do apego no primeiro semestre de vida: o papel do outro nessa constituição. *Psicologia USP*, 31, e190143. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e190143>.
- Oliva, A. D., Martins, G. D. F., Mendes, D. M. L. F., & Vieira, M. L. (2017). Aspectos biológicos e culturais sobre o desenvolvimento infantil e cuidados parentais. In M. L. Vieira & A. D. Oliva (Orgs.). *Evolução, Cultura e Comportamento* (pp. 159-219). Florianópolis: Edições do Bosque.

- Oliveira, D. C. (2008). Análise de Conteúdo Temático Categorical: Uma proposta de sistematização. *Revista de Enfermagem da UERJ*, 16(4), 569-76.
- Otta, E. (1994). *O sorriso e seus significados*. Petrópolis: Vozes.
- Otta, E., & Sarra, S. (1990). Um estudo sobre o sorriso e o riso em crianças de quatro a cinco anos. *Psicologia USP*, 1, 13-24.
- Pessôa, L. F., & Seidl-de-Moura, M. L. (2008). Características pragmáticas da fala dirigida a crianças em contextos interativos de díades mãe-bebê de cinco e 20 meses. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 82-95.
- Piccinini, C. A., Bosa, C., Chaon, V., Oliveira, E. F., Pinto, E. B., Ribas, A.F. P., ... Sherman, L. (2001). Diferentes Perspectivas na análise da interação pais-bebê-criança. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485.
- Rezende, C. B., & Coelho, M. C. (2010). *Antropologia das emoções*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Ribeiro, F. L., Bussab, V. S. R., & Otta, E. (2004). De colo em colo, de berço em berço. In M. L. Seidl-de-Moura (Org.). *O bebê do século XXI e a psicologia do desenvolvimento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rochat, P. (2001). *The Infant's world*. Cambridge/London: Routledge and Keagan Press.
- Rochat, P. (2007). Intentional action arises from early reciprocal exchanges. *Acta Psychologica*, 124(1), 8-253.
- Rochat, P. (2015). Self-conscious roots of human normativity. *Phenomena Cognitive Science*. Doi10.1007/s11097-015-9427-x.
- Rochat, P., & Striano, T. (2000). Perceived self in infancy. *Infant Behavior & Development*, 23(3-4), 513-530. [doi.org/10.1016/S0163-6383\(01\)00055-8](https://doi.org/10.1016/S0163-6383(01)00055-8).
- Rochat, P., Querido, J. G., & Striano, T. (1999). Emerging sensitivity to the timing and structure of protoconversation in early infancy. *Developmental Psychology*, 35, 950-957.
- Sant'Anna, J. L., & Mendes, D. M. L.F. (2017). Metas de socialização e práticas educativas de mães de crianças com câncer: um estudo comparativo com mães de crianças sem diagnóstico de doença. *Psicologia Clínica*, 29(1), 111-132.
- Seidl de Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento sociocultural e evolucionista. In F. A. R. Pontes, R. C. S. Brito & C. M. C. Magalhães (Orgs.). *Temas pertinentes na construção da psicologia contemporânea* (pp. 15-41).
- Seidl-de-Moura, M. L. (2009). Introdução. Interações Sociais e Desenvolvimento. In M. L. Seidl-de-Moura, D. M. L. F. Mendes & L. F. Pessôa (Orgs.). (2009). *Interação social e Desenvolvimento*. Curitiba: CRV.

- Seidl-de-Moura, M. L. (2011). Algumas reflexões sobre a Psicologia do Desenvolvimento e sua importância no estudo da mente e comportamentos humanos. In S. M. G. Gondim & A. M. Chaves. *Práticas e Saberes Psicológicos e suas Conexões* (Vol. 1, pp.163-206). Salvador: UFBA.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2017). O bebê: de que ele é capaz? In C.A. Piccinini, K. Seabra & V. M. R. de Vasconcellos (orgs.). *Bebês na creche: contribuições da psicologia do desenvolvimento* (pp. 27-38). Curitiba: Juruá.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2004). Evidências sobre características de bebês recém-nascidos: um convite a reflexões teóricas. In M. L. Seidl-de-Moura (Org.). *O bebê do século XXI e a psicologia do desenvolvimento* (pp. 21-60). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2012). *Bebês recém-nascidos. Ciência para conhecer e afeto para cuidar*. Curitiba: Juruá.
- Seidl-de-Moura, M. L., Lordelo, E., Vieira, M. L., Piccinini, C. A., Siqueira, J. O., Magalhães, C. M. C., ... Rimoli, A. (2008a). Brazilian mother's socialization goals: intracultural differences in seven Brazilian cities. *International Journal of Behavioral Development*, 32(6), 465-472.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Nogueira, S. E, Pessoa, L. F., Mendes, D. M. L. F., ... Vicente, C. C. (2008b). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 66-73.
- Seidl-de-Moura, M. L., Bandeira, T. T., Campos, K. N., Cruz, E.M., Amaral, G., & Marca, R. G. (2009). Parenting cultural models of a group of mothers from Rio de Janeiro. *The Spanish Journal of Psychology*, 12(2), 506-517. doi: 10.1017/S1138741600001888.
- Seidl-de-Moura, M. L., Mendes, D. M. L. F., Pessôa, L. F., & Marca, R. G. C. (2011). Regulação dos estados de vigília de bebês (um e cinco meses) em contextos diádicos mãe-bebê. *Psicologia em Pesquisa*, 5(1), 51-60.
- Simion, F., & Giorgio, E. D. (2015). Face perception and processing in early infancy: inborn predispositions and developmental changes. *Frontiers in psychology*, 6, 969. doi:10.3389/fpsyg.2015.00969.
- Soussignan, R., Dollion, N., Schaal, B., Durand, K., Reissland, N., & Baudouin, J.-Y. (2018). Mimicking emotions: how 3–12-month-old infants use the facial expressions and eyes of a model, *Cognition and Emotion*, 32:4, 827-842. doi:10.1080/02699931.2017.1359015.
- Striano, T., & Reid, V. M. (2006). Social cognition in the first year. *Trends in Cognitive Sciences*, 10(10), 471-476.
- Sullivan, M. W., & Lewis, M. (2003). Emotional expressions of young infants and children. A practitioner's primer infants and young children. *Infants and Young Children*, 16(2) 120-142.

- Tamis-LeMonda, C. S., Wang, S., Koutsouvanou, E., & Albright, M. (2002). Childrearing values in Greece, Taiwan, and the United States. *Parenting Science and Practice, 2*, 185-208.
- Tamis-LeMonda, C. S., Way, N., Hughes, D., Yoshikawa, H., Kalman, R. K., & Niwa, E. Y. (2008). Parents' goals for children: The dynamic coexistence of individualism and collectivism in cultures and individuals: Topic review. *Social Development, 17*(1), 183-209. doi: 10.1111/j.1467-9507.2007.00419. x.
- Tamis-LeMonda, C. S., Kuchirko, Y. L., & Song, L. (2014). Why is infant language learning facilitated by parental responsiveness? *Current Directions in Psychological Science, 23*(2), 121-126. doi: 10.1177/0963721414522813.
- Tomasello, M. (2003). *Origens Culturais do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Thompson, R. A. (2015). Doing it with feeling: The emotion in early socioemotional development. *Emotion Review, 7*(2), 121-125.
- Trevarthen, C. (1974). Conversations with a two-month-old. *New Scientist, 2*, 230-235.
- Trevarthen, C. (1998). The concept of foundations of infant intersubjectivity. In S. Braten (Org.). *Intersubjectivity communication and emotion in early ontogeny* (pp.15-46). Cambridge: Cambridge University Press.
- Trevarthen, C. (2011). What is it like to be a person who knows nothing? Defining the active intersubjective mind of a newborn human being infant and child development. *Infant and Child Development, 20*, 119-135. <http://dx.doi.org/10.1002/icd.689>.
- Vieira, M. L., & Prado, A. B. (2004). A abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. In M. L. Seidl-de-Moura (Org.). *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento* (pp. 155-203). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vieira, M., Seidl-de-Moura, M., Macarini, S., Martins, G., Lordelo, E., Tokumaru, R., & Oliva, A. (2010). Autonomy and interdependence: beliefs of brazilian mothers from state capitals and small towns. *The Spanish Journal of Psychology, 13*(2), 818-826. doi: 10.1017/S113874160000247X.
- Vygotsky, L. S. (1991). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.
- Waters, E., & Cummings, E. M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development, 71*(1), 162-172. doi: 10.1111/1467-8624.00130.
- Wörman, V., Holodynski, M., Kärtner, J., & Keller, H. (2012). A cross-cultural comparison of the development of the social smile. A longitudinal study of maternal and infant imitation in 6 and 12-week-old infants. *Infant Behavior & Development, 35*, 335-34.

APÊNDICE A – Formulário de Identificação Criança-/Mãe (FIP)

Código: _____

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome da criança: _____

Data de nascimento da criança: ____ / ____ / ____

Nome da mãe: _____

Data de nascimento da mãe: ____ / ____ / ____

Endereço: _____

Telefone: _____

e-mail: _____

Mãe indicada por: _____

Telefone: _____

E- mail: _____

OBS: _____

APÊNDICE B – Formulário de Dados Sociodemográficos (FDSD)

Código: _____

Mãe

1) Idade: _____ anos

2) Escolaridade

	Não alfabetizado
	Ensino fundamental incompleto: primário incompleto
	Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto
	Ensino fundamental completo Ensino médio incompleto
	Ensino médio completo
	Ensino superior incompleto
	Ensino superior completo
	Pós-graduação
	Não sabe

3) Estado civil:

	Solteiro (a)
	Casado (a)/ União estável
	Separado (a)/divorciado(a)
	Viúvo (a)

4) Profissão: _____

5) Atividade atual: _____

6) Onde você nasceu: _____

7) Onde você foi criada: _____

8) Com que idade teve o primeiro filho: _____

Criança

9) Sexo: () Masculino () Feminino

10) Idade: _____ meses e _____ dias

APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de consentimento livre e esclarecido

Prezada senhora: Vimos convidá-la a participar e pedir sua autorização para que seu filho (a) participe de uma pesquisa que tem como título “Trocas afetivas mãe-bebê e metas de socialização emocional”, a ser realizada pela doutoranda Clarice Bieler, regularmente matriculada no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, vinculado a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

A pesquisa tem como objetivo analisar as trocas afetivas estabelecidas nas interações mãe-bebê, com bebês de dois a três meses de idade, e relacionadas tanto aos comportamentos afetivos maternos, como às expressões emocionais do bebê dirigidas à mãe. A pesquisa também tem como objetivo analisar as possíveis associações entre os comportamentos afetivos maternos nas trocas afetivas com o bebê e as metas maternas de socialização de emoções. Estudos já realizados trazem evidências tanto do papel ativo dos bebês, desde o nascimento, nas interações com suas mães, como da importância das mudanças que ocorrem em torno dos dois meses de idade. Nesta idade, os bebês demonstram uma crescente habilidade para manter sua atenção visual por maiores períodos, permitindo interações afetivas com suas mães ou cuidadores, que por sua vez, também passam a interagir e expressar mais afeto com os bebês.

Para que você possa decidir se dará autorização para que seu filho (a) participe desse estudo, precisa conhecer seus benefícios, riscos e implicações.

OBJETIVO DO ESTUDO

Este estudo se propõe a analisar trocas afetivas e tentativas de trocas entre mães e bebês de dois a três meses de idade, em relação às expressões emocionais do bebê e analisar comportamentos afetivos maternos dirigidos ao bebê. Propõe-se também a analisar as possíveis associações entre as expressões emocionais do bebê e comportamentos afetivos maternos e metas maternas de socialização de emoções.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO

Se você concordar em autorizar a participação de seu filho (a) nesse estudo, além de assinar este Termo de Consentimento e o Termo de Autorização para Uso de Imagens de Vídeo, preencherá dois instrumentos necessários à realização dessa pesquisa, que são: (1) Formulário de Identificação (com dados básicos, como nome, data de nascimento e dados de

contato dos participantes); e (2) Formulário de dados sociodemográficos.

RISCOS

A participação nesse projeto, em princípio, não traz qualquer tipo de risco ou desconforto ao participante. De todo modo, fica claro que os participantes poderão desistir da pesquisa a qualquer momento, e caso manifestem algum desconforto as observações poderão ser interrompidas, sem qualquer prejuízo aos participantes.

BENEFÍCIOS

Você não será remunerado por participar dessa pesquisa ou obterá benefícios diretos, porém, com a realização dela, espera-se ampliar o conhecimento a respeito da importância do estabelecimento de trocas afetivas no desenvolvimento inicial, das expressões emocionais de bebês dirigidas às mães e dos comportamentos afetivos maternos dirigidos ao bebê, assim como das metas maternas para a socialização de emoções. Acredita-se que essa pesquisa possa suscitar novos estudos e discussões sobre o tema das trocas afetivas entre mães e bebês e, com isso, também mobilizar o poder público para que pense novas estratégias que contribuam para a promoção do desenvolvimento emocional de bebês.

CARÁTER CONFIDENCIAL DOS REGISTROS

A pesquisadora irá tratar a identidade dos bebês com padrões profissionais de sigilo. Não será liberado o nome ou o material que os identifique especificamente, bem como sua participação sem a sua permissão. As informações prestadas serão usadas apenas para fins de estudo e pesquisa, e todas, à exceção das prestadas no Formulário de Identificação, serão identificadas por um código e não por nome.

CUSTOS

Não haverá qualquer custo ou forma de pagamento pelo seu consentimento, nem pela sua participação no estudo.

BASES DA PARTICIPAÇÃO

Seu consentimento e participação neste estudo são completamente voluntários e você pode recusar-se a assinar esse termo, bem como poderá interromper a participação das crianças a qualquer momento durante a atividade, sem penalidades.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTOS

Sinta-se à vontade para fazer perguntas a qualquer momento do estudo. Neste caso, por favor, entre em contato com a pesquisadora Clarice Bieler pelo telefone (221) 98101-8719 ou no seguinte endereço: Rua São Francisco Xavier, 524, 10º andar – Bloco F, sala 10.004, Maracanã – RJ, CEP: 20550-900. Se tiver perguntas com relação a seus direitos como participante do estudo, também pode contar com contatos imparciais com a Comissão de

APÊNDICE E – Permissão para utilização de imagens em vídeo

Pesquisa: Trocas afetivas de crianças entre mães e bebês e metas de socialização de emoções. Pesquisadora: Clarice Bieler

Eu, por meio deste formulário, dou à pesquisadora Clarice Bieler, à sua orientadora Prof^a. Dra. Deise Maria Leal Fernandes Mendes e membros de seu grupo de pesquisa, a permissão para o uso dos dados a serem obtidos através de filmagens e colhidos para pesquisa sobre trocas afetivas entre mães e bebês e metas de socialização de emoções. A permissão é para que as filmagens ou trechos delas possam ser utilizados em eventos ou encontros científicos para ilustrar aspectos do desenvolvimento infantil no contexto do estudo, em debates entre grupos de pesquisa ou ainda para fins de ensino. Fotografias geradas a partir das imagens em vídeo podem também ser utilizadas, para os mesmos fins. Em ambos os casos, os rostos serão borrados utilizando-se um efeito de um programa de computador. Eu estou ciente de que os bebês e as mães que participarem dessa pesquisa não serão identificados por seus nomes, e quando os participantes forem chamados pelo nome durante a filmagem, a pesquisadora se compromete a retirar o som referente aos seus respectivos nomes, quando o vídeo for mostrado.

Nome do (a) responsável:

Local e data:

(Assinatura da mãe/responsável)

Clarice Bieler (pesquisadora)

APÊNDICE F – Carta convite às mães**Trocas afetivas mãe-bebê e metas de socialização de emoções****Convite**

Sou integrante dos grupos de pesquisa “Interação Social e Desenvolvimento” e “Desenvolvimento Socioemocional e Parentalidade”, ambos sob coordenação da Prof^ª Dra. Deise Maria Leal Fernandes Mendes (docente-pesquisadora da UERJ) e cadastrados no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UERJ, com orientação da Prof^ª. Deise. Estou desenvolvendo um estudo sobre trocas afetivas entre mães e bebês e sobre as metas que as mães têm para o desenvolvimento das emoções de seus filhos. Acreditamos que esta pesquisa é importante, pois trará informações sobre como os bebês se desenvolvem do ponto de vista emocional e como as mães esperam que eles sejam no futuro, do ponto de vista das emoções.

Estamos entrando em contato com mães de bebês de dois a três meses de idade, que vivem na cidade do Rio de Janeiro e entorno. Gostaríamos de saber se você aceita fazer parte dessa pesquisa e autoriza seu filho(a) a participar. As informações coletadas nesse estudo são confidenciais. Você participará preenchendo dois formulários e assinando dois termos (em anexo), nos quais você concorda com a sua participação e a de seu bebê, e autoriza o uso de imagens de vídeo. Em seguida, será realizada e gravada uma entrevista, em que será pedido que você responda, oralmente, a quatro perguntas. A entrevista será conduzida pela pesquisadora, na sua residência, no mesmo dia em que ocorrer a observação. As informações coletadas nesse estudo são confidenciais.

Será também realizado um procedimento de observação das interações entre você e seu bebê, na sua residência, em dia e hora de sua conveniência, visando observar trocas afetivas realizadas. Essa parte terá duração de 20 minutos. Juntamente com essa carta, são encaminhados dois documentos (Termo de consentimento livre esclarecido e Autorização para uso de imagens de vídeo) que você deve assinar, caso concorde em participar com seu bebê.

Em caso de qualquer dúvida entre em contato conosco. Muito obrigada!

Clarice Bieler (UERJ): (21) 98101-8719. E-mail: cbieler95@gmail.com.